



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA TATIANE DE SOUZA

**USO DA WEB RÁDIO ESCOLAR COMO POSSIBILIDADE PARA MUDANÇA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO DISCURSO DO PROFESSOR**

CURITIBA

2017

CAMILA TATIANE DE SOUZA

**USO DA WEB RÁDIO ESCOLAR COMO POSSIBILIDADE PARA MUDANÇA DA
PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO DISCURSO DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, no Curso de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Nuria Pons Vilardell Camas

CURITIBA

2017

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Souza, Camila Tatiane de

Uso da *Web* Rádio Escolar como possibilidade para a Mudança da Prática Pedagógica a partir do Discurso do Professor. / Camila Tatiane de Souza. – Curitiba, 2017.

126 f.

Orientadora: Prof. Dr. Nuria Pons Vilardell Camas.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Educação – Básica. 2. *Web* Rádio. I. Título.

CDD 372



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

AVALIAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE
ENSINO

Mestrando(a): CAMILA TATIANE DE SOUZA

Título da Dissertação: USO DA WEB RÁDIO ESCOLAR COMO POSSIBILIDADE
PARA MUDANÇA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DO DISCURSO DO
PROFESSOR

Integrantes da Banca Examinadora	ASSINATURA	APRECIÇÃO
NURIA PONS VILARDELL CAMAS (UFPR)		Aprovada
MÔNICA DOS SANTOS MANDAJI (UNIP)	Participação por Parecer/Skype 	Aprovada
ROSSANO SILVA (UFPR)	Assinatura Presidente da Banca 	Aprovado

Curitiba, 03 de Agosto 2017

Dedico esse trabalho a todos os profissionais da Educação que, em tempos tão difíceis, acreditam na escola pública e trabalham diariamente por uma escola democrática, inclusiva, diversa e essencialmente humana.

AGRADECIMENTOS

Diversas foram as pessoas que incentivaram e colaboraram de alguma forma para a realização desta pesquisa, a elas escrevo este agradecimento.

Obrigada aos meus PROFESSORES e PROFESSORAS, que me alfabetizaram, que me estimularam a estudar, que ao longo de toda a minha vida, de diferentes formas e diversos níveis e modalidades de ensino, cultivaram em mim o desejo de sempre aprender.

Obrigada aos meus PROFESSORES E PROFESSORAS, que fizeram parte da minha construção e desenvolvimento como PROFESSORA.

Obrigada aos meus PROFESSORES E PROFESSORAS que um dia se tornaram meus colegas de trabalho e que ainda continuaram contribuindo para minha formação.

Ao PROFESSOR participante da pesquisa, pelo aceite e por estar sempre aberto e disposto em contribuir.

Aos meus amigos PROFESSORES E PROFESSORAS colegas de mestrado por suas constantes contribuições.

Aos PROFESSORES que me orientaram nas bancas de qualificação e de defesa.

Obrigada à PROFESSORA que me orientou nesta etapa de formação inicial como pesquisadora.

A toda minha família que foram meus PROFESSORES da vida.

Deixo aqui meu sincero MUITO OBRIGADA!



"A minha mensagem é simples: mais do que uma geração tecnicamente capaz, nós precisamos de uma geração capaz de questionar, capaz de repensar o país e o mundo. Mais do que gente preparada para dar respostas, precisamos de capacidade para fazer perguntas".

COUTI, Mia. "Os sete sapatos sujos". Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

RESUMO

A presente dissertação insere-se na linha de pesquisa: Teorias e Práticas de Ensino na Educação Básica, do Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática do Ensino, da Universidade Federal do Paraná. O trabalho se desenvolveu visando responder o questionamento: como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças sua prática pedagógica? Traçou-se como objetivo geral: analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica. A construção do referencial teórico iniciou-se com uma discussão sobre as tecnologias da informação e comunicação e suas possíveis relações com a educação, baseado em Camas (2012), Citelli (2004), Moran (2000), Kenski (2007) e Sancho (2007). Fazendo-se uma contextualização histórica, destacou-se a criação do rádio e sua evolução até chegar a definição de web rádio e a reflexão sobre suas possíveis potencialidades para a mudança da prática pedagógica, tendo como referencial teórico Assumpção (1999, 2001, 2009) e Baltar (2012). Descreveu-se o processo de conhecimento de diretrizes, normalizações e instruções para a existência e permanência de rádio e web rádio escolares, em escolas públicas estaduais do Paraná. A pesquisa empírica e exploratória é de abordagem qualitativa (MINAYO, 2009 e CHIZZOTTI, 2000). Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: observação, diário de campo e entrevista (LUDKE e ANDRÉ, 2015 e GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Utilizou-se a Análise do Discurso (AD), de acordo com Orlandi (2015), para a interpretação dos dados coletados, em pesquisa. As condições pesquisadas permitem inferir que neste trabalho não se esgotam as possibilidades de pesquisa sobre o tema, mas, percebe-se um caminho possível para um professor, ou seja, um professor que tem a intenção de fazer melhor, que busca a integração de diferentes agentes educativos à sua ação, que avalia e reformula sua linguagem em sala de aula e por consequência repensa sua postura e corporeidade, construindo assim diferentes formas e possibilidades para constante mudança da prática pedagógica.

Palavras chave: Web Rádio e Educação Básica. Prática Pedagógica. Formação de Professores. Tecnologias da Informação e Comunicação. Educação e Tecnologia.

ABSTRACT

This dissertation is inserted in the research line: Theories and Practices of Teaching in Basic Education, of Federal University of Paraná's Post-Graduate Program in Education, Theory and Teaching Practice. The research was developed in order to answer the question: how does a teacher who engages in the production of a school web radio, in a state public school, identify possible changes in his/her pedagogical practice? Its main goal was to analyze the teacher's speech involved in the production and use of a school radio web, in a school chosen in the county of Pinhais, which is located in the metropolitan area of Curitiba, with regard to possible changes in pedagogical practice. The construction of the theoretical reference began with a discussion about information and communication technologies and their possible relations with education, based on Camas (2012), Citelli (2004), Moran (2000), Kenski (2007) and Sancho (2007). Being made the historical context, we highlighted the creation of the radio and its evolution; we came to the definition of web radio and to the reflection on its possible potentialities to change pedagogical practice, having as theoretical reference Assumpção (1999, 2001, 2009) and Baltar (2012). The process of knowledge on guidelines, rules and instructions for the existence and permanence of radio and school web radio in public state schools of Paraná was described. The empirical and exploratory research is based on a qualitative approach (MINAYO, 2009 and CHIZZOTTI, 2000). The instruments used to collect data were: observation, field diary and interview (LUDKE and ANDRÉ, 2015 and GERHARDT and SILVEIRA, 2009. Discourse Analyses (DA), according Orlandi (2015), was used in the interpretation of collected data, during the research. The researched conditions allow us to infer that the possibilities for research do not come to an end in this study, indeed, they show a possible path for a teacher, that is, a teacher who intends to do better, who seeks the integration of different Educational agents to their action, which evaluates and reformulates their language in the classroom and consequently rethinks their posture and corporeality, thus constructing different forms and possibilities for a constant change in pedagogical practice.

Keywords: Web Radio and Basic education. Pedagogical Practice. Teacher Education. Information and Communication Technologies. Education and Technology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 -	PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO	29
FIGURA 2 -	PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO PARA ALUNOS.....	30
FIGURA 3 -	PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO PARA EDUCADORES.....	30
FIGURA 4 -	PÁGINA DA WEB RÁDIO ESCOLA.....	31
FIGURA 5 -	POSSIBILIDADE DE ACESSO À PROGRAMAÇÃO DA WEB RÁDIO ESCOLA.....	33
FIGURA 6 -	INTERCONEXÃO DOS DESCRITORES DE ANÁLISE.....	45

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS DA CAPES.....	13
QUADRO 2 -	LISTA DE PROGRAMAS DA WEB RÁDIO ESCOLA.....	31
QUADRO 3 -	MOMENTOS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36

LISTA DE SIGLAS

AD	- Análise do Discurso
APC	- Ambiente Pedagógico Colaborativo
AVA	- Ambientes Virtuais de Aprendizagem
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCE	- Diretrizes Curriculares Estaduais
NRE	- Núcleo Regional de Educação
SEED	- Secretaria Estadual de Educação do Paraná
TIC	- Tecnologias de Informação e Comunicação
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 CAMINHOS DA PROFESSORA AGORA, TAMBÉM, PESQUISADORA.....	1
1.2 CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	3
1.2.1 Definindo os objetivos, metodologia e a estrutura da dissertação	6
2 WEB RÁDIO NA ESCOLA: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO	8
2.1 MARCO TEÓRICO: MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES.....	11
2.2 RÁDIO E A WEB RÁDIO: DA CRIAÇÃO AOS USOS.....	16
2.3 RÁDIO E A EDUCAÇÃO	18
2.4 WEB RÁDIO ESCOLAR.....	23
2.5 WEB RÁDIO ESCOLAR: INCENTIVOS E POLÍTICAS PARA ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ	27
2.5.1 Leitura e conhecimento dos documentos.....	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLITICOS DA PESQUISA.....	35
3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	35
3.2 MOMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	36
3.3 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	38
3.3.1 Relato de conhecimento do objeto e sujeito de pesquisa.....	38
3.3.2 O sujeito de pesquisa	42
3.3.3 Procedimentos de definição dos descritores para a análise do discurso	43
3.3.4 Análise e discussão dos dados a partir dos descritores	45
3.3.4.1 Intencionalidade.....	45
3.3.4.2 Integração	48
3.3.4.3 Linguagem	53
3.3.4.4 Mudança da prática pedagógica.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	64
REFERÊNCIA DAS IMAGENS DOS INFOGRÁFICOS	71
APÊNDICES	72
APÊNDICE 1 - INFOGRÁFICO 1 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NA DÉCADA DE 1920.....	73

APÊNDICE 2 – INFOGRÁFICO 2 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NA DÉCADA DE 1930.....	74
APÊNDICE 3 – INFOGRÁFICO 3 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1940 E 50	75
APÊNDICE 4 – INFOGRÁFICO 4 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS 1960 E 70	76
APÊNDICE 5 – INFOGRÁFICO 5 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS 1980 E 90	77
APÊNDICE 6 – INFOGRÁFICO 6 – HISTÓRICO DE AÇÕES QUE VISAM AGRUPAR AS DIFERENTES TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO PARANÁ.....	78
APÊNDICE 7 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SUJEITO DA PESQUISA	79
APÊNDICE 8 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA DO SUJEITO DA PESQUISA.....	80
APÊNDICE 9 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO SUJEITO DA PESQUISA ..	81
ANEXOS.....	108
ANEXO 1 – FORMATO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ATIVIDADE COMPLEMENTAR CURRICULAR EM CONTRATURNO	109
ANEXO 2 – RESUMO EXPLICATIVO DAS NORMAS COMPILADAS E DOS EXEMPLOS APRESENTADOS POR MARCUSCHI APUD MANZINI (2006, P. 8-10)	112

1 INTRODUÇÃO

A presente seção pretende apresentar a justificativa e a problemática deste trabalho. Para isso, são relatadas as motivações, caminhos e necessidades para a realização do trabalho. Por fim definem-se os objetivos, metodologia e a estrutura da dissertação.

Peço licença aos leitores para iniciar este trabalho com um breve relato de vida, pois é a partir dele que poderão ser compreendidas as minhas motivações para cursar o Mestrado Profissional em Educação e as justificativas para a escolha do tema proposto¹.

1.1 CAMINHOS DA PROFESSORA AGORA, TAMBÉM, PESQUISADORA

Durante a minha infância desenvolvi o interesse por observar as pessoas. Ainda pequena me dedicava ao silêncio para perceber distintos comportamentos dos seres humanos nas mais diversas situações. Tal conduta me levou a ver as relações sociais de diferentes modos. Muitas das ações observadas enquanto criança, só fui entender quando adulta. Outras, ainda hoje, não compreendo.

Observar as pessoas, portanto, despertava-me mais dúvidas do que respostas. Queria saber o porquê das ações, das reações, dos preconceitos ou por que grupos se uniam ao mesmo tempo em que excluía outras pessoas.

Esta postura despertou-me a necessidade de dar mais atenção aos meus professores, pessoas que para uma criança pareciam saber de tudo e que tinham todas as respostas. Observá-los despertou em mim um misto de admiração e curiosidade que, por sua vez, resultou em uma vontade de ser igual a eles.

Tudo isso me levou ao curso Normal ou Magistério, onde iniciei minha formação como professora. Estudos que também trouxeram até mim os fundamentos da psicologia, da filosofia, da sociologia com suas práticas e seus teóricos. Foi nessa época, então, que percebi que não era tão estranha quanto achava, pois outras pessoas também eram observadoras e, claro, questionavam o mundo em que viviam. Isto despertou meu interesse pelas Ciências Humanas.

¹ Este item da seção 1 da dissertação é escrito em primeira pessoa, pois se entende que contar a própria história exige colocar-se enquanto sujeito histórico das próprias memórias.

Nesse período percebi também que os professores não tinham todas as respostas e não sabiam de tudo. Quando me tornei professora descobri que pequenas crianças de 3 anos de idade poderiam fazer perguntas e criar situações que, mesmo sendo uma educadora, não saberia resolver.

Diante desta experiência passei a compreender muitos dos adultos que viviam perto de mim, quando na minha infância e que tinham dificuldade de atender às minhas ansiosas perguntas.

Ao trabalhar com crianças menores de 5 anos de idade, atentei-me para uma grande dificuldade pessoal: a comunicação. Minha fala, meus gestos não me faziam ser entendida pelos pequenos. Com frequência me via na situação em que eu “dava um comando” e a criança ficava estática, na minha frente, sem saber o que fazer. Tal reação me parece óbvia hoje em dia, afinal, damos comandos a máquinas e não às pessoas.

Este foi o momento de parar, analisar como minhas colegas mais experientes agiam e, claro, observar a mim mesma, buscando entender o que eu fazia ou não.

Percebi, então, a necessidade de adaptar o vocabulário, os gestos, a postura, o olhar e até as roupas, pois aquelas crianças que estavam diante de mim reagiam ao mundo conforme as suas experiências e era a partir delas que poderiam aprender.

Um tempo se passou e a prática como professora de educação infantil reforçou o antigo interesse, nunca esquecido, de estudar mais as ditas Ciências Humanas. Assim, segui para a Licenciatura em História.

Durante a graduação, meu interesse por observar as pessoas cresceu ainda mais, pois ao estudar os diferentes períodos da história era possível identificar cada vez mais os porquês dos comportamentos, das ações, das reações dos grupos sociais contemporâneos.

Ao começar a trabalhar com o público adolescente de ensino fundamental e médio, vi-me diante de situações que despertavam novas observações e questionamentos.

Reencontrei meus antigos professores, agora colegas de profissão, e foi aí que tive a certeza: os meus professores não sabiam de tudo e nem tinham todas as respostas. Percebi que aqueles que mantêm a certeza de que ainda podem melhorar, de que ainda têm muito a aprender, eram justamente os que eu mais admirava. Inspirada por eles, na escola pública, passei a me dedicar ao desenvolvimento de atividades que despertassem o interesse em meus alunos.

Eu percebia, como resultado das minhas observações e questionamentos, que para estes jovens o que menos interessava na escola era o que acontecia dentro da sala de aula. Atividades extraclasse, passeios, aulas de campo, palestras, participações em concursos

culturais, todas estas ações despertavam nos adolescentes a vontade de fazer diferente todos os dias.

Neste momento entrei em contato com uma atividade que para mim era novidade: o desenvolvimento de uma web rádio² escolar. Interessei-me pela ideia. De imediato lembrei-me de como o rádio funciona, sua dinâmica e presença. Lembrei-me, principalmente, da figura do radialista/locutor, uma pessoa que precisa falar para diferentes públicos, com diferentes experiências, com conhecimentos diversos. No entanto, tudo ao mesmo tempo sem distinções e inferiorizações. Nossa! Como isso me lembra o ser professor.

Observar o desenvolvimento daquela atividade, muitas vezes, à distância ou apenas como ouvinte da programação, despertou em mim a necessidade de fazer mais. Dessa maneira, observar já não bastava. Era preciso compreender, ou seja, saber se este tipo de atividade era justamente o que a escola precisava para romper com estruturas arraigadas e ultrapassadas que apenas reforçam muros invisíveis entre os professores, os alunos e o aprendizado.

Por isso, propus-me a desenvolver-me em caráter de pesquisa científica, pois a necessidade de respostas não era mais apenas para sanar dúvidas particulares, mas de interesse amplo, seja de professores que não sabem de tudo, mas que querem aprender; de alunos que, mesmo diante dos “rompantes” típicos de adolescentes, querem dar o melhor de si, e da comunidade escolar, que embora pareça muitas vezes distante, precisa da escola e reconhece a sua importância. Desse modo, no presente trabalho pretendo pesquisar uma web rádio escolar e suas possíveis contribuições para mudanças da prática pedagógica.

1.2 CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Conforme foi apresentado anteriormente, acompanhar o desenvolvimento de uma web rádio, em uma escola pública da rede estadual de ensino localizada em Pinhais, região metropolitana de Curitiba, despertou o interesse para a construção desta pesquisa.

Por web rádio denominam-se as emissoras radiofônicas que podem ser acessadas por meio de uma URL (*Uniform Resource Locator*/ Localizador Padrão de Recursos) em um endereço na internet, e não mais exclusivamente por uma frequência sintonizada no *dial* de um aparelho receptor de ondas hertzianas.

² Ao longo do trabalho aparecerá a grafia webrádio; rádioweb, web-rádio; rádioweb, porém quando a autora toma a escrita prefere-se usar web rádio, pois é este o termo utilizado nas Diretrizes, Parâmetros Curriculares, Normas e Instruções sobre o uso de tecnologias da informação e comunicação nas escolas, no estado do Paraná.

A motivação inicial de analisar o uso da web rádio escolar foi se justificando a partir de reflexões sobre o rádio como um meio de comunicação, ou seja, instrumentos que auxiliam na recepção e transição de informação, segundo Araújo (2007, p. 1) os meios de comunicação vão “além dos meios impressos, audiovisuais e digitais, outros como a oralidade, a gestualidade, a vestimenta, a arquitetura, a decoração”, também, compõem estes meios.

E mesmo diante dessa diversidade de meios de comunicação e de diferentes avanços tecnológicos, o rádio ainda é presente no cotidiano dos brasileiros de todas as classes sociais, em todos os momentos e lugares, como destaca Citelli:

no caso brasileiro, as distâncias entre cidade e campo, a extensão continental do território, os problemas de escolaridade, sobretudo nos locais mais afastados da rota costeira, fizeram com que o rádio e a televisão se tornassem, na prática, fontes quase únicas para largas camadas da população terem acesso a informação e ao entretenimento. (CITELLI, 2004, p. 150).

A ideia de o rádio e a televisão como fontes quase exclusivas de acesso à informação e entretenimento ganham destaque por saber que, no Brasil, grande parte da população possui pouco acesso à cultura escrita. Como Belloni (2009) explica, “a maioria da população passou diretamente da transmissão oral e pessoal para o rádio e a televisão sem passar pela palavra escrita. Isto, sem dúvida, acresce em nosso país a importância destes dois veículos de comunicação”. (BELLONI, 2009, p. 59).

É possível destacar que os meios de comunicação, que se apresentam como diferentes tecnologias, já estão presentes na escola, assim como estão no cotidiano da sociedade. Pesquisadores interessados em educação percebem nas diferentes tecnologias “a nova oportunidade para repensar e melhorar a educação”. (SANCHO, 2006, p. 19). No entanto, faz-se necessário explicitar o conceito de tecnologia adotado nesta pesquisa como

um processo contínuo através do qual a humanidade molda, modifica e gera a sua qualidade de vida. Há uma constante necessidade do ser humano de criar, a sua capacidade de interagir com a natureza, produzindo instrumentos desde os mais primitivos até os mais modernos, utilizando-se de um conhecimento científico para aplicar a técnica e modificar, melhorar, aprimorar os produtos oriundos do processo de interação deste com a natureza e com os demais seres humanos. (BUENO apud BRITO E PURIFICAÇÃO, 2015, p. 30).

Ao definir tecnologia como processos que resultam em inovações para atender as necessidades humanas, entende-se que “a tecnologia é uma produção basicamente humana, entendendo aqui este termo no sentido de pertencente à espécie humana, próprio da mesma” (SANCHO, 1998. p. 26). Sendo assim, muitas vezes, diferentes tecnologias presentes no cotidiano se tornam despercebidas, como apresenta Almeida (2005, p. 40):

em nosso dia-a-dia empregamos processos e usamos artefatos de forma tão natural que nem nos damos conta de que constituem distintas tecnologias há muito presentes em nossa vida, uma vez que já estão incorporados aos nossos hábitos, como é o caso dos processos empregados para cuidar da higiene e da limpeza pessoal, alimentar-se, falar ao telefone, cozer, etc. Outras tecnologias com as quais convivemos também não se fazem notar, embora se caracterizem como artefatos, tais como canetas, lápis, cadernos, talheres, etc. Outras servem de prótese para estender ou aprimorar nossos sentidos, como óculos, aparelhos de audição, instrumentos de medida e muitos outros. (ALMEIDA, 2005, p. 40).

Nota-se que o conceito de tecnologia é bastante amplo e engloba os mais diversos elementos da sociedade. Por isso, cabe definir como objeto desta pesquisa, em específico, as tecnologias da informação e comunicação (TIC), caracterizadas como o “conjunto das ‘tecnologias portáteis’ que reúnem instrumentos de apresentação visual e sonora e a microinformática capaz de promover o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber, caracterizada pela interatividade”. (SOARES, 1999, p. 37).

Considera-se como tecnologias da informação e comunicação a “televisão e suas variantes (videocassete, DVD, antena aberta, por assinatura), jogos de vídeo (videogames) e de computador, máquinas fotográficas e filmadoras de vídeo, Ipod, MP3, telefones celulares e redes telemáticas” (BÉVORT e BELLONI, 2009, p. 1100), entre outras que possam surgir pelo tempo.

Mesmo diante da diversidade das diferentes tecnologias da informação e comunicação atuais é possível refletir sobre “o papel transformador que o rádio ainda pode ter hoje, no interior da escola, passado mais de um século de sua criação”. (BALTAR, 2012, p. 15).

Neste contexto, pode-se pensar que o rádio e a web rádio, ao serem desenvolvidos na escola, poderão resultar em potencialidades educativas e contribuir para o desenvolvimento de diferentes metodologias de ensino. Entretanto, é preciso entender que simplesmente inserir tecnologias da informação e comunicação na escola não proporcionará as mudanças almejadas, como reflete Sancho (2006):

O que mostra essa facilidade de adaptação das TIC às diferentes perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem é que, em si mesmas, não representam um novo paradigma ou modelo pedagógico. Assim, professores e especialistas em educação tendem a adaptá-las às suas próprias crenças sobre como acontece a aprendizagem. O desafio é que os profissionais da educação mudem de imediato sua forma de conceber e pôr em prática o ensino ao descobrir uma nova ferramenta. Como mostra a história da educação, a administração e os professores costumam introduzir meios e técnicas adaptando-os à sua própria forma de entender o ensino, em vez de questionar suas crenças, muitas vezes implícitas e pouco refletidas, e tentar implantar outras formas de experiência docente. (SANCHO, 2006, p. 22).

Deve-se pensar que ao se propor o uso de tecnologias da informação e comunicação na escola, é preciso questionar e refletir sobre um possível deslocamento do papel - dentre outros - do professor, antes centro da ação educativa, como afirma Camas (2012),

não se trata apenas de um novo meio, está-se diante de uma nova forma de pensar e fazer, numa nova forma de ver o que é qualidade, neste caso o professor, que precisa entender o papel de companheiro, o líder e o orientador comunitário, colaborativo na construção do saber e do projeto pedagógico como parte integrante em sua realização. (CAMAS, 2012, p. 39).

Diante deste chamado deslocamento, as possibilidades de mudança no papel do professor tornou-se o foco desta dissertação. Uma vez que inserir tecnologias da informação e comunicação nas escolas não exige a mudança apenas de métodos, mas também a mudança da prática pedagógica. Sendo assim, este trabalho busca responder ao seguinte questionamento: como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças em sua prática pedagógica?

De modo a poder se responder à questão de pesquisa, traçaram-se os seguintes objetivos:

1.2.1 Definindo os objetivos, metodologia e a estrutura da dissertação

- Objetivo geral

- Analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica.

- Objetivos específicos

- Descrever o desenvolvimento do rádio e sua relação com a educação;
- Apresentar a web rádio e suas possíveis contribuições para a prática educativa;
- Apontar políticas de incentivo para a existência e permanência de rádios escolares em escolas públicas estaduais do Paraná;
- Conhecer uma web rádio escolar desenvolvida em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba.

Para debater esta problemática e cumprir com os objetivos apresentados se fez a escolha por uma pesquisa empírica e exploratória de abordagem qualitativa (MINAYO, 2009 e CHIZZOTTI, 2000), apresentando como instrumentos de coleta de dados: observação,

diário de campo e entrevista. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009 e LUDKE E ANDRE, 2015). Finaliza-se este estudo com a análise dos dados coletados através da Análise do Discurso (AD) baseado em Orlandi (2015).

A estrutura do trabalho apresenta-se da seguinte forma:

A **Introdução** é composta pela contextualização da pesquisa que inicialmente relata as motivações da pesquisadora, quais os seus caminhos e necessidades para a realização deste trabalho. Assim como, apresenta a justificativa e construção da problemática e dos objetivos desta investigação.

Na sequência apresenta-se a seção **Web rádio na escola: tecnologias da informação e comunicação e a educação**, que se inicia com uma discussão teórica a respeito do uso das tecnologias da informação e comunicação para a educação refletindo sobre as suas possíveis influências no fazer do professor. Na sequência, apresenta-se um processo de mapeamento de dissertações e teses com temas semelhantes ao que será desenvolvido ao longo deste trabalho, visando à construção de um marco teórico.

Realiza-se, também, uma explanação sobre como se desenvolveram as estratégias de comunicação humana ao longo dos anos, destacando-se a criação do rádio e sua evolução para, desta forma, compreender a relevância histórica desta tecnologia para diferentes processos educativos. Em continuidade, busca-se definir o que é web rádio e refletir sobre suas possíveis potencialidades para mudança da prática pedagógica.

Por fim, desenvolve-se um levantamento de políticas públicas de incentivo para a existência e permanência de rádio e web rádio escolar em escolas públicas estaduais do Paraná de forma a melhor se aproximar do objeto de pesquisa.

A seção **Procedimentos metodológicos e analíticos da pesquisa** descreve a abordagem metodológica que fundamentou a construção dessa pesquisa. Apresenta-se a organização, análise e interpretação dos dados obtidos, inicialmente com o relato do conhecimento da web rádio escolar estudada e análise dos dados visando responder à questão norteadora da pesquisa de acordo com a abordagem de Análise do Discurso (AD).

No prosseguimento desenvolvem-se as **Considerações finais** e finaliza-se com as **Referências, Apêndices e Anexos**. Nas Considerações busca-se a construção de respostas para a questão norteadora desta dissertação, bem como, procura-se identificar as dificuldades e incompreensões percebidas na pesquisa para futuras investigações.

2 WEB RÁDIO NA ESCOLA: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO

A presente seção inicia-se com uma discussão teórica a respeito do uso das tecnologias da informação e comunicação para a educação. Em continuidade apresenta-se um processo de mapeamento de dissertações e teses com temas semelhantes ao que será desenvolvido ao longo deste trabalho visando à construção de um marco teórico. Também, é realizada uma explanação sobre como se desenvolveram as estratégias de comunicação humana ao longo dos anos, destacando-se a criação do rádio e sua evolução para, desta forma, compreender a relevância histórica desta tecnologia para diferentes processos educativos. Na sequência, busca-se definir o que é web rádio e refletir sobre suas possíveis potencialidades para mudança da prática pedagógica. Por fim, desenvolve-se um levantamento de políticas públicas de incentivo para existência e permanência de rádio e web rádio escolar em escolas públicas estaduais do Paraná para melhor se aproximar do objeto deste estudo.

A web rádio escolar pode ser entendida como uma tecnologia resultante da somatória de diferentes outras tecnologias da informação e comunicação (TIC), pois agrega rádio e internet e permite a junção das linguagens oral, escrita e visual, podendo ser acessada através de diferentes ferramentas e aplicativos que se encontram nos sistemas operacionais denominados *softwares* inseridos em *notebooks*, *desktops*, *tablets* e *smartphones*.

Estas diferentes tecnologias da informação e comunicação estão tão presentes no cotidiano do brasileiro que ao longo do século XX se aproximaram cada vez mais da educação. Neste período, cresceram estudos e a busca por compreender a relação entre estas tecnologias da informação e comunicação e os processos educativos, pois

as mídias eletrônicas (rádio, televisão, videogames, jogos eletrônicos, internet) vêm funcionando nas últimas décadas como dispositivos extremamente eficazes de socialização das novas gerações, não apenas porque ocupam a quase totalidade do tempo livre das crianças, mas também porque fornecem conteúdos (heróis, personagens, mitos, valores e representações). (BELLONI, 2010, p. 61).

Para Citelli (2004, p. 136) “a crescente presença da imprensa escrita, do rádio e, finalmente da televisão mostrava estar se desenhando uma nova configuração dos conceitos de ensino-aprendizagem, de educação, de conhecimento”. Ainda, segundo o autor, as legislações educacionais brasileiras incentivam a interconexão entre tecnologias da informação e comunicação e educação:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares e os novos Parâmetros Curriculares que circulam pelo país postulam maior proximidade entre a escola e os diferentes sistemas e processos comunicacionais. Vale dizer, agudizou-se a consciência de que já não é mais possível falar em educação sem pensar em comunicação, de modo que tratar de forma socialmente responsável do rádio, da televisão, do jornal, da Internet, enfim, das mensagens midiáticas implica estar atento às questões educacionais. (CITELLI, 2000, p.30).

A expectativa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação, a sua presença, cada vez mais constante no cotidiano de grande parte da população, cria crenças de que facilmente elas poderão ser incorporadas no meio educacional. Mas, simplesmente inseri-las nas escolas já se mostrou ineficiente, como apresenta Moran (2000, p. 12):

Como em outras épocas, há uma expectativa de que novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. (MORAN, 2000, p. 12).

Portanto, as tecnologias não são o suficiente para melhorar a educação, uma vez que

todos utilizam alguma tecnologia em suas aulas. As expositivas, o agrupamento dos alunos segundo idade, os livros-texto, etc., foram e são outras tantas respostas aos problemas gerados pela necessidade (ou pela decisão) de proporcionar ensino a toda uma coletividade de cidadãos e cidadãs de forma obrigatória ou voluntária. (SANCHO, 1998, p. 40).

As tecnologias da informação e comunicação serão, portanto, utilizadas conforme as necessidades forem percebidas e, muitas vezes, serão adaptadas a práticas já existentes, “as tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança”. (MORAN, 2000, p. 27-28).

Segundo Kenski (2007, p. 46) “para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo [...] elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente”. Gestores, diretores e coordenadores educacionais precisam estar abertos às mudanças, e da mesma forma, os alunos, visto que “alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador”. (MORAN, 2000, p. 17), assim como, também, as famílias dos alunos e a sociedade em geral.

Qualquer transformação, anunciada por Moran (2000), apenas se estabelecerá com Políticas Públicas que favorecessem a formação inicial e continuada de forma crítica, ou seja,

a integração das tecnologias de informação e de comunicação aos processos educativos não acontece naturalmente, “as mudanças não se fazem por decreto, mas sim pela percepção do seu valor”. (MORAN, 2007, p.190).

Neste sentido, a interconexão entre tecnologias da informação e comunicação e a educação torna-se uma ação humana movida pela conscientização crítica. Ao contrário do que foi defendido por diferentes teóricos na década de 1970, o papel do professor com o uso das tecnologias da informação e comunicação não foi diminuído. O professor adquiriu maior responsabilidade em sua relação com o estudante e em sua postura profissional, como apresenta Costa:

Pensar a tecnologia numa lógica transformadora das práticas atuais, significa em primeiro lugar a decisão profissional, individual, de querer mudar em direção a um modelo em que seja assumida a centralidade do aluno e do que o aluno é chamado a fazer, e não do que é feito para ele. Para além de ser um processo que exige bastante tempo, implica uma concepção de utilização da tecnologia em que não se visa apenas a substituição dos meios tradicionalmente usados para ensinar e aprender. Implica, pelo contrário, uma perspectiva em que se ambiciona a descoberta de novas e diferentes formas de fazer as coisas, preparando os jovens para, eles próprios, poderem vir a contribuir para a inovação na resolução dos problemas com que se irão confrontar no futuro. (COSTA, 2012, p. 9).

Portanto, o professor, enquanto profissional, deve perceber-se em constante construção, uma vez que ele “aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo”. (MORAN, 2000, p. 30). Consequentemente, é por meio da experimentação de diferentes metodologias e métodos de trabalho em conjunto com os estudantes e da reflexão sobre os resultados que a mudança vai se construindo.

Entretanto, o desenvolvimento deste professor, de modo a construir a mudança, só acontecerá se houver a intencionalidade, como apresenta Belloni

inovação é a vontade de mudar para melhorar: inovar não é uma obrigação mas procede de uma intenção. Talvez tenhamos aqui uma melhor definição de inovação pedagógica: a intencionalidade do sujeito inovador. A inovação é guiada por um desejo, uma vontade de mudar, cujas modalidades vão se desenhando durante o processo até chegarem a uma ação finalizada, passível de observação e de avaliação. (BELLONI, 2003, p. 290).

Kenski corrobora ao apresentar que

Educar para a inovação e a mudança significa planejar e implantar propostas dinâmicas de aprendizagem, em que se possam exercer e desenvolver concepções sócio-históricas da educação – nos aspectos cognitivo, ético, político, científico, cultural, lúdico e estético – em toda a sua plenitude e, assim, garantir a formação de

peessoas para o exercício da cidadania e do trabalho com liberdade e criatividade. (KENSKI, 2007, p. 67).

A intencionalidade também pode permitir ao professor desenvolver a percepção de estar à busca pelo constante crescimento. Para Brito e Purificação não devemos esquecer que o professor

em primeiro lugar, é um ser humano e, como tal, é construtor de si mesmo e da sua história. Essa construção ocorre pelas ações num processo interativo permeado pelas condições e circunstâncias que o envolvem. É criador e criatura ao mesmo tempo: sofre as influências do meio em que vive e com as quais deve autoconstruir-se. (BRITO E PURIFICAÇÃO, 2015, p. 45).

Ao entender-se como construtor de si mesmo os professores se tornarão, também,

conscientes de seu papel sócio-político e cultural dentro da sociedade, reflexivos e ativos, não somente expositores e detentores apenas do conhecimento adquirido e memorizado, mas de orientadores educacionais comprometidos e conhecedores da história passada, atuantes na história presente. (CAMAS, 2012, p. 38).

Assim, é possível pensar que a inclusão de diferentes tecnologias da informação e comunicação nas escolas é necessária, mas é de grande importância que sejam proporcionadas ao professor condições para que ele entenda seu papel educacional e desenvolva a intenção de mudar sua prática de maneira a aprimorá-la.

Entende-se que a pesquisa de ordem científica pode cooperar para reflexões e, por consequência, como possível contribuição para a melhoria da prática pedagógica cabe, neste momento, voltar-se para a construção de um mapeamento de dissertações e teses sobre experiências, relatos, usos e projetos referentes à web rádio na educação básica de escolas públicas brasileiras visando, assim, a construção de um marco teórico para este trabalho.

2.1 MARCO TEÓRICO: MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES

Com a intenção de obter maior conhecimento concernente à produção acadêmica sobre experiências, relatos, usos e projetos referentes à web rádio na educação básica de escolas públicas brasileiras, entre os dias 20 e 25 de dezembro de 2015, realizou-se um mapeamento de caráter bibliográfico e descritivo no Banco de Teses da Capes.

Um levantamento, como o apresentado aqui, se justifica, segundo Romanowski e Ens (2006, p. 41), “por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes”.

Desta forma, apresenta-se nesta etapa da dissertação o desafio de discutir sobre a produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, buscando conhecer as características e dimensões que estão sendo destacadas nas dissertações de mestrado acadêmico, mestrado profissional e teses de doutorado sobre o uso da web rádio para fins educativos.

Para alcançar este objetivo o levantamento buscou identificar, sistematizar e analisar teses e dissertações quanto aos seus aspectos, para a triagem e leitura destes trabalhos, identificando os que mais se aproximavam do objeto desta dissertação.

A pesquisa no Banco de Teses da Capes iniciou-se com a definição de localizadores. Foram definidas palavras chaves semelhantes, iguais ou próximas ao tema de interesse deste trabalho, sendo elas: rádio; rádio escolar; rádio educativo e web rádio (ou rádio web).

A primeira busca foi realizada com o localizador: rádio. Com ele foram encontrados um total de 412 teses e dissertações, sendo que 306 trabalhos são de mestrado acadêmico, 82 de doutorado e 24 de mestrados profissionais, em 80 áreas do conhecimento diferentes, tais como educação, marketing, espaço corporativo, gestão da informação, análise de coberturas jornalísticas, engenharia elétrica, ciência da informação, administração, entre outras.

Para melhor análise fez-se necessário filtrar a área de conhecimento para “educação”. A nova pesquisa resultou em um total de 20 teses e dissertações, cujos resumos foram lidos com o intuito de identificar seus objetivos, metodologias e resultados de pesquisa.

Neste momento de leitura dos resumos percebeu-se a necessidade de identificar e selecionar os trabalhos que foram desenvolvidos em escolas públicas brasileiras para mais uma vez se aproximar do objetivo desta dissertação.

Baseando-se nesta leitura inicial, observou-se que apenas 5 trabalhos utilizavam-se do rádio como objeto de pesquisa para a prática educativa.

Em continuidade ao mapeamento foi definido o localizador: rádio educativo. Foram encontrados 10 trabalhos. Destas teses e dissertações, 2 trabalhos já estavam selecionados.

Mesmo não abordando práticas educativas, uma destas dissertações chamou a atenção por apresentar diferenças entre processos de produção, roteirização e edição da web rádio e do rádio tradicional³, sendo selecionada para leitura.

Dentre as demais, a que mais se aproxima da proposta do uso do rádio como ferramenta educativa para educação básica em escolas públicas, é a dissertação intitulada

³ Denomina-se rádio tradicional aquela transmitida por uma frequência sintonizada no *dial* de um aparelho receptor de ondas hertzianas, por isso, também se denomina rádio hertziana.

“Programa Nas Ondas do Ambiente: comunicação participativa na rádio-escola e comunitária”, a qual também foi selecionada para a leitura.

Na sequência, buscou-se com o localizador: rádio escolar. Foram encontrados 9 resultados. Destes, 2 foram selecionados para a leitura, pois tratavam do uso de propostas de inter-relação entre meios de comunicação e práticas de ensino.

Como mais uma tentativa de afunilar a pesquisa, procurou-se pelo localizador: web rádio (ou rádio web). Nesta etapa foram localizados 19 resultados, dentre os quais 3 haviam sido encontrados anteriormente.

Portanto, após a busca com 5 localizadores diferentes e a leitura dos resumos dos trabalhos, foi possível selecionar um total de 9 pesquisas para leitura integral e análise, sendo todas elas dissertações de mestrado acadêmico.

QUADRO 1- DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS DA CAPES

	AUTOR	TÍTULO	ANO	TITULAÇÃO	ÁREA DO CONHECIMENTO	PALAVRA-CHAVE
1	FIGUEIREDO, Jakes Charles Andrade de	Projeto Rádio Recreio no dia a dia de uma escola municipal	2011	Mestrado acadêmico em educação	Educação	Tecnologias educacionais; Rádio recreio; Pedagogia de projetos
2	SILVA, Jayson Magno da	O som da integração das tecnologias digitais de informação e comunicação ao currículo: a rádio na internet - voz, poder & aprendizagem	2011	Mestrado acadêmico em educação	Educação	Novas tecnologias na educação; currículo; tecnologias
3	SGANZERLLA, Sergio	Rádios <i>web</i> e educação: comunicação protagonista na formação do cidadão	2011	Mestrado acadêmico em Educação	Educação	Mídia e educação; Convergência; Rádio <i>web</i>
4	CABELLO, Camila Faustini	Cultura audiovisual e formação de educadores: possibilidades e limites em práticas educacionais	2011	Mestrado acadêmico em Educação	Educação	Formação de Educadores; Educomunicação
5	TABOADA, Arlete Aparecida	Rádio <i>web</i> : outra rádio, diferentes processos de produção, roteirização e edição	2012	Mestrado acadêmico em Comunicação e Semiótica	Comunicação	Rádio; Rádio <i>web</i> ; Programa; Produção

6	FARIAS, Marcia Rolemberg Pereira de	Programa nas ondas do ambiente: comunicação participativa na rádio-escola e comunitária	2011	Mestrado acadêmico em educação, cultura e comunicação	Educação em periferias urbanas	Programa Nas Ondas do Ambiente; Educomunicação Socioambiental
7	OLIVEIRA, Carlos Roberto de	Rádio na educação escolar: escuta, silêncio e imaginação	2012	Mestrado acadêmico em Educação	Educação	Educação; Escuta; Silêncio; Linguagem; Rádio
8	TELLO, Suleima Pantoja	Educomunicação: uma proposta para o ensino de ciências	2011	Mestrado profissional em Ensino de ciências na Amazônia	Ensino de ciências e matemática	Educomunicação; Ensino de Ciências; Rádio escola; Likert
9	LANGARO, Ruth Azambuja	O uso de emissora de rádio como uma tecnologia de informação e comunicação para a implementação do ensino	2012	Mestrado profissional em Ensino de ciência e tecnologia	Ensino de ciências e matemática	Gêneros do discurso; Rádio; Tecnologias da Informação e Comunicação

FONTE: A autora (2015).

Após a leitura de cada dissertação selecionada foi possível perceber que, mesmo dentro de um número restrito de trabalhos existe variedade de propostas de pesquisas, bem como semelhanças nas dificuldades encontradas pelos pesquisadores.

Entre os obstáculos apontados pelos pesquisadores é possível destacar: a) a restrição econômica para aquisição de equipamentos, como é apresentado no trabalho “Rádios Web e educação: comunicação protagonista na formação do cidadão” (SGANZERLLA, 2011); b) a limitação dos espaços físicos para aplicabilidade dos projetos e até mesmo a dificuldade de cunho humano, principalmente dos professores, que movidos por falta de formação, tempo e motivação pouco participaram de algumas ações, como, também, destaca a pesquisa “Projeto Rádio Recreio no dia a dia de uma escola municipal”. (FIGUEIREDO, 2010).

Também são apresentados resultados positivos, como na dissertação “O som da integração das tecnologias digitais de informação e comunicação ao currículo: a rádio na internet - voz, poder & aprendizagem” (SILVA, 2011), que apresenta a proposta de refletir sobre a integração de tecnologias da informação e comunicação ao currículo. Nesta pesquisa o autor conclui que ao longo da sua experiência os professores e alunos se tornaram sujeitos construtores do currículo, por meio da participação da rádio na internet (forma que o pesquisador denomina a web rádio), pois recriavam o seu ambiente produzindo cultura e conhecimento. (SILVA, 2011).

Da mesma forma, o trabalho “Rádio na educação escolar: escuta, silêncio e imaginação”, informa que durante e após as suas atividades o pesquisador percebeu que a postura dos alunos no cotidiano escolar modificou, pois diante de situações de discordâncias e conflitos os estudantes procuravam por soluções de forma colaborativa. (OLIVEIRA, 2012).

A dissertação “Programa nas ondas do ambiente: comunicação participativa na rádio-escola e comunitária”, não foi localizada, impedindo o conhecimento do conteúdo da pesquisa. O trabalho “O uso de emissora de rádio como uma tecnologia de informação e comunicação para a implementação do ensino” (LANGARO, 2012) se propôs a produzir um vídeo com orientações para implementação de um rádio escolar, dizendo estar disponível para gestores educacionais. No entanto, a autora não disponibilizou este material, nem apresentou onde obtê-lo.

O mesmo aconteceu com a dissertação “Cultura audiovisual e formação de educadores: possibilidades e limites em práticas educomunicativas” (CABELLO, 2011), que apresentou uma interessante descrição de oficinas para formação de educadores para a produção de cultura audiovisual no ambiente escolar. Durante a redação da dissertação a autora diz relatar as experiências em anexo, mas no arquivo disponível online não consta este item.

Todavia, destacaram-se os resultados da pesquisa “Projeto Rádio Recreio no dia a dia de uma escola municipal” (FIGUEIREDO, 2011), na qual o autor apresentou seu projeto de implementação do rádio detalhadamente, juntamente com as possibilidades de trabalho das diferentes disciplinas a partir do rádio escolar. Da mesma forma, no trabalho “Educomunicação: uma proposta para o Ensino de Ciências” (STEIN, 2011), que após ter apresentado, de maneira bastante detalhada, o seu processo de produção, Stein (2011) compôs um “Guia de implementação de rádio escolar” que pode ser facilmente adaptado para as mais diversas realidades.

Cabe apontar, também, o trabalho “Rádíoweb: outra rádio, diferentes processos de produção, roteirização e edição” (TABOADA, 2012) que, mesmo em âmbito universitário, destacou a diferença entre a web rádio e as demais. A autora apresentou o “ouvinte-internauta” que possui maior autonomia em relação à transmissão radiofônica, elemento que pode ser levado e aprimorado na educação básica.

Realizado o levantamento e leitura das pesquisas foi possível perceber a importância deste mapeamento, pois possibilitou a construção de um marco teórico acerca do tema proposto. Da mesma forma, contribuiu para identificar o que tem sido estudado ou não, por

outros pesquisadores sobre o uso da web rádio de forma educativa nos mais diferentes contextos.

Entretanto, cabe destacar que poucos trabalhos abordam o uso do rádio e da web rádio escolar como possibilidade para a mudança da prática pedagógica a partir da percepção dos professores que desenvolvem este tipo de atividade escolar. É neste ponto em que a presente dissertação se diferencia, pois ao questionar como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças na sua prática pedagógica, a voz do educador poderá ser ouvida e as suas percepções compreendidas e confrontadas a partir dos referenciais teóricos, observações e dados coletados ao longo da pesquisa.

Buscando, então, desenvolver a parte teórica desta dissertação, percebe-se a necessidade de, na sequência, conhecer a relação histórica entre o uso do rádio e da web rádio em diferentes processos educativos.

2.2 RÁDIO E A WEB RÁDIO: DA CRIAÇÃO AOS USOS

O ato de falar é essencialmente humano “a fala cria a existência e sua finitude, gerando assim a própria humanidade do homem”. (PIOVEZANI, 2015, p. 291). Segundo Piovezani, falar passou a exigir mais do desenvolvimento do próprio corpo humano, pois “trata-se de um saber e de uma prática que compreende fatores biológicos, culturais, sociais e históricos”. (PIOVEZANI, 2015, p. 291).

Entretanto, gestos, signos e formas são utilizados pelo ser humano para ir além do falar, ou seja, para comunicar-se. A palavra comunicação em sua origem deriva do latim *communis*, de onde vem o termo *comum* em nosso idioma. *Communis* “quer dizer pertencente a todos ou a muitos. Quando alguém se comunica, troca informações, torna determinado saber comum aos outros”. (UNICEF, 2010, p. 11).

Ao longo da história da humanidade, diferentes códigos, ferramentas e meios foram sendo desenvolvidas para aprimorar a capacidade comunicativa do ser humano. Para Giovannini (1987) foi no Período Paleolítico que se iniciou a intenção de se comunicar, com a habilidade de desenvolver gestos e, também, através das pinturas rupestres o homem aprimorava a sua forma de se expressar.

Quando De Fleur e Ball-Rokeach (1993) definem as diferentes etapas do desenvolvimento da comunicação humana⁴, destacam que foi na Era dos Símbolos e Sinais, antes mesmo dos hominídeos fabricantes de ferramentas, que a comunicação já acontecia de “formas similares às dos animais complexos de hoje, isto é, com ruídos e movimentos corpóreos que constituíam símbolos e sinais mutuamente entendidos”. (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 25-26). Esta capacidade de comunicação pode ser compreendida como fundamental tanto para o desenvolvimento do indivíduo como da sociedade, pois

dominando sistemas simbólicos, os indivíduos puderam classificar, abstrair, analisar, sintetizar e especular. Puderam lembrar, transmitir, receber e entender mensagens bem mais extensas, complexas e sutis do que era possível com o emprego de formas anteriores de comunicação. (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 32).

Foi neste período também que os seres humanos aperfeiçoaram seus conhecimentos e perceberam a necessidade de deixá-los para outras gerações, dando origem a relação entre a comunicação e a educação. (GIOVANNINI, 1987).

Ao melhorar as diferentes técnicas de agricultura, os humanos passaram a se expandir dando início ao surgimento das cidades e das grandes populações. Com isso surge o comércio, e com ele, a necessidade de criar uma técnica para registrar seu fluxo e, da mesma forma, criar leis para a melhor convivência entre os homens. (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993). Logo se desenvolveu a tecnologia da escrita possibilitando com que a palavra se tornasse móvel, permitindo ao homem difundir seu conhecimento.

Entretanto, “a alfabetização restringia-se a especialistas” (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 33), ou seja, a divulgação do conhecimento escrito produzido dependia da ação de escribas, que manualmente redigiam os documentos, livros, leis e demais comunicações manuscritas.

A dependência aos escribas se estendeu até o século XV, com a criação da prensa gráfica. Conforme Silva (2005, p. 63) “a mídia clássica é inaugurada com a prensa de Gutenberg e teve seu apogeu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, com o jornal, a fotografia, o cinema, o rádio e a televisão”.

⁴ De Fleur e Ball-Rokeach (1993) compreendem a importância da divisão entre Períodos Paleolítico, Neolítico, etc. Entretanto, defendem que ao se falar em comunicação é preciso abordar as transições entre as distintas etapas de evolução humana, pois para eles “foi a crescente capacidade para comunicar-se cabal e perfeitamente que levou ao desenvolvimento crescente de complexa tecnologia, e a mitos, lendas, explicações, lógica, hábitos, e às regras complexas para o comportamento que possibilitam a civilização” (DE FLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p. 22). Por isso, eles propõem a divisão entre: Era dos Símbolos e Sinais, Era da Fala e da Linguagem, Era da Escrita, Era da Impressão e Era da Comunicação de Massa.

O que Silva denomina como “mídia clássica”, aqui se compreende por meios de comunicação de massa, ou seja, é

a forma mais ampla de comunicação e geralmente exige a intermediação de um meio, que permitirá ao emissor atingir o maior número de pessoas possível. É chamada de comunicação de massa porque neste modelo ocorre o menor grau de interação entre os indivíduos envolvidos. (UFPR, 2010, p. 9).

Para Pfrom Neto (1979, p. 124) o que singulariza a comunicação de massa “é efetivamente o fato de permitir que a mesma mensagem, ou cópias exatamente iguais da mesma mensagem, atinja(m) instantaneamente, ou dentro de curto lapso de tempo, um público gigantesco, distribuído no mais amplo espaço geográfico”.

Percebe-se que “a comunicação de massa torna-se um dos fatos mais significativos e inescapáveis da vida moderna” (DE FLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p. 41). Esta reflexão sobre o desenvolvimento da comunicação e suas tecnologias se faz necessária, pois aqui se compreende que

a comunicação, como processo de interação humana, é o fundamento do processo educativo. A relação educador-educando ocorre em mão-dupla: um fala, o outro responde, e o diálogo acontece de forma natural. Neste aspecto, a comunicação torna-se mediadora das tecnologias. (MANDAJI; RIBEIRO E SILVA, 2010, p. 5).

Mesmo compreendendo a diversidade de meios de comunicação que se desenvolveram ao longo da história, neste trabalho toma-se como foco a web rádio. Por isso, entende-se como necessário uma busca histórica sobre o desenvolvimento do rádio e da web rádio para, na sequência, poder perceber suas contribuições e relações com os processos educativos.

2.3 RÁDIO E A EDUCAÇÃO

Em 1837, Samuel Morse criou o telégrafo, dando início à comunicação eletrônica. Ele deu velocidade à informação, mas sem

a vivacidade da voz humana, o que só foi possível com a invenção do telefone que, por sua vez, não tinha como gravar o som emitido. Foi somente em 1877, que Thomas Alva Edison criou o fonógrafo, com o qual fazia a gravação do som, aperfeiçoado em seguida por Emil Berliner, com o gramofone. (NEUBERGER, 2012, p. 50).

Embora o telégrafo não fosse um meio de comunicação de massas

este recurso foi elemento importante numa acumulação tecnológica que acabaria levando aos veículos de massa eletrônicos. Poucas décadas depois, já estavam sendo

realizadas experiências bem-sucedidas que foram indispensáveis ao cinema e à telegrafia sem fio. (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 41).

No ano de 1887, o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz, desenvolveu um aparelho com a capacidade de produzir “correntes alternadas de período extremamente curto e que variavam rapidamente, batizadas de ‘ondas hertzianas’”. (NEUBERGER, 2012, p. 50).

A partir da criação de Hertz, já na década de 1890 que o italiano Guglielmo Marconi realizou as primeiras transmissões radiofônicas a longas distâncias. (NEUBERGER, 2012).

Já no Brasil, a comunicação através do rádio constrói seu destaque desde os primeiros experimentos feitos pelo padre Landell de Moura, no interior de São Paulo, entre os anos de 1892 e 1894, quando “utilizou uma válvula amplificadora, de sua invenção e fabricação, que continha três eletrodos, e transmitiu, pela primeira vez, a palavra humana” em território brasileiro (NEUBERGER, 2012, p. 52), até o início da popularização do rádio na década de 1920.

Ao longo da década de 1920, a população passa a ter grande interesse pelo rádio e os fabricantes dos receptores domésticos não davam conta de atender a todos os pedidos, ou seja, “o rádio como veículo de massa estava realmente implantado”. (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 117).

No ano de 1922, Edgard Roquette-Pinto convenceu a Academia Brasileira de Ciências a comprar os equipamentos para transmitir o discurso do presidente Epitácio Pessoa na comemoração do centenário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro do mesmo ano, no Rio de Janeiro. O discurso foi na Praia Vermelha e o transmissor foi instalado no alto do Corcovado.

Em 1923, Roquette-Pinto fundou a primeira estação de rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que foi fundada sob o lema: “pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil” (ROQUETTE-PINTO, 2003, p. 12). Neste momento, portanto, pode-se compreender que uma das funções dessa rádio fosse educar.

Ao longo da década de 1920 o rádio brasileiro se apresentava como rádio sociedade, pois se mantinham com a colaboração de pessoas pertencentes a um grupo interessado (ver Infográfico 1, em APÊNDICE I).

Pressionado pela concorrência do rádio comercial, que ficou mais forte nos anos de 1930, Roquette-Pinto doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Cultura, com a condição de que fosse mantido o compromisso da emissora com a educação, “a partir dessa doação, o Ministério da Educação criou o Serviço de Radiofusão Educativa, com Roquette-Pinto na direção até 1943”. (PRADO, 2012, p. 53).

A década de 1930 foi “muito importante para a fundamentação do rádio como um veículo de transmissão de informação”. (PRADO, 2012, p. 39). Após a permissão e regulamentação da publicidade nos programas de rádio a mídia passou a ter maior caráter comercial, permitindo a programação popular substituir o erudito e “o interesse comercial passa, em seguida, a ocupar o espaço do idealismo dos pioneiros Edgard Roquette-Pinto e Henry Moritze”. (FERRARETO, 2000, p. 21).

Entretanto, a ampliação comercial do rádio não é a sua única transformação. Concomitante ao que acontecia em outros países, os políticos brasileiros perceberam o potencial deste veículo. Rapidamente esta comunicação por meio do rádio foi ganhando destaque e despertando diferentes interesses.

No início do século XX, o alemão Bertold Brecht, já apresentava que o rádio “deveria ser um instrumento dialógico de comunicação” (BALTAR, 2012, p. 36). E, os governantes não demoraram a fazer uso do potencial deste meio. Nos anos de 1920, diversos países tornavam o rádio seu principal instrumento de comunicação com a população,

a Itália e a França tornaram o rádio monopólio estatal, enquanto o Japão homologava leis que proibiam a veiculação radiofônica de publicidades comerciais. Em 1939, o governo alemão interdita a audiência de emissoras estrangeiras e, no ano seguinte, as rádios nacionais passam a transmitir somente programação de caráter ultranacionalista, já sob o jugo do nazismo de Hitler. (PIOVEZANI, 2015, p. 298 e 299).

Desta forma, nos regimes totalitários o povo era informado politicamente por meio da comunicação de massa, e com constante vigilância sem permitir que ideais divergentes chegassem às áreas de domínio.

No início da década de 1930, o presidente Getúlio Vargas já demonstrava preocupação em delimitar o que poderia ser noticiado e como sua imagem deveria ser divulgada. E foi principalmente durante o chamado Estado Novo (1937-1945) que a exploração do rádio chegou ao seu ápice, para Piovezani (2015, p. 300) foi com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que “a propaganda política atingiu um nível de produção e organização sem precedentes no país” (ver Infográfico 2, em APÊNDICE II).

O rádio, porém, levava ao público a voz do líder, mas sua expressão corporal, seus gestos não chegavam a todos, por isso o discurso precisava ser tratado, ou seja, a fala devia ser “de igual para igual, sem afetações e hierarquias”. (PIOVEZANI, 2015, p. 318).

Em 1939 o Brasil amplia o conceito de Educação à distância com implementação do Instituto Rádio Monitor e em 1941 com o Instituto Universal Brasileiro.

A partir da década de 1940, o rádio começa, também, a ter uma programação diversificada, atendendo os mais diversos públicos, seja através das radionovelas, programas esportivos, jornalísticos ou humorísticos, esporte e jornalismo. (PRADO, 2012).

A partir da década de 1950 o rádio passa por novas modificações, pois, com a chegada da TV, ele perde muitos artistas e anúncios publicitários, mas foi nesta ocasião que “o rádio aprendeu a trocar os astros e estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública”. (NEUBERGER, 2012, p. 71) (ver Infográfico 3, em APÊNDICE III). Nesta década, entretanto, novamente volta a se destacar o uso do rádio para a educação,

no ano de 1956, Ribas da Costa lançou o livro Educação Fundamental pelo Rádio – Alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos com recepção organizada, bastante útil para o desenvolvimento de futuros projetos de educação a distância. Ele também foi o responsável pela elaboração do projeto SIRENA (Sistema Rádio-Educativo Nacional), de 1958. (NEUBERGER, 2012, p. 91).

O projeto SIRENA era, portanto, responsável por elaborar, gravar e distribuir cursos básicos para serem transmitidos por todo país, e da mesma forma investir, orientar e dar assistência na criação de sistemas rádio educativos regionais. Na década de 1960, por sua vez, o SIRENA foi a base para a criação do Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 21 de março de 1961 por Dom Eugênio Salles, que utilizava o rádio como principal ferramenta e visava além da alfabetização a educação não-formal à distância (ver Infográfico 4, em APÊNDICE IV).

O MEB concentrava atividades nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e era supervisionado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Segundo Neuberger (2012, p. 91), além do MEB e o SIRENA, foi criado também a FEPLAM, que por sua vez “optou por transmitir, desde o início, programas de formação cidadã com o apoio de um sistema de multimeios (material impresso, cassetes, slides, fitas de vídeo e material de divulgação)”. Ainda conforme a autora,

o público alcançado pela FEPLAM nas três décadas de atuação chegou ao número de 780.000 alunos matriculados, divididos entre os vários programas educacionais. A teleducação rural foi a responsável pela maior parte destas matrículas, atingindo cerca de 450.000 alunos. (NEUBERGER, 2012, p. 92).

No ano de 1970, foi criado o Projeto Minerva, que por meio do rádio e da TV era usado para educar tecnicamente a população, durante os anos de

1970 a 1989, o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, via Embratel, produziu programas obrigatórios que iam ao ar durante cinco horas semanais, com trinta minutos diários de segunda a sexta-feira e uma hora e 15 minutos aos sábados e domingos. (NEUBERGER, 2012, p. 75 e 76).

Sua programação visava o preparo para exames supletivos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial e, também, a formação de mão de obra. Mesmo não obtendo os resultados esperados, pois, cerca de 77% dos inscritos não conseguiram aprovação, o Projeto Minerva durou até os anos 1980.

Nas décadas seguintes novos usos foram dados ao rádio. Foi a vez das igrejas evangélicas usarem da programação radiofônica, com o objetivo principal da conversão religiosa. (NEUBERGER, 2012) (ver Infográfico 5, em APÊNDICE V).

Com a chegada da década de 1990 um novo movimento surge, pois os pedidos e lutas por liberdade de expressão e democratização do rádio ganhavam mais força. No entanto, a própria legislação - Lei nº 9.612 de 1998 -, não alcançava estes anseios, segundo Neuberger

a voz do povo pelo rádio ganhou um espaço legal, mas não necessariamente satisfatório, pois ainda são poucas as questões previstas em lei de real interesse social: atendem mais a monopólios institucionalizados, preocupados em perder espaço para as emissoras comunitárias. (NEUBERGER, 2012, p. 80).

Uma alternativa para esta chamada democratização do rádio surge com a chegada e popularização da internet. Segundo Adilson Citelli (2004, p. 69)

a internet surge como um caso dos mais evidentes de fratura na racionalidade do domínio. As tentativas institucionais de controlar essa ‘rebelião alternativa’, em sua teia de conexões que alcança todo o planeta, e mesmo as ameaças constantes de se ‘privatizar’ a rede ou incluir mecanismos de censura, indicam como aquela racionalidade pode estar sofrendo abalos.

É a partir da junção entre rádio e internet que as características do rádio tradicional são reconfiguradas. Por reconfiguração é possível recorrer à definição de Lemos (2007), para quem a reconfiguração trata de um novo formato do meio de comunicação, no qual os meios se alteram nas formas de recepção e de emissão, mas a forma tradicional não deixa de existir.

Nesta reconfiguração para web rádio as possibilidades de alcance e atualizações se tornam ainda maiores, pois “o rádio está presente não só em aparelhos convencionais, mas em celulares, MP3, MP4, *tablets*, etc., o que o torna, às vezes, mais presente e mais discreto ao mesmo tempo”. (NEUBERGER, 2012, p. 81).

Percebe-se, portanto, que anos se passaram e a função do rádio se tornou cada vez mais diversa. Mesmo diante da ampliação das tecnologias da informação e comunicação, ele ainda está presente no cotidiano brasileiro. A união do rádio com os processos educativos,

atendendo a necessidade de cada período histórico, também é evidente e ainda permanece viva.

Esta característica educativa do rádio brasileiro se estendeu ao longo de sua história, hora com mais força e incentivo, em outros momentos como forma de resistência e luta por uma educação que alcançasse o maior número da população do país. Assim, cabe na sequência conhecer mais sobre as características da web rádio e como ela pode se apresentar dentro da escola.

2.4 WEB RÁDIO ESCOLAR

Os autores que fundamentam esta seção não abordam, exclusivamente, o uso da web rádio escolar, na grande maioria dos estudos o foco é o rádio escolar. Entretanto, é possível utilizar de suas discussões sobre o rádio escolar para a web rádio, pois como já apresentado anteriormente o rádio, assim como outros meios, são reconfigurados somando novos avanços tecnológicos a um meio já existente. Em suma, mesmo que seja distinta, a web rádio escolar apresenta características e possibilidades para os processos educativos semelhantes ao do rádio escolar.

Atualmente o sistema de radiodifusão, no Brasil, é regulamentado pela Secretaria de Serviços de Comunicação Eletrônica (SCE) e pode variar sua modalidade conforme disposto em legislações específicas. Neste contexto, existem as seguintes modalidades de rádios tradicionais:

- Rádio comercial: regulamentado pela Lei Geral de Telecomunicações do Brasil (Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997). Pode ter o foco para o entretenimento ou jornalismo, e pertencer a grupos empresariais, por isso visa o lucro.

- Rádio comunitária: produzida e transmitida por moradores de uma comunidade em específico. Trata-se de um espaço destinado para divulgar ideias, hábitos e manifestações da comunidade. Portanto, é proibido qualquer vínculo desse rádio com grupos religiosos, políticos, entre outros. Não possui fins lucrativos, conforme disposto na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998 que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária Brasileiro.

- Rádio educativo: regulamentada pelo Decreto de Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, deve ser elaborada tanto por educadores quanto por comunicadores, com objetivo de transmitir informações e estimular a formação de opinião do ouvinte. É vetado o caráter comercial e o lucro deste rádio.

- Rádio escolar: nesta modalidade o desenvolvimento, a produção e a difusão são realizados por alunos e professores dentro das instituições escolares. (BALTAR, 2012).

Todo rádio hertziano necessita de autorização do órgão competente para funcionamento, diferentemente da web rádio. A partir disto o rádio pode se apresentar em duas situações, a primeira é o rádio online, onde uma emissora possui a programação hertziana tradicional que é disponibilizada na web e a outra é a web rádio, ou seja, um rádio exclusivamente na internet.

Atualmente, diversos rádios comerciais, educativas e comunitárias utilizam a web de forma complementar à sua programação tradicional. Por muitas vezes, isso implica na redução de custos e facilidades de transmissão, além de apresentar um maior alcance de público.

O rádio escolar, também, é uma modalidade que não necessita de autorização de Serviços de Comunicação Eletrônica (SCE). Ele apresenta variadas possibilidades de execução, uma delas é a transmissão através de caixas de som ou pela web. Essa transmissão via web pode ser ao vivo, gravada, distribuída em arquivos a/ou disponibilizada por podcasts, em sites. (BALTAR, 2012). Esta web rádio possui uma “homepage na internet por meio do qual podem ser acessadas as outras páginas da emissora”. (ASSUMPÇÃO, 2009, p.5).

Para este tipo de transmissão radiofônica “existem várias empresas especializadas em transmissão digital de áudio e vídeo com preços e serviços diferenciados na internet, que os reenvia para pessoas conectadas à internet em todo o mundo, por meio de um *link* em seu *website*”. (BALTAR, 2012, p. 65).

Diferentemente do rádio tradicional, a web rádio possui uma programação distinta, na qual os programas ainda são transmitidos conforme o planejamento da emissora, mas, também passam a ser visualizados e não apenas ouvidos.

Ainda, é possível acessar o conteúdo da programação quando preferir, sem precisar ter hora marcada, pois o conteúdo estará disponível online,

assim como qualquer site disponível na *web*, é possível realizar uma navegação hipermidiática, já que se pode ouvir *podcasts* de acordo com o assunto de interesse de cada um, olhar álbuns de fotos de artistas ou de últimas notícias, ver um videoclipe, interagir com os locutores, tudo de acordo com o gosto individual. Não é mais necessário, dessa forma, esperar a atualização via locutor. (NEUBERGER, 2012, p. 128).

Este meio passa a permitir uma comunicação aberta, o ouvinte pode se tornar cocriador do produto, ou seja, “na modalidade comunicacional interativa permitida pelas novas tecnologias informáticas, há uma mudança significativa na natureza da mensagem, no

papel do emissor e no estatuto do receptor”. (SILVA, 2012, p. 14). Portanto, a web rádio pode possibilitar maior liberdade ao ouvinte,

muito porque nem é preciso entrar na *web* para se escutar rádio no computador, basta entrar em programa tocadores de rádio. Portanto, concomitantemente ao uso que se faz do computador, seja pesquisando, escrevendo, trabalhando etc, surgiu o hábito de se ouvir música e notícia vinda deles. (PRADO, 2012, p. 20).

Nela o ouvinte pode se tornar mais ativo, passando a ser um ouvinte-internauta, ouvinte-participativo e ouvinte-colaborativo.

Para que se torne educativa a web rádio escolar deve ir além da transmissão de músicas durante o recreio. Esta forma de execução pode ser chamada de rádio poste, que é uma modalidade que pode gerar aglomeração ao redor das caixas de som e ficar sem elo com o trabalho pedagógico. (BALTAR, 2012, p. 69).

Baltar (2012) apresenta pelo menos dez ações que precisam ser realizadas para implementar um rádio escolar, sendo elas:

1. Verificar espaços e equipamentos;
2. Compreendendo que o rádio escolar deve ser de responsabilidade dos estudantes e dos professores, deve-se buscar apoio nos líderes estudantis, por exemplo, o Grêmio estudantil;
3. Esboçar um projeto procurando apoio da comunidade escolar;
4. Apresentar um projeto destacando os objetivos para o desenvolvimento de um rádio escolar;
5. Apresentar quais os objetivos do rádio escolar;
6. Selecionar os alunos participantes, preferencialmente deixando de lado critérios como notas ou “bom comportamento”;
7. Realizar uma formação inicial com estudantes e professores participantes, para que conheçam as características da linguagem radiofônica e definam a identidade do rádio escolar;
8. A rádio deve ser democrática, não pode ter só o que os professores querem;
9. Criar estratégias de divulgação do rádio escolar;
10. Buscar o comprometimento de toda a equipe.

Assumpção (2009) corrobora com estes pontos apresentados ao expor que o desenvolvimento do trabalho de uma web rádio escolar deve acontecer através da

construção de debates e entrevistas sobre temas diversos e de interesse dos alunos. Esses assuntos ao serem produzidos e transmitidos pela rádio na escola, exigirá do aluno-emissor competências e habilidades para a escolha do tema, reflexão, pesquisa, perfil dos debatedores ou entrevistados, espírito de equipe, construção da

estrutura da entrevista (perguntas com seqüência lógica) que serão realizadas durante as entrevistas ou debates. (ASSUMPÇÃO, 2009, p.6).

Portanto, esta atividade

deve reunir tanto os conhecimentos teóricos (conceitos trabalhados nas diversas áreas do conhecimento), como práticos (proporcionar diversas formas de vivência), pois dessa maneira os alunos experimentam a construção de suas aprendizagens de modo multidisciplinar. (MANCUSO, 2012, p. 30).

A web rádio escolar deverá, ainda, proporcionar a integração entre as disciplinas do currículo da escola, e deste com a realidade, com o coletivo e a atualidade. (ASSUMPÇÃO, 1999). Afinal,

considera-se que a Rádio Escolar não é uma entidade que vive na escola distante da identidade da escola, de seu currículo e de suas propostas pedagógicas. Ela é parte do currículo, recebe influências, pode influenciar e isso justifica a preocupação sobre sua função e repercussão dentro da escola. (BRUTTI, 2012, p. 10).

A web rádio escolar, assim como, o rádio escolar, ainda, apresenta-se como diferente das outras modalidades radiofônicas, pois se configura como um instrumento de “interação sociodiscursiva entre os membros da comunidade escolar” (BALTAR, 2012, p. 13), ou seja, além de desenvolver estratégias para a comunicação, trabalhar com uma variedade textual, também é uma forma de aproximar o estudante de uma interpretação crítica diante das mais diversas informações que recebe diariamente, “visto que ampliam a visão de mundo dos estudantes, acostumados a associar o ato de ler apenas à leitura de textos do ambiente discursivo literário”. (BALTAR; GASTALDELLO; CAMELO, 2008, p. 1328).

Sendo assim, o aluno e o professor participante deste tipo de atividade radiofônica poderá desenvolver “a oralidade e a escrita através da construção de textos (programação) para o rádio”. (ASSUMPÇÃO, 2009, p.1).

A web rádio escolar pode ainda estimular as ações coletivas, a necessidade de postura ética durante o planejamento, organização e execução da programação da rádio. Para isso, é necessário o conhecimento da linguagem e da produção radiofônica por professores e alunos, para que assim se compreenda “a função desse meio e sua atuação na sociedade contemporânea”. (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 4).

Implementar a linguagem radiofônica no processo de ensino cria uma nova alternativa para estimular a melhoria da qualidade de educação e as condições de trabalhos dos profissionais envolvidos. Desta forma, “o desafio da escola trabalhar com rádio na escola visando à análise da linguagem radiofônica, a programação e a fala do comunicador que deve

acontecer através de discurso direto, pessoal, amistoso e atraente”. (ASSUMPÇÃO, 2009, p.4).

Ao fazer uso da radiodifusão, dentro da escola, pode-se ampliar formas de comunicação e interação entre os sujeitos da aprendizagem. Esta comunicação é de extrema importância para o desenvolvimento dos estudantes, pois a linguagem é resultado de uma interação social em diferentes esferas. (SOARES, 2000). Com essa ideia, Brutti (2012, p. 25) corrobora ao apresentar que diferentes pesquisadores argumentam “como relevante no projeto Rádio-escola, a comunicação horizontal e dialógica, e expressão de ideias e a reprodução de manifestações culturais”. Assim, a escola é colocada diante de um desafio, como apresenta Assumpção (2001):

um dos desafios da escola é procurar maneiras mais criativas de interação com as linguagens das mídias no contexto escolar, integrando a cultura tecnológica no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. Deixar de ser somente conteudista e trabalhar outras linguagens. (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 2).

Portanto, desenvolver uma web rádio escolar traz possibilidades para ~~na~~ a melhoria da qualidade de comunicação e concorre para auxiliar o processo de aprendizagem. Assim, cabe destacar que a diferença entre rádio e web rádio escolar está nas práticas pedagógicas envolvidas tanto em relação aos temas transversais, quanto em relação aos temas do currículo, somados as possibilidades do indivíduo.

Entretanto, toda a teoria sobre como se desenvolve e quais as possibilidades de trabalho da web rádio escolar só se tornarão mais claras a partir da aplicabilidade, pois cada modalidade de ensino, cada comunidade apresenta características específicas que podem influenciar no modo operante da atividade radiofônica.

Por isso, percebe-se a necessidade de se aproximar mais do objeto desta pesquisa procurando conhecer incentivos e políticas voltadas para o desenvolvimento de rádios e web rádio em escolas públicas do estado do Paraná.

2.5 WEB RÁDIO ESCOLAR: INCENTIVOS E POLÍTICAS PARA ESCOLAS PÚBLICAS DO PARANÁ

Como a intenção desta pesquisa é analisar a web radio e seu uso significado pelo professor, a próxima subseção trará, especificamente a discussão dos documentos selecionados para entender-se o que se fez no *locus* desta pesquisa, que é uma escola pública paranaense, direcionada pelas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE), feitas pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED).

2.5.1 Leitura e conhecimento dos documentos

As DCE de Expectativas de Aprendizagem elaborados pela SEED apresentam o entendimento de que TV, vídeos, DVD, computador, internet, rádio e outros meios de comunicação já são utilizados cotidianamente, tanto por educadores quanto por alunos. Destaca que quando utilizadas adequadamente podem auxiliar no processo educacional.

A partir desta compreensão, estes documentos reforçam a necessidade de educar para além do simples uso dos meios de comunicação. Portanto, educadores das diferentes áreas de conhecimento devem elaborar atividades que levem ao aluno a possibilidade de compreender a estrutura das tecnologias da informação e comunicação. Da mesma forma, contribuindo para que eles percebam o impacto e influência delas nos diversos campos da sociedade. (PARANÁ, 2012).

Partindo desta premissa, o estado do Paraná, através da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, possui um histórico de ações que visam agrupar as diferentes tecnologias da informação e comunicação como recursos didáticos nas escolas públicas estaduais, com o objetivo de promover a Inclusão Digital. (Ver resumo deste histórico no Infográfico 6, em APÊNDICE VI).

No Caderno Temático *Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais* (2010), a Secretaria Estadual de Educação do Paraná apresenta projetos que resultaram destas ações, dentre eles: a TV Paulo Freire, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, como o *e-escola* e o Ambiente Pedagógico Colaborativo (APC), utilizados para formação continuada de professores. Dentre estes projetos destaca-se o Paraná Digital.

Foi a partir do Paraná Digital que se criou o Portal Dia-a-dia Educação (Figura 1). A plataforma soma a função de promover formação continuada aos educadores e disponibilizar recursos didáticos, informações e serviços designados a toda comunidade escolar. (PARANÁ, 2010).

FIGURA 1 - PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO

FONTE: A autora (2016)⁵

O Portal Dia a dia Educação possui quatro ambientes com conteúdos voltados para educadores, alunos, escola e comunidade, disponibilizando acervo multimídia para os diferentes públicos. (PARANÁ, 2010). Dentre os materiais disponíveis neste portal, apresenta-se a Web Rádio Escolar.

A Web Rádio Escola é uma rádio que possui serviço de transmissão via internet, utilizando *streaming* de áudio. Seu público-alvo são alunos, professores, gestores e comunidade escolar e pode ser acessada no Portal Dia a Dia Educação.

Ao selecionar o campo para alunos e educadores diversos recursos didáticos são disponibilizados. Em ambos os campos pode ser localizada a Web Rádio Escola (Figuras 2 e 3).

⁵ Imagem retirada e disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/>>. Acesso em: 02 fev 2016.

FIGURA 2 - PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO PARA ALUNOS

FONTE: A autora (2016)⁶.

FIGURA 3 - PÁGINA INICIAL DO PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO PARA EDUCADORES

FONTE: A autora (2016)⁷.

⁶ Imagem retirada e disponível em: <<http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/index.php>>. Acesso em: 02 fev 2016.

Sua programação traz o mesmo conteúdo, tanto para alunos quanto para educadores (Figura 4).

FIGURA 4 - PÁGINA DA WEB RÁDIO ESCOLA



FONTE: A autora (2016)⁸.

Tal conteúdo é composto por notícias, curiosidades, receitas, campanhas, programas musicais, entre outros (Quadro 2).

QUADRO 2 - LISTA DE PROGRAMAS DA WEB RÁDIO ESCOLA

NOME DO PROGRAMA	DESCRIÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Educação em Foco	Programa de entrevistas que debate temas voltados à Educação.	Possui 10 arquivos, postados entre dezembro de 2013 e novembro de 2014. Com duração de 8 a 20 min.
Som da Escola	Programa de músicas autorais dos alunos das escolas da rede pública do Estado do Paraná que, hora acontece com um bate papo em estúdio ou apenas com o envio de músicas contando sobre suas trajetórias e influências.	Possui 2 arquivos, postados em outubro de 2015.
Cinema e Educação	O Programa é uma mesa redonda que debate questões específicas do contexto de filmes. Apresenta	Possui 39 arquivos, postados entre os anos

⁷ Imagem retirada e disponível em: <<http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/index.php>>. Acesso em: 02 fev 2016.

⁸ Imagem retirada e disponível em: <<http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=164>>. Acesso em: 02 fev 2016.

	encaminhamentos pedagógicos para as obras cinematográficas. Cada episódio é dedicado a uma disciplina e aos trechos de filmes a ela relacionados pelos apresentadores, que abordam conteúdos e metodologias a serem encaminhadas em sala de aula.	2013 e 2014.
Condigital	Os programas são arquivos de áudio que apresentam situações do cotidiano envolvendo conteúdos matemáticos como: fractais, história dos números e matemática financeira. Programa desenvolvido em parceria com o MEC.	Possui 6 arquivos, postados no ano de 2011.
Contos e Histórias	São arquivos de áudios apresentados por meio da contação de estórias.	Possui 12 arquivos, postados no ano de 2013.
Dispositivos móveis na Educação	Programa de entrevistas com professores e pesquisadores que discutem o tema Uso dos Dispositivos Móveis na Educação.	Possui 2 arquivos, postados no ano de 2012.
Educação Musical	O programa apresenta uma série de áudios referentes ao ensino de música, abordando conteúdos sobre trilha sonora: música e efeitos sonoros.	Possui 10 arquivos, postados no ano de 2012.
Enem	Os áudios disponíveis para o Enem são programas produzidos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, com dicas sobre as provas, possíveis temas e conteúdos que podem ser abordados nas provas do Enem.	Possui 51 arquivos, postados entre os anos de 2011 e 2014.
Espaço Musical	O Espaço Musical é um programa de entrevistas com músicos e compositores paranaenses. Apresenta os valores da cultura musical do Estado, articulando suas origens, influências, trabalhos e projetos num bate-papo descontraído e enriquecedor para os ouvintes.	Possui 17 arquivos, postados entre os anos de 2011 e 2013.
Minha História	Programa de áudio que convida os ouvintes a produzirem e compartilharem pequenos arquivos com depoimentos nas diferentes temáticas sugeridas.	Possui 3 arquivos, postados no ano de 2012.
Profissões e Carreira	Programa de entrevistas com profissionais e especialistas que apresentam dicas sobre profissões, além de trazer macetes para aliviar os momentos que antecedem o vestibular	Possui 8 arquivos, postados no ano de 2011.
Revelando	O programa Revelando apresenta entrevistas com professores da rede estadual de ensino, nas quais eles descrevem encaminhamentos metodológicos em suas disciplinas utilizando diferentes mídias e recursos.	Possui 1 arquivo, postado no ano de 2011.
Sabores da Educação	Série de programas que tem como tema receitas enviadas pela comunidade escolar.	Possui 46 arquivos, postados entre os anos de 2011 e 2012.
Uso de Games na Educação	O Uso de Games na Educação é um programa de entrevistas com pesquisadores e professores que discutem sobre o uso de jogos na educação.	Possui 2 arquivos, postados no ano de 2015.
Você Sabia...	Série de pequenos programas que trazem informações sobre temas diversos pertinentes ao contexto escolar. Voltado para professores, alunos e comunidade escolar.	Possui 13 arquivos, postados no ano de 2011.
Tempo de Poesia	Apresenta poetas consagrados da literatura brasileira e universal nos seus mais diversos gêneros, e também poesias produzidas pela comunidade escolar paranaense.	Possui 4 arquivos, postados no ano de 2015.

FONTE: A autora (2016)⁹.

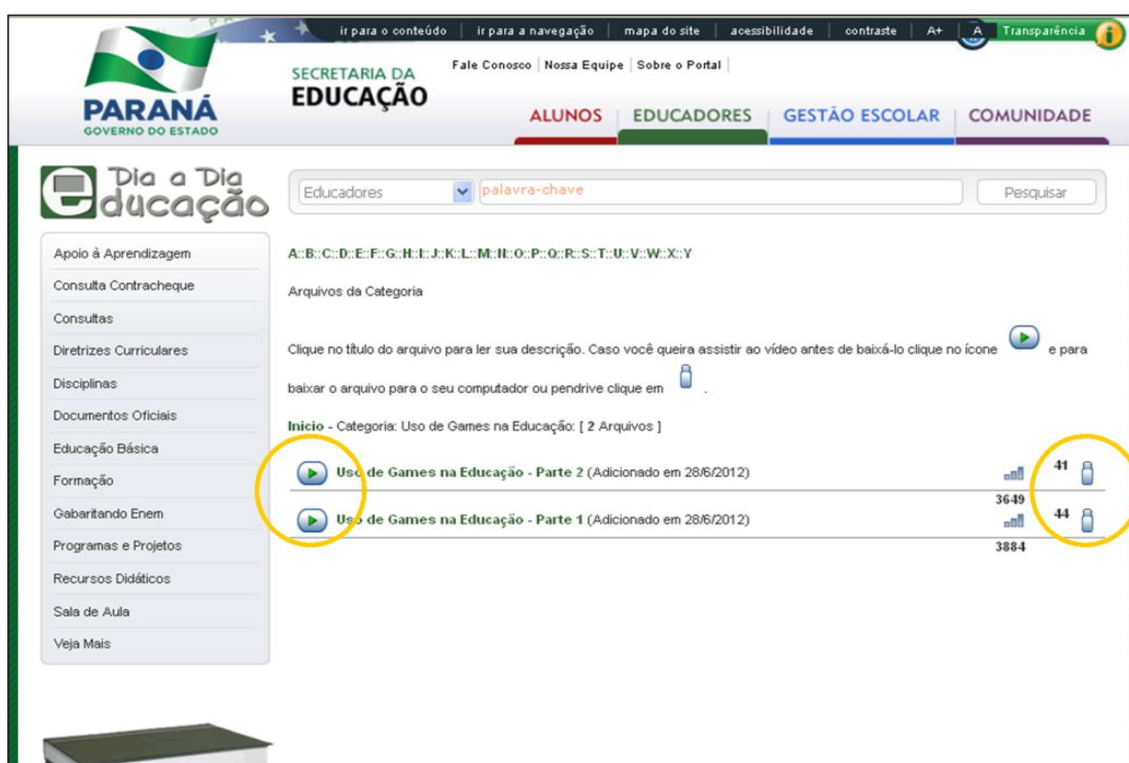
⁹ Informações disponíveis em:

<<http://www.alunos.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=164>>. Acesso em: 02 fev 2016.

Em alguns programas os ouvintes são convidados a produzir a programação, por exemplo no Programa Minha História, o qual estimula os ouvintes a produzirem e compartilharem áudio sobre temas previamente determinados.

É possível destacar que a Web Rádio Escolar apresenta capacidade de mobilidade, uma vez que não se limita a um espaço físico restrito. Ao acessar o conteúdo da web rádio o ouvinte pode selecionar ouvir ou baixar áudio diretamente para o computador ou uma mídia móvel, possibilitando a sua reprodução em qualquer lugar, inclusive em uma sala de aula sem acesso à Internet (Figura 5).

FIGURA 5 - POSSIBILIDADE DE ACESSO A PROGRAMAÇÃO DA WEB RÁDIO ESCOLA



Fonte: A autora (2016)¹⁰.

Percebe-se que o portal apresentado, além de elaborar uma programação com linguagem e dinâmica acessível a toda comunidade escolar, também pode ser utilizado como fonte de pesquisa e de planejamento, tanto para alunos como para professores.

Outra ação governamental de incentivo para o desenvolvimento de rádios escolares é o “Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno na Educação

¹⁰ Imagem retirada e disponível em:

<<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/genre.php?genreid=308>>. Acesso em: 02 fev 2016.

Básica na Rede Estadual de Ensino”, instituído pela Resolução 1.690, de 27 de Abril de 2011 e na Instrução n. 007/2012.

Este programa tem como objetivo atender à necessidade de ampliação do tempo e espaço escolar através de atividades educativas em contraturno, para assim melhorar a qualidade de ensino e atender às necessidades socioeducacionais dos alunos. (PARANÁ, 2011). Tais atividades devem estar de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, podendo se apresentar em 9 macrocampos: 1) Aprofundamento da Aprendizagem; 2) Experimentação e Iniciação Científica; 3) Cultura e Arte; 4) Esporte e Lazer; 5) Tecnologias da Informação, da Comunicação e uso de Mídias; 6) Meio Ambiente; 7) Direitos Humanos; 8) Promoção da Saúde; e 9) Mundo do trabalho e geração de rendas.

Dentre estas possibilidades de atividades, aqui se destaca o macrocampo Tecnologias da Informação, da Comunicação e uso de Mídias. Esta área é a que pode possibilitar o desenvolvimento de atividades que envolvam informática, jornal escolar, produção de vídeos e rádio escolar.

A entrada das escolas no “Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno na Educação Básica na Rede Estadual de Ensino” acontece mediante inscrição facultativa. Nesta inscrição a instituição deve apresentar uma “Proposta pedagógica de atividade complementar” (ANEXO I), delimitando as características básicas do que se pretende fazer.

A execução do trabalho deve ser acompanhada pelo Núcleo Regional de Educação (NRE) no qual a escola está inserida, através de visitas, reuniões com a equipe envolvida e inserção.

Através das Diretrizes Curriculares, dos Cadernos Temáticos, Instruções, Programas e no próprio Portal Dia a dia Educação, a Secretaria de educação do estado do Paraná apresenta políticas que estimulam o uso das diferentes tecnologias da informação e comunicação para aprendizagem.

Ainda, deve-se procurar perceber como estas ações podem ou não influenciar em possíveis mudanças na prática pedagógica. Para isso, desenvolve-se a próxima seção, com a apresentação do objeto de pesquisa, discussão e análise dos dados buscando consonância com o aporte teórico apresentado nesta seção.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLITICOS DA PESQUISA

Nesta seção, apresenta-se a abordagem metodológica que fundamentou a construção dessa pesquisa. São apontados os momentos de pesquisa e instrumentos para coletas dos dados e informações. São apresentados, organizados e sistematizados os dados obtidos. Na sequência, a análise é construída visando responder à questão norteadora da pesquisa de acordo com a Análise do Discurso (AD).

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Saber como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças na sua prática pedagógica, em sala de aula, é o questionamento que norteia essa pesquisa. Este tipo de questionamento engloba necessidades individuais e coletivas, uma vez que ele está inserido no ambiente escolar, espaço em que diferentes relações sociais se constroem e diversos sujeitos, necessários ao processo de aprendizagem, precisam identificar seu papel para buscar meios para aprimorá-lo. Por isso, a abordagem metodológica escolhida para esse estudo foi a pesquisa qualitativa, pois, segundo Minayo

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21).

Chizzotti (2000, p. 84), já observava e explicava que “na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio”. Assim, a concepção de abordagem qualitativa apresentada pelos autores, remete ao objeto deste estudo, pois se acredita também que ao dar voz ao professor envolvido no desenvolvimento de uma web rádio escolar, poderá levá-lo a refletir sobre sua prática e dará significados às suas ações.

Para alcançar a possibilidade de reflexão se faz necessária a definição de instrumentos de pesquisa que auxiliem na coleta de dados, para posterior interpretação das informações obtidas, visto que a

análise qualitativa não é uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e

observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador. (MINA YO, 2009, p. 27).

Na sequência, baseando-se numa compreensão de pesquisa qualitativa e suas diferentes características, fez-se a composição dos momentos e instrumentos de investigação.

3.2 MOMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

De modo a cumprir com o questionamento e os objetivos delimitados neste trabalho, os procedimentos de pesquisa foram divididos nos seguintes momentos:

QUADRO 3 – MOMENTOS DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

MOMENTOS	OBJETIVOS	INSTRUMENTOS
1º. momento: Estudo exploratório I	Conhecer a web rádio escolar a ser estudada, assim como sua dinâmica, composição, propostas, anseios e dificuldades.	Análise de documento, observação e composição de um Diário de Campo
2º. momento: Estudo exploratório II	Analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica.	Entrevista e Análise do Discurso

Fonte: A autora (2016).

Com a intenção de promover maior aproximação com o objeto e os sujeitos a serem pesquisados, para os primeiros momentos do levantamento de dados realizou-se um estudo exploratório, uma vez que esta modalidade permite ainda melhor compreensão do problema, tornando-o mais claro. (GERHARDT E SILVEIRA, 2009).

No primeiro momento, denominado Estudo exploratório I, realizou-se leitura e análise documental. Desenvolveu-se a leitura do projeto de implementação, que apresenta uma breve história da web rádio escolar estudada, assim como os seus objetivos, justificativa e a sua estrutura. Complementar a isto se tomou conhecimento dos relatórios de acompanhamento e pareceres da web rádio escolar destinados a Secretaria Estadual de Educação.

Também, procedeu-se à composição de um diário de campo resultado de um processo de observação, concordando com Minayo, quando apresenta que o

principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades. (MINA YO, 2009, p. 71).

O diário de campo divide-se em duas partes: uma descritiva e outra reflexiva. A parte descritiva apresenta o relato das características das pessoas, ações e conversas observadas, narrativa de acontecimentos particulares e descrição da atividade de estudo. A parte reflexiva é a parte das anotações que apreende mais o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Os resultados obtidos nesta etapa de levantamento de dados estão descritos no subitem 3.3.1, que compõe a construção da análise de dados.

Ao longo do momento do estudo exploratório I, melhor delimitaram-se os sujeitos que foram investigados. Com isso, desenvolveu-se o segundo momento dos procedimentos metodológicos.

De forma a compor este momento do estudo percebeu-se a necessidade de obter informações mais concisas sobre a relação entre o desenvolvimento da web rádio escolar e a ação pedagógica, para tanto, adotou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista. Escolheu-se a entrevista, pois “a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre vários tópicos”. (LUDKE E ANDRÉ, 2015, p. 39).

Neste trabalho, optou-se pela entrevista semiestruturada, uma vez que combina questões abertas e fechadas, possibilitando ao entrevistado maior liberdade em discorrer sobre o tema perguntado, desta forma

não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira natural e autêntica. (LUDKE E ANDRÉ, 2015, p. 39).

Por fim, para maior compreensão dos resultados da entrevista optou-se pela Análise de Discurso (AD), pois

a Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2015, p. 13).

A escolha da AD se deu pela necessidade de entender o Professor Entrevistado em seu discurso. Um conjunto de pensamentos e visões de mundo derivados da posição social do sujeito de pesquisa. Deste modo, pela voz desse sujeito se tenta entender o que se modifica e o

que, por mais que se mostre como compreendido, ainda permanece enquanto ideologia sem a devida ação modificadora, sustentando, assim, sua relação social, defendendo e legitimando sua ideologia, que é sempre coerente com seus interesses.

Definidos os instrumentos de pesquisa e após a sua aplicação no contexto do estudo, apresentam-se, na sequência, os dados obtidos para posterior análise.

3.3 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Posterior à coleta de dados, os mesmos foram organizados e analisados, pois segundo Ludke e André (2015)

analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa [...]. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado (LUDKE E ANDRÉ, 2015, p. 53).

Com isso, inicia-se o próximo subitem com o relato de conhecimento do objeto e sujeitos de pesquisa, resultado das observações apreendidas no diário de campo e conhecimento do projeto de implementação da web rádio estudada.

3.3.1 Relato de conhecimento do objeto e sujeito de pesquisa

A web rádio escolar¹¹ estudada desenvolveu-se em uma escola da rede pública estadual do Paraná, na cidade de Pinhais, região metropolitana de Curitiba. Sua história inicia-se em 2014 e é composta de diferentes fases e constantes reformulações para o aprimoramento da atividade.

Em 2014, ao saber que a escola possuía equipamentos de som disponíveis, dois professores começaram a incentivar os alunos a manterem no pátio o que seria o início de uma rádio dentro da escola. Com uma caixa de som o grupo de alunos tocava músicas e transmitia recados durante o intervalo das aulas.

Nesta etapa, entretanto, não existia uma programação definida. Os recados, anúncios e músicas eram transmitidos conforme a necessidade do dia. Esta forma de execução

¹¹ A partir deste momento esta web rádio escolar será apresentada como a Rádio, com letra maiúscula por referir-se ao objeto de estudo em específico.

caracteriza-se como um rádio poste, o que pode levar a aglomerações de muitos alunos envolta dos equipamentos e certa dificuldade para executar a programação. (BALTAR, 2012).

No dia 20 de novembro de 2014, a Rádio passou a ser transmitida pela web. O formato de web rádio escolar permitiu maior divulgação de seus programas entre a comunidade escolar e ampliou as possibilidades de participação de alunos e professores na produção e da programação.

Neste momento, ao mesmo tempo em que a programação da rádio era transmitida pela web, caixas de som em cada sala de aula também difundiam o seu conteúdo dentro da escola. A transmissão online podia ser simultaneamente acompanhada pelo blog.

Outra forma para acompanhar a Rádio era o site Mixlr. O site Mixlr é responsável por transmitir músicas, entrevistas, *podcasts* ao vivo e/ou gravados previamente, entre outros recursos. A transmissão de áudio é feita de forma simples podendo ser compartilhada em diferentes redes sociais online.

No início do desenvolvimento como web rádio os professores responsáveis mantinham um estúdio nas suas casas. Assim, na escola mantinham-se a programação de rádio escolar e das suas casas mantinham a programação da web rádio.

No início do ano de 2015 se estabeleceu a fase de transição de rádio convencional para rádio educativo¹². Durante este período, chamado convencional, era mantida uma programação com músicas e recados e alguns debates sobre os mais variados temas. Naquele momento, a Rádio também buscava maior divulgação entre a comunidade escolar. Para este momento a equipe da Rádio desenvolveu o slogan “O Céu é o limite”. Utilizado em todos os meios de divulgação, a frase remetia à ideia de programação mais voltada ao entretenimento.

Já durante a segunda etapa de sua implantação, se desenvolveu a proposta de que a comunidade escolar se apropriasse do espaço tornando-o efetivamente um rádio escolar. Neste momento, a estratégia de divulgação precisou ser revista, as imagens e slogan foram repensados. O slogan passou para “Uma rádio educativa” para destacar o comprometimento com a programação de cunho educativo.

No momento desta transição a Rádio passou a ser coordenada por apenas um professor. Esta mudança foi acompanhada, também, da reinauguração da Rádio como uma web rádio escolar e educativa.

¹² Rádio convencional e rádio educativa é a denominação utilizada no projeto de implementação da Rádio. Compreende-se que a convencional como a transmissão de músicas, recados, sem que envolva diferentes processos de pesquisas e elaboração de conteúdos para a programação; e a educativa é caracterizada aqui como a rádio escolar conforme a concepção de Baltar (2012).

No ano de 2016 a Rádio começa a aprimorar o seu desenvolvimento de web rádio. No mês de fevereiro daquele ano o site próprio da Rádio foi lançado.

O site, entretanto, passou por constantes manutenções objetivando o seu aperfeiçoamento. Com isso, seu principal meio de transmissão se dava através do blog e do site de transmissão Mixl. Com estes diferentes meios de transmissão, os programas eram produzidos e transmitidos conforme o planejamento da emissora, e também passaram a serem visualizados e não apenas ouvidos, portanto, concorda-se e comprova-se com Mandaji, Ribeiro e Silva, ao afirmarem que “a Web Rádio é na verdade uma convergência de mídias, pois engloba texto, imagem e som”. (MANDAJI; RIBEIRO; SILVA, 2010, p. 5).

Enquanto estas modificações e reformulações aconteciam, o professor responsável pela web rádio escolar buscou regulamentar a atividade junto à Secretaria de Educação do Estado do Paraná, tentando inseri-la no “Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno na Educação Básica na Rede Estadual de Ensino”. Entretanto, a atividade foi alocada no macrocampo Cultura e Arte, tornando-se atividade complementar de outro projeto aprovado na área das Artes Visuais.

Fazer parte do macrocampo Cultura e Arte despertou à necessidade de se iniciar a filmagem dos programas, deixando de transmitir apenas áudio, ampliando o uso de fotografias, fazendo divulgação através de banners, elementos estes, necessários para o projeto ser adaptado à área das Artes Visuais.

Ao ser incluso no “Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno na Educação Básica na Rede Estadual de Ensino”, a Rádio passou a contar com um professor coordenador, uma pedagoga supervisora e um grupo fixo de participantes com aproximadamente 30 alunos. Desta forma, ela começou a aprimorar a forma de rádio escolar, pois, passou a se realizar programas dentro da instituição escolar com o seu desenvolvimento, produção e difusão sob a responsabilidade dos alunos e professores, sendo o público alvo a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e família). (BALTAR, 2012).

Entre os diferentes programas da web rádio escolar destaca-se o programa *Livre Pensar* que ia ao ar toda segunda-feira, abordando diferentes temas da atualidade, relacionando-os com os conteúdos trabalhados em diferentes disciplinas escolares.

O programa também atendia a temas sugeridos pelos alunos da escola. Esta forma de desenvolvimento da Rádio remete ao que apresenta Assumpção (1999), para quem o rádio escolar deve proporcionar a integração entre as disciplinas do currículo da escola, e deste com a realidade, com o coletivo e a atualidade.

Durante o processo de construção dos programas os professores envolvidos poderiam divulgar os temas de pauta definidos pela equipe de produção antecipadamente. Os demais alunos da escola podiam realizar pesquisas prévias e se prepararem para participar no momento da transmissão ao vivo. Assim, as atividades da web rádio reuniam “tanto os conhecimentos teóricos (conceitos trabalhados nas diversas áreas do conhecimento), como práticos (proporcionar diversas formas de vivência), pois dessa maneira os alunos experimentam a construção de suas aprendizagens de modo multidisciplinar”. (MANCUSO, 2012, p. 30).

Em diversos momentos o programa *Livre Pensar* contava com a presença de plateia com alunos e professores convidados. Perguntas, sugestões, opiniões podiam ser trocadas através de bate-papo, redes sociais e ao vivo. Com isso, é possível perceber que estas formas de participação nas atividades da web rádio escolar “aproximam os textos/gêneros textuais da mídia ao ambiente discursivo escolar, visto que ampliam a visão de mundo dos estudantes, acostumados a associar o ato de ler apenas à leitura de textos do ambiente discursivo literário”. (BALTAR; GASTALDELLO; CAMELO, 2008, p. 1328).

Quando era necessário, a equipe da Rádio se deslocava para outros espaços fora da escola para gravar ou para transmitir ao vivo a programação, forma garantida graças à possibilidade de mobilidade da web rádio.

Conhecendo a Rádio foi possível perceber que as atividades de uma web rádio escolar podem ampliar as possibilidades na melhoria da qualidade de comunicação entre alunos e professores, uma vez que eles trabalham em conjunto; concorrem para auxiliar o processo de construção do conhecimento, já que os estudantes participam da construção e da transmissão da programação; criam condições para que o participante tenha uma experiência problema antes de sua atuação social, sobretudo, profissional; disponibilizam técnicas e experiências para melhoria na habilidade de comunicação, o que atinge diretamente demandas de ensino e cria uma nova alternativa para estimular a melhoria da qualidade de educação e as condições de trabalhos dos profissionais envolvidos na aprendizagem.

Porém, mesmo diante das variadas possibilidades para o ensino, identificadas na Rádio, as suas atividades foram encerradas no mês de dezembro de 2016.

Ainda assim, seguindo o questionamento norteador dessa pesquisa, é preciso conhecer o sujeito desta pesquisa, ou seja, o professor envolvido nas atividades da web rádio escolar.

3.3.2 O sujeito de pesquisa

Compreendendo que na pesquisa qualitativa o pesquisador seleciona os sujeitos da pesquisa, relacionando-os com o questionamento norteador, buscando perceber quem “sabe mais sobre o problema? Quem pode validar tal informação com outro ponto de vista ou uma visão mais crítica dessa situação problemática?” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 68), identificou-se a necessidade de maior aproximação com o professor coordenador das atividades da Rádio, pois ele foi quem participou ativamente de todas as fases de desenvolvimento da web rádio escolar desde o início em 2014 até o encerramento das atividades no ano de 2016.

Este professor é licenciado em Filosofia. Desde 2006, é docente concursado, na rede estadual de ensino, para as disciplinas de Filosofia e História. Além da licenciatura, cursou uma especialização em Literatura e História Nacional e outra em Cinema. Destaca-se que o sujeito cursou Mestrado em Tecnologia e Trabalho pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tais elementos de caracterização reforçam o entendimento de que através dele seria possível a construção da resposta para a pergunta norteadora desta pesquisa.

Para maior aproximação com o denominado sujeito de pesquisa se fez necessário o desenvolvimento de um roteiro prévio para a entrevista semiestruturada para que se mantivesse o foco, na busca por informações específicas para a composição do trabalho. Este roteiro foi elaborado a partir do questionamento norteador somado a diferentes pontos levantados ao longo do referencial teórico anteriormente apresentado. (APÊNDICE VII).

O roteiro serviu de orientação sem esquecer que a contribuição da entrevista semiestruturada se destaca a partir da possibilidade levantada de não ficar restrita a questões fechadas, pois, a todo momento, diferentes interferências, observações, impressões, sentimentos e demais percepções do sujeito traziam informações de grande relevância ao estudo. (LUDKE E ANDRÉ, 2015).

A entrevista aconteceu no ambiente de trabalho do entrevistado, em um momento de hora-atividade¹³, possibilitando uma conversa tranquila. Foi totalmente gravada com consentimento do sujeito e depois integralmente transcrita.

Ao longo do processo de transcrição foi realizada a ocultação da identificação nominal do sujeito respondente (conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

¹³ Hora-atividade refere-se ao horário de trabalho destinado para que o professor elabore seu planejamento de aula, correção de atividades, avaliações e também possa participar de cursos e reuniões pedagógicas.

em APÊNDICE X) e dos demais nomes mencionados. Por isso, o sujeito passa a ser identificado como Professor Entrevistado e os demais nomes são substituídos apenas por uma letra maiúscula. Ainda na perspectiva de manter o caráter ético e científico da pesquisa, também, se fez necessário suprimir palavras de baixo calão.

Para a transcrição da entrevista se optou por seguir as orientações de Manzini (2006), uma vez que, segundo o autor, ao transcrever a entrevista, considerando a fala gravada como um discurso não linear, influenciado por emoções, reações, interrupções se faz necessário utilizar de símbolos ou grafias que destacam tais características. (ANEXO II). Com tais características entende-se que a transcrição representa uma pré-análise do material, portanto, “transcrever uma entrevista implica em fazer recortes, implica em estabelecer regras e critérios para transcrição”. (MANZINI, 2006, p. 6).

Tais elementos se reforçam ao se propor a análise dos dados a partir da Análise do Discurso. Desta forma, entende-se que

como a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de ‘seu’ dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou aqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão. Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico. (ORLANDI, 2015, p. 25).

Entendendo a necessidade de construir este dispositivo de análise, na sequência, apresenta-se a organização e definição de descritores que servirão de parâmetros para a discussão dos resultados.

3.3.3 Procedimentos de definição dos descritores para a análise do discurso

É importante ressaltar aqui que a opção de utilizar o vocábulo descritores se dá pelo fato de compreender que eles “são termos padronizados, definidos por especialistas, que servem para definir assuntos e recuperar informações”. (BIBLIOTECA DA USP, 2017. s/p).

Além disto, a colaboração de Soares (2017), auxilia entender melhor a escolha, pois denomina:

descriptor, como uma Matriz de Referência, de uma competência ou das habilidades que a compõem. No entanto, esses termos têm significações conceituais diversos, dependendo da área, do lugar de interlocução, da amplitude de objetivos ou das opções ideológicas e metodológicas adotadas pelos diferentes atores educacionais. (SOARES, 2017. s/p)

Também pelo fato de Camas e Brito (2017), em sua recente pesquisa, denominarem os descritores como a relação para a interpretação “do pensamento do professor à teoria de suporte”. Deste modo, as autoras indicam que, ao se coletar os dados com o uso de descritores deve-se elaborar um instrumento de pesquisa a partir do levantamento feito na literatura que embasa a pesquisa.

Justifica-se, portanto, que o termo descritor, é também utilizado na área das ciências da saúde. Porém, na pesquisa em educação ele remete-nos à possibilidade da interpretação (CAMAS; BRITO, 2017). Os Descritores, ou DeCS, na área da saúde consistem em:

um vocabulário estruturado, trilingüe (português, espanhol e inglês), baseado em coleções de termos, organizados para facilitar o acesso à informação. Os vocabulários são usados como uma espécie de filtro entre a linguagem utilizada pelo autor e a terminologia da área. (PELLIZZON, 2004, p.153).

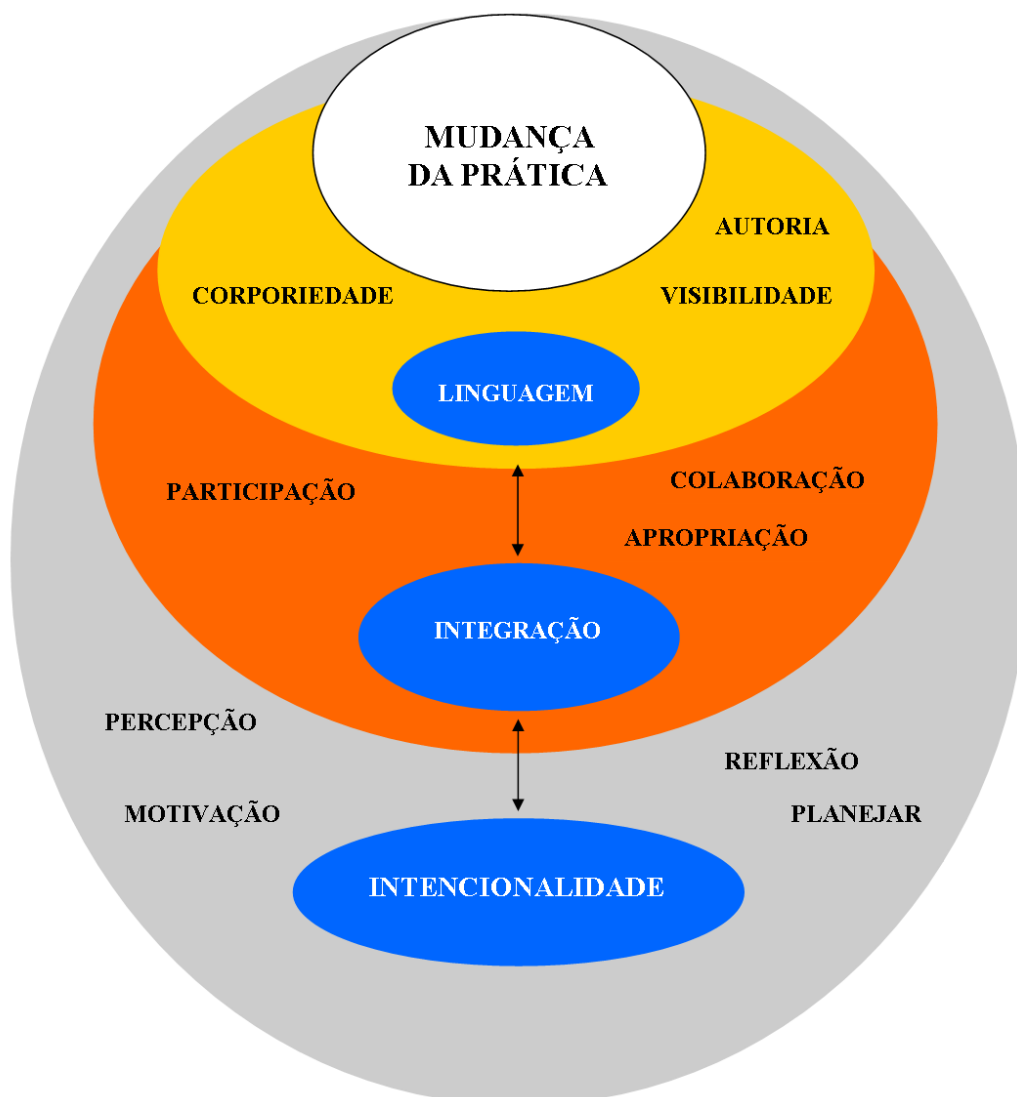
Os descritores representam o dispositivo de análise na busca por responder o questionamento principal desta dissertação, ou seja, como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças sua prática pedagógica?

Assim, segue-se para a análise dos dados, que conforme Orlandi (2015)

inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho. (ORLANDI, 2015, p. 65).

Sendo assim, após observar pontos do referencial teórico, elaborar roteiro de entrevista, refletir sobre o questionamento da pesquisa, realizar a transcrição, leitura e releitura da entrevista, foi possível definir três grandes temas para facilitar a Análise do Discurso, sendo eles: intencionalidade; integração; linguagem. Estes temas, chamados de descritores, servirão para a discussão e a análise de uma possível mudança da prática pedagógica. A conexão entre os descritores podem ser melhor visualizados na FIGURA 6, abaixo:

FIGURA 6 - INTERCONEXÃO DOS DESCRITORES DE ANÁLISE



Fonte: A autora (2017).

3.3.4 Análise e discussão dos dados a partir dos descritores

Na sequência, apresenta-se cada um dos descritores e suas respectivas AD, articulando-os ao referencial teórico já apresentado.

3.3.4.1 Intencionalidade

O descritor intencionalidade parte da reflexão de que para ocorrer qualquer mudança na prática pedagógica de maneira a melhorar o processo educativo, diferentes elementos devem ser explorados, pois para mudar é preciso inicialmente perceber a necessidade, “talvez

tenhamos aqui uma melhor definição de inovação pedagógica: a intencionalidade do sujeito inovador”. (BELLONI, 2003, p. 290).

Compreende-se que dotado da intencionalidade o professor, entendido como o sujeito inovador, procurará, dentre outras iniciativas, o aprimoramento através da formação continuada, composição de parcerias, incentivo para planejar e executar ações que levem a esta mudança.

Portanto, a intencionalidade aqui se faz de grande importância, pois “as mudanças não se fazem por decreto, mas sim pela percepção do seu valor”. (MORAN, 2007, p.190). E esta percepção de valor pode iniciar com uma atitude individual, mas necessitará da participação de outros agentes educacionais para compor a construção de um processo de mudança colaborativo.

Ao longo de todo o processo de observação, da composição do diário de campo e durante a realização da entrevista, a percepção da intencionalidade do Professor Entrevistado (PE) ficava evidente. Parte da intencionalidade em repensar sua prática se desenvolveu a partir da própria formação profissional, mas o estímulo maior partiu de outro professor.

PE: Sim, sim eu fiz (+)¹⁴ eu fiz minha especialização em cinema (+) eu fiquei (+) eu fiz um ano de prática de cinema, de teoria, de filmagens/.../¹⁵

PE: MAS¹⁶, quem que me colocou vírus foi o J.V.¹⁷ ((refere-se a um professor que desenvolveu uma pesquisa de mestrado com turmas do professor entrevistado))¹⁸ /.../ E, ele fez um documentário que a gente ajudou. Então o J.V. teve uma câmera, uma filmadora e depois foi embora e eu trouxe isso pra dentro da minha disciplina de filosofia/.../

Os momentos em que buscou formação continuada e ao conviver com outro professor, vivenciando novas práticas, levou o entrevistado a refletir sobre possíveis ações, de forma a desenvolver um processo de autoconhecimento, dando início à compreensão da necessidade de se aprimorar.

¹⁴ Os símbolos (+) ou (2.5), representa pausas e silêncios. Para pausas pequenas usa-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundo, cronometradas, coloca-se o tempo (explicação em Anexo II).

¹⁵ Os símbolos ... ou /.../ são indicações de transição parcial ou de eliminação. O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. Reticências entre duas barras indicam um corte na produção de alguém (explicação em Anexo II).

¹⁶ Uso de letras MAIÚSCULA representa ênfase ou acento forte. São sílabas ou palavras pronunciada com ênfase ou acento mais forte que o habitual (explicação em Anexo II).

¹⁷ Conforme informado anteriormente os nomes serão abreviados.

¹⁸ Os símbolos (()) usa-se para comentários da entrevistadora. Usa-se essa marcação no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere (explicação em ANEXO II).

Outra demonstração da intencionalidade foi o próprio processo de transferência entre escolas que o professor realizou estimulado pela direção que estava à frente da escola em que se desenvolveu a Rádio.

PE: /.../ aí a M. falou (+) lá ((no Colégio)) tem uma estrutura. E, ela me trouxe aqui. E, eu vim uma tarde aqui. E, eu olhei que tinha as caixinhas ((de som)) em cada sala ((de aula)). E, tem uma mesa ((mesa de som)), então eu falei |Perfeito|¹⁹, aí eu consegui, aí eu vim pra cá.

Após o processo de transferência entre escolas realizado, o professor deu início ao desenvolvimento da rádio escolar, mesmo sem qualquer remuneração pelo trabalho:

PE: Só que não tinha esse projeto remunerado do Estado, né, eh²⁰ abre um parênteses essa remuneração é infinitamente, assim (+) assim, ínfima, ínfima (+) assim, não vale pra nada/.../

Portanto, ele deu início e continuidade ao preparo e organização da Rádio utilizando o tempo fora da sua carga horária de trabalho sem qualquer adicional ao salário, justamente por acreditar no potencial da ação. Por isso, o Professor Entrevistado destaca que no início da Rádio muito do trabalho era realizado em casa.

Em conjunto com outro professor, o Entrevistado apresenta que no início da Rádio cada um tinha a sua própria iniciativa em casa e aos poucos foi se desenvolvendo dentro da escola.

PE: /.../ Eh o R. tinha uma, uma filial na casa dele²¹ e eu tinha uma filial lá' em casa²².

É possível destacar que esta intenção para a mudança precedeu a ação, exigiu planejamento, organização, pois, como já afirmado anteriormente “as mudanças não se fazem por decreto, mas sim pela percepção do seu valor” (MORAN, 2007, p.190). Este elemento novamente pode ser percebido na fala do entrevistado:

¹⁹ Símbolo usado para delimitar quando o entrevistado reproduz conversas ou pensamentos durante a fala.

²⁰ Para eh, ah, oh, ih:::, mhm, ahã, dentre outros, entende-se pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção. Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros (explicação em Anexo II).

²¹ Os símbolos ” ’ representam sinais de entonação. Aspas duplas para subida rápida. Aspas simples para subida leve (algo como um vírgula ou ponto e vírgula). Aspas simples abaixo da linha para descida leve ou simples (explicação em Anexo II).

²² O símbolo / representa truncamentos bruscos. Quando o falante corta a unidade pôde-se marcar o fato com uma barra. Esse sinal pode ser utilizado quando alguém é bruscamente cortado pelo interlocutor (explicação em Anexo II).

PE:/.../ Então, tem muita coisa pra se pensar pra, assim, de projetos, entendeu, eh essa coisa, assim, que você quer fazer uma rádio TEM que estar disposto à mudança e isso tem que se trabalhar internamente.

Neste momento, a partir dos dados levantados é possível apresentar que possíveis mudanças a partir da intenção são de grande importância, mas, ainda, necessitará ser acompanhado do desenvolvimento da integração entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

3.3.4.2 Integração

A intencionalidade, embora, fator elementar para a mudança da prática pedagógica não terá suporte e continuidade se acontecer de forma isolada e individual. Faz-se necessário, também, a compreensão das possíveis mudanças dos diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo de forma a desenvolver a integração.

A integração é resultado do processo colaborativo, ou seja, gestores, diretores, coordenadores educacionais, alunos, as famílias e a sociedade em geral precisam estar abertos às mudanças. (KENSKI, 2007).

Ao se pensar na web rádio escolar, o próprio processo de construção da atividade pode estimular estas ações integradas, como foi percebido por Oliveira (2012), ao informar que, durante e após as suas atividades de pesquisa sobre rádio escolar, percebeu que a postura dos alunos no cotidiano da escola modificou, pois diante de situações de discordâncias e conflitos os estudantes procuravam por soluções de maneira colaborativa.

Silva (2011), por sua vez, destaca que ao longo da experiência com professores e alunos, por meio da participação da rádio na internet (forma que o pesquisador denomina a web rádio), se tornaram sujeitos construtores do currículo, a ação permitia, segundo o pesquisador, recriar o seu ambiente produzindo cultura e conhecimento. Afinal, entende-se que a web rádio escolar não é uma entidade que vive longe da identidade escolar. Ela é parte do currículo, recebe influências e pode influenciar. (BRUTTI, 2012, p. 10).

Portanto, esta integração é resultado da participação e apropriação da ação entre os diferentes sujeitos do processo educativo.

Em diferentes momentos o Professor Entrevistado acaba por apontar possíveis falhas dessa integração ao longo do desenvolvimento da Rádio. Em primeiro destaque é a gestão por parte da Secretaria Estadual de Educação e a forma de acompanhamento do projeto.

M²³: Na rádio você tinha que fazer relatório particular de aluno e individual de aluno?

PE: É, prestar conta, relatórios dos programas, sabe, eu fazia o relatório e não tinha feedback/

M: Você enviava o relatório pra secretaria e não volta nada pra você?

PE: Nada (+) tá errado (+) será que não teriam sugestões, será que não teriam? Sabe.

M: Mas na secretaria de educação nos macrocampos, lá tem as pessoas responsáveis, por cada macrocampo. Você nunca teve um retorno da pessoa responsável [[a pessoa]]²⁴ do seu macrocampo?

PE: Sim, a pessoa me cobrava o relatório ((risos))

M: Cobrava o relatório. Mas, quando você mandava o relatório não tinha retorno?

PE: Nada!

Entretanto, deve-se destacar que a web rádio escolar estudada foi alocada no “Programa de Atividades Complementares Curriculares em Contraturno na Educação Básica na Rede Estadual de Ensino”, no macrocampo Cultura e Arte, portanto as possíveis cobranças e sugestões seguiam os critérios desta área deixando de existir qualquer acompanhamento específico à constituição de uma web rádio escolar.

Nas diferentes etapas de desenvolvimento da Rádio se realizou a solicitação de alocá-la no macrocampo Tecnologias da Informação, da Comunicação e uso de Mídias, pois é esta área que apresenta o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de atividades que envolvam informática, jornal escolar, produção de vídeos e rádio escolar. Entretanto, todas as solicitações receberam resposta negativa.

O discurso do Entrevistado, ainda, deixa a reflexão do sentimento de não sentir-se apoiado para o trabalho, demonstrando em alguns momentos a sensação de isolamento dentro da instituição escolar. Neste momento, destaca-se que outro gestor necessário à integração é o gestor interno, ou seja, a direção da escola.

PE: Gestores. A M. é uma gestora que abriu a escola. Ela abriu pro novo, então ela divulgava, ela apoiava, ela divulgava a rádio, eh seee o gestor, só ele não, mas ele FAZ a diferença. Se o cara comprar a ideia de qualquer outro projeto: de fanfarra, de banda, de qualquer outra coisa, se o cara puxar vaii (+) faz diferença (+) mas, agora se ele não puxar (+) a chance de morrer é grande assim (+) eh (+) mas, mesmo, assim, o diretor comprar a briga, ele comprou a minha briga porque ele que responde na frente dos outros, porque os outros, eles não querem, eles ((refere-se aos professores)) querem manter essa matriz ((refere-se a estrutura da escola)).

Na frase destacada o Professor Entrevistado apresenta a metáfora de “comprar a briga” fazendo referência aos momentos em que enfrentava dificuldades para manter o desenvolvimento da Rádio.

²³ Refere-se à abreviatura para Mestranda, portanto a entrevistadora.

²⁴ Para o símbolo [[demonstra falas simultâneas. Usam-se colchetes para quando dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno (explicação em Anexo II).

Para melhor entender este posicionamento, é possível recorrer a Orlandi (2015), quando apresenta diferentes tipologias de discurso, sendo eles: o discurso lúdico, o polêmico, e o autoritário. No caso, o discurso do Entrevistado remete ao discurso polêmico, pois “configura-se como uma prática de resistência e afrontamento”. (ORLANDI, 2015, p. 86).

Portanto, o Entrevistado direciona o entendimento de que a manutenção da Rádio foi realizada mediante confrontos e possíveis desacordos com os gestores, sejam internos (direção da escola) ou externos (a Secretaria Estadual de Educação). Com isso, é reforçada a compreensão da falha na construção de um processo de integração.

Entretanto, ainda cabe buscar outras formas de possíveis integrações, uma delas está no envolvimento de professores e funcionários. Ao falar sobre os funcionários da escola, principalmente as zeladoras e cozinheiras, o Professor Entrevistado define que estas se sentiam integrantes da Rádio.

M: Os funcionários, as zeladoras, o pessoal da cozinha?

PE: Eu nunca” tive problema, quando tinha convidado sempre tinha café, as meninas participavam e mandavam alô, então elas escutavam [[Elas se sentiam recebendo alguém para algo que era delas?]] Sim, então professores e funcionários, funcionários prINCIPALMENTE da higienização e da cozinha, da copa eles que tinham MAIS aproximação, diferente dos outros, da secretaria e professores.

Esta participação das zeladoras e cozinheiras ficou evidente durante o processo de observação, sempre que podiam as funcionárias acompanhavam a transmissão dos programas e até mesmo auxiliavam na montagem e desmontagem dos equipamentos.

Quanto à integração com os demais professores da instituição, o Professor Entrevistado apresenta que ao longo da transição da Rádio de convencional para educativa buscou constante apoio dos educadores.

PE: Ah Não, assim (+) no começo eu abria, [Olha tenho um programa segunda-feira, vocês têm ou vocês sugerem alguma temática?]. Nas reuniões que tinha aqui na, na reunião de início de ano, eu apresentava a rádio. [Tem um programa pra vocês sugerirem os temas]. Então, eu tava sempre procurando fazer isso’, aberto, isso” dire:to²⁵, assim, sabe, chegava nos professores e falava eh, assim (+) quase ninguém/.../

É preciso destacar a frase “quase ninguém” dita pelo Entrevistado, pois ao longo do processo de observação foi possível identificar professores que participavam do desenvolvimento da Rádio. Alguns desenvolviam atividades com seus alunos, que resultavam em programas, ou participavam como ouvintes. Cabe destacar que a escola estudada conta

²⁵ Para o símbolo :: representa alongamento de vogal. Dependendo da duração os dois pontos podem ser repetidos (explicação em Anexo II).

com aproximadamente 80 professores e 20 funcionários. Este número total de professores participantes não ultrapassou dez pessoas. Embora um número pequeno de docentes participantes, durante a observação parecia ser de grande contribuição. Talvez a fala do Entrevistado esteja mais focada naqueles que não participavam, pois em sua compreensão todos os educadores da escola deveriam estar envolvidos, sem exceções.

O Professor Entrevistado ainda relata que sempre sentia a necessidade de reforçar que a Rádio era algo pertencente à escola e que necessitava da participação de todos.

PE: Isso! Quando, isso, eu, eu sempre batia [Não, o projeto é da escola!]. É a escola que tem que incorporar, é dela! Sabe, então, eu sempre fazia convite. Eu sempre chamava [A rádio é da escola]. Em reunião eu sempre falava tem que se apropriar disso [É de vocês!].

É possível relacionar que a dificuldade de perceber a Rádio como pertencente à escola remontava ao início da atividade, pois como relatado anteriormente, ela começou de fora para dentro, quando o professor em conjunto com outro educador mantinha um estúdio na própria casa. Porém, este fato acabou por contribuir com outra forma de integração, que foi a comunidade escolar em geral.

Pais, professores e estudantes de outras instituições e, principalmente, participantes de movimentos sociais viam na Rádio uma possibilidade de abordar dentro da escola temas muitas vezes não contemplados pelo currículo escolar.

PE: É, é como a rádio nasceu de fora pra dentro, não ao contrário. Então as pessoas de FORA sugeriam temas.

Desta forma, a Rádio, através da web acabava por construir seu destaque externamente.

PE: O que, que 'me chamou a atenção'', a rádio começou a ganhar visIBILIDADE não internamente, ela ganhou visibilidade exter::NAMENTE, sabe (+) externo (+) eh/.../

M: Então, você acha, assim, você falou pra mim que a rádio começou de fora pra dentro, você vê que esse foi um erro?

PE: Então, pra divulgação, foi, foi acertado (+) e quando tentaram ACABAR a rádio tive fortalecimento EXTERNO. Mas, assim, pra você fazer uma rádio que a escola está disposta a romper com essa matriz rígida, assim, eh tem de ser de dentro pra fora, mas o que isso vai trazer mudança pra escola/

M: Por que a escola diz pra você o que que ela precisa!

PE: Isso! Entendeu, isso é novo, é novo/.../

Este reconhecimento externo levava outras escolas a pedirem a presença da Rádio, e até mesmo a convidar o Professor Entrevistado para montar outras rádios escolares.

PE: Porque o que acontece, tinha o A., tinha o P.F., tinha o T. ((outros Colégios do município)), que solicitava a gente. Só que a gente não tinha perna, condições de ir, não tinha condições, que, para ir na escola, você tem que ir com um dia antes (+) pra montar tudo [[Sim]] tem que ver se tem internet, pra fazer funcionar/.../

Neste momento, surge outro elemento primordial à integração: a estrutura escolar. Esta estrutura que pode ser fomentadora e, também, prejudicial, pode ser a estrutura física, humana e até mesmo cultural.

Quanto à estrutura física, destaca-se que para funcionamento de uma web rádio é preciso acesso à internet, diversos equipamentos para transmissão e, até mesmo um local reservado que possa funcionar como estúdio.

M: A rádio não conseguiu um local reservado pra ela, como um estúdio?

PE: ((gesticula negativamente)) Porque era a M. (2.0) ((pausa porque o sinal de troca de aulas toca)) ((risos)) É essa a estrutura da Escola ((risos)) a M. ((risos)) (+) me convidou, ela já tinha uma outra ideia pra colocar a rádio em outro espaço, depois a M. saiu da direção/.../

A Rádio funcionou na área de entrada da escola, ao lado da secretaria, isso poderia propiciar visibilidade devido ao fluxo de pessoas, mas prejudicava o desenvolvimento dos programas com ruídos e intervenções. Também a cada programa era preciso montar e desmontar todos os equipamentos e guardar em outro local, causando danos e perda de materiais.

Quanto à estrutura cultural, que se referem aos horários, comportamentos, regras de funcionamento específicos de uma escola, por exemplo:

M: Eu lembro que foi esse programa que, que os alunos estavam participando bastante e tocou o sinal para uma turma ir para o intervalo, foi uma coisa assim (+) no meio do programa os alunos tiveram que sair pra ir pro intervalo, esse tipo de interrupção acontecia sempre?

PE: SEMPRE! Porque são modelos, né, por exemplo, assim, porque você quer o novo dentro da escola, mas você não abre espaço pra dinâmica do novo, então, você quer o novo dentro da escola, mas com as REGRAS que a escola tem (+) as regras pré-históricas, então há conflitos, vai acontecer conflitos, assim, assim, eh hoje a minha experiência” me aponta isso. Aponta, apontou, eu percebia isso, mas, agora distanciado eu percebo mais, esse modelo não, esse modelo de escola não suporta o novo, ele faz de tudo é assim, pra, pra que o novo se adapte ao velho [[Ao que já existe]] ao que já tá aí, eh no início, assim, é que tem o sinal, tem o horário de entrar, sabe, então/

M: Como que isso influenciava no desenvolvimento da rádio?

PE: Ah muito, muito assim (+) te quebrava as pernas, né, porque eu fazia um programa de uma hora lá na frente, em frente à secretaria [[Na entrada da escola.]] Na entrada, aí entrava pai, às vezes tinha reclamação da secretaria/.../

Percebe-se que a integração, portanto, é o entendimento de que as ações educativas devem acontecer de forma colaborativa. Os diferentes elementos tratados aqui levam a

perceber a importância da integração para possibilitar e construir mudanças de maneira a melhorar a prática pedagógica.

Entretanto, cabe perceber que mesmo as ditas falhas de integração podem contribuir para que o professor que participa de uma atividade de web rádio escolar reflita ainda mais sobre sua prática de maneira a pensar em possíveis soluções e compreender-se como em constante construção. Neste aspecto, destaca-se a possibilidade de conjecturar sobre a linguagem.

3.3.4.3 Linguagem

Ao longo do referencial teórico deste trabalho apresentou-se que a comunicação é fundamental dentro do processo educativo. Esta comunicação acontece através de diferentes meios, um deles são as diversas formas de linguagem.

Ao fazer uso da radiodifusão, dentro da escola, podem-se ampliar diferentes formas de comunicação e interação entre os sujeitos da aprendizagem. Essa comunicação é de extrema importância para o desenvolvimento dos estudantes, pois a linguagem é resultado de uma interação social em diferentes esferas. (SOARES, 2000).

Com isso, percebe-se que ao participar do desenvolvimento de uma web rádio escolar que une rádio e internet, permitindo a junção da linguagem oral, escrita e visual, o participante poderá perceber uma mobilidade e variedade de linguagem que possibilita começar a questionar sua postura, presença corporal e todos os diversos elementos que compõem a linguagem, fundamental para o processo educativo. Neste ponto, fala-se especificamente na linguagem pedagógica, ou seja, uma linguagem que contribui para promover a aprendizagem.

Entende-se que a linguagem é um instrumento humano que permite expressar a mesma ideia em diferentes formas, para este momento de análise se entende esta linguagem como a linguagem pedagógica.

A linguagem pedagógica é aquela utilizada pelo professor e que pode passar por constante aprimoramento de modo a melhorar a comunicação com seus alunos. Elemento este, que foi percebido pelo Professor Entrevistado ao longo do desenvolvimento da web rádio escolar.

PE: .../Isso te deixa marcado, tá, então'', esse jeito de professor, o de falar, sabe, eh (+) então, EU APRENDI A FALAR. Eu tive que aprender a falar, falar PAUSADAMENTE'', ACENTUAR'' algumas palavras. Quando você acha que aquela palavra é importante pro TEU ouvinte, então, tudo'' isso eu fui aprendendo

eh (+)/.../Essa linguagem radiofônica é diferente, então, esse jeito', essa linguagem radiofônica, eu levei pra dentro de sala de aula, para as minhas aulas, as minhas aulas (+) eu falo positiva dessa da rádio/

Entretanto, deve-se entender que para a prática da web rádio é necessário o conhecimento da linguagem e da produção radiofônica por professores e alunos, para que assim se compreenda “a função desse meio e sua atuação na sociedade contemporânea”. (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 4). Percebendo isso, o próprio Professor Entrevistado destaca que ações em conjunto com professores de diferentes áreas do conhecimento são necessárias para refletir sobre as diferentes formas de linguagem para somar com a linguagem radiofônica e pedagógica.

PE: Se eu montar uma rádio HOJE (+) se eu fosse montar uma rádio hoje eu ia fazer totalmente'' diferente [[O que você mudaria?]] eu primeiro fazia uma conversa com os professores de português.

M: De português, por causa da linguagem?

PE: Da linguagem, porque você tem que preparar o aluno pra outro tipo de linguagem [[Não só a falada como a própria redação]] Própria redação, própria leitura é outra, é outro tipo, é outra leitura (+) preparar os alunos pra ouvir [[Ouvir]] Porque que a gente tá no mundo visual, né [[Sim]] a gente vê, você não escreve, abrevia tudo, é rádio é outra linguagem e você tem que ouvir, você tem que parar pra ouvir/.../

É possível pensar, também, sobre a própria diferença que se percebe dentro da linguagem da rádio convencional para a educativa.

PE: /.../“O céu é o limite” justamente por isso, porque era uma rádio (+) era uma rádio comercial”.

PE: /.../a gente tocava rock, tocava música internacional. Era uma rádio comercial, comercial'' e eu também tinha um programa que tocava de tudo, né, uma SALADA DE FRUTA, enfim! Tá, só que começou a ficar, assim, tá, aquilo começou a me incomodar, sabe! Quando a gente veio pra escola e fez o projeto começou a me incomodar. Porque a gente se estendeu no Estado, mas a gente não pode ser isso, né? Assim, e os alunos? Aí a gente tá fortalecendo, a gente tá trazendo para o espaço de dentro da escola eh tipo de música que é questionável, né? /.../ a gente não pode mais suportar mais isso, né, tem que ser uma rá::dio educa:tiva. Tem que ter temáticas'', músicas com outro perfil/.../

Percebe-se, também, que a Rádio quando educativa não pode ter uma repetição da linguagem que se desenvolve tradicionalmente em sala de aula, “o desafio da escola trabalhar com rádio na escola visando à análise da linguagem radiofônica, a programação e a fala do comunicador que deve acontecer através de discurso direto, pessoal, amistoso e atraente”. (ASSUMPÇÃO, 2009, p.4).

PE: Quando a gente começou a fazer a rádio educativa não entrava ninguém'' e ninguém'' escutava. Daí cadê aquela massa? Cadê aquele povo todo?

M: Você não acha que existia às vezes uma expectativa das pessoas de que um programa educativo não seria uma repetição da sala de aula?

PE: É uma BOA, uma boa observação, que depois eu percebi isso com os meus alunos do projeto' (+) isso é bem interessante! Porque como é linguagem, né, a gente tem dentro da sala de aula de acordo com a sua disciplina uma linguagem. Chama-se linguagem escolar. Quando você traz a rádio, você tem que se adaptar com um outro perfil de linguagem (+) linguagem socioeducativa (+) então, o que é isso? Então, quando eu tô lendo um texto que vai pra rádio, eu tenho que ler' o texto de forma que o meu ouvinte possa entender. Que é um texto que eu estou dialogando com o ouvinte. Então, que acontece, a linguagem escolar, ela não coagula com a linguagem radiofônica, ela é diferente, então, o que acontece com o professor, o professor entra'' na sala de aula e ele tem'' um ouvinte, os alunos, são os ouvintes, e ele vai falando, vai falando eh aí, o que acontece, o professor, aquela linguagem, aquela linguagem corrida, a leitura do texto, a leitura corrida não serve'' para o espaço da rádio/.../

Neste momento é possível perceber que a web rádio amplia as formas de linguagem, pois inclui “a oralidade e a escrita através da construção de textos (programação) para o rádio” (ASSUMPÇÃO, 2009, p.1), mas também age na linguagem visual.

PE: TUDO, TUDO (+) é OUTRA linguagem, nós estamos falando de uma outra linguagem (+) então, quando isso veio pra escola os alunos tinham um outro comportamento, que estavam sendo filmados (+) entendeu, se você olhar, ouvir os programas, tem ruído no começo com áudio (+) quando você tem o programa visual, quando você tá lá filmando é oUTRO comportamento. E o professor convidado tinha oUTRO comportamento.

Esta percepção do visual deve-se ao fato de que a programação de uma web rádio passa a ser visualizada e não apenas ouvida, portanto, quando os participantes da rádio se ouviam e se viam, já começavam a questionar sua prática, pensando em possibilidades para construir a mudança.

3.3.4.4 Mudança da prática pedagógica

Os descritores que foram utilizados como dispositivos analíticos até o momento levam ao item principal desta dissertação, ou seja, o questionamento: Como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças em sua prática pedagógica?

Apresentou-se que a intencionalidade é o fator inicial para que a mudança aconteça, mas ela depende, também, da integração, ou seja, da construção de um trabalho colaborativo com a participação dos diferentes sujeitos da educação de modo a melhorar a prática pedagógica. A intencionalidade e a integração são reflexos e permitem o constante autoconhecimento, que leva ao questionamento de diferentes elementos da educação. Um destes diferentes elementos que podem se modificar é o que foi chamado de linguagem, ou

seja, uma avaliação sobre a forma de se comunicar, de realizar o intercâmbio de maneira a melhor alcançar os agentes educativos, principalmente os alunos.

Mudar a prática pedagógica de modo a melhorá-la, torna-se possível a partir de diferentes ações e reflexões que levam à percepção de um processo de autoconhecimento por parte dos professores, compreendendo a constante necessidade de se aprimorar. Com isso, na sequência, apresentam-se aspectos de mudança da prática pedagógica, a partir do discurso do sujeito da pesquisa.

Por fim, ao refletir sobre intencionalidade, integração e linguagem são traçados elementos que podem levar à chamada mudança da prática pedagógica. Esta mudança é aqui entendida como um possível deslocamento do papel do professor, pois, como afirma Camas (2012), “o professor, que precisa entender o papel de companheiro, o líder e o orientador comunitário, colaborativo na construção do saber e do projeto pedagógico como parte integrante em sua realização”. (CAMAS, 2012, p. 39).

Portanto, mudar a prática pedagógica de maneira a melhorá-la, só é possível a partir de diferentes ações e reflexões que levam à percepção de um processo de autoconhecimento por parte dos professores, compreendendo a constante necessidade de se aprimorar.

Inicialmente, o Professor Entrevistado destaca que o próprio período dedicado para preparar a programação da Rádio exigia maior tempo de estudo de diferentes temáticas que, por consequência melhoravam as suas aulas.

M: O que isso influenciou, por exemplo, esse tempo que você levava preparando o programa, isso influenciava diretamente no seu trabalho em sala de aula?

PE: Ah isso potencializava [[Potencializava suas aulas?]] As minhas aulas eram ou::trás, até hoje, né, por conta do programa (+) ajudou um monte a pensar, né, e trazer questões que às vezes não eram contempladas no livro e eu trazia por conta da rádio/

O Professor Entrevistado, ainda, demonstra que fazia uso do que aprendeu com a linguagem radiofônica como nova metodologia de trabalho em sala de aula.

PE: Porque, eu, eu faço que os alunos tivessem sendo preparados para participar de um programa de rádio.

M: Como é esse, esse preparo?

PE: Sempre na leitura. Lá, lendo um texto, ele vai lalalala CORRENDO, |Não. Calma, calma, calma| (+) aí eu, eu trato os alunos como se fossem ouvintes. |Vocês estão entendendo o que ele está falando?|. Então a leitura. Eu tenho” que entender” o texto. Então, aquele, aquela fala de quando a gente liga o rádio que você entende o locutor, bem, que você entende o entrevistado e o locutor (+) eu, eu fico imaginando |Será que o aluno tá entendendo?|, aquela pergunta que eu me fazia, |Se você fala muito rápido será que o cara lá em casa tá entendendo?|.

Esta reflexão levava o sujeito a pensar também nos seus alunos surdos, pois com a prática da web rádio era levado a pensar em uma linguagem pedagógica que atendesse a todos os estudantes.

PE: /.../aí o que, que eu tenho (+) me fez perceber, que quando tem alunos surdos na sala (+) outro ritmo (+) eu sempre pergunto [Eu posso avançar?]. Só avanço se der (+) e TUDO foi à rádio.

Com isso o Professor Entrevistado se dispôs a utilizar das possibilidades da web rádio para ir além de adaptá-la ao que já fazia, ele utilizou da experiência para se reconstruir na prática. Desta forma, é possível perceber que o professor não repensou apenas novos métodos, mas repensou a sua prática como um todo.

Este processo de perceber-se como sujeito em constante aprimoramento não se restringia apenas ao Professor Entrevistado, podia se estender para outros participantes das atividades.

PE: /.../aí o professor depois escutava na (+) no Youtube, e ele pedia pra tirar [[Como assim?]] Ele, ele pedia pra tirar. Porque ele percebia [[Ele, ele ficava, como se constrangido?]] Eh constrangido”. Por que aquela fala, porque pra ele, por que, assim, uma FALA de sala de aula é uma coisa, uma FALA dentro de uma TV de uma rádio é outra. Você tem uma outra postura, né, você veste” máscaras, é outra imagem, então, quando ela se via, ela pedia pra tirar ou enfim, as /.../

Participar da construção de um programa e, principalmente ao se verem e se ouvirem, os professores convidados já refletiam sobre a sua prática pedagógica.

M: Mas, esse pedido pra tirar, por exemplo, eh despertava no professor um questionamento sobre a prática dele?

PE: SIM, ele pensava na prática dele [[Ele percebia?]] Percebia.

M: Por que em sala de aula ninguém” tá gravando a gente, e a gente às vezes não se vê! /

PE: Essa professora mesmo” ((fazendo referência à professora participante de um programa)). Ela me procurou e falou assim [Olha! Eu mudei o meu jeito de dar aula!]

M: Só de PARTICIPAR do programa?

PE: E de se VÊ, [[De se vê fazendo?]] De se vê”. É, por que, quando você fala assim, não, a gente já tá tão”, ISSO aqui já tá tão introjetado na gente, ESSE estilo, ESSE jeito de professor, que você anda na rua a pessoa sabe [Aquele é professor!].

PE: Mas assim, eh (+) tanto visual, como o outro, as pessoas que participaram são outras pessoas, são outras pessoas dando aula, ELAS me falaram.

A percepção e reflexão sobre a prática de modo a melhorá-la acontece em diferentes momentos e resulta em ações constantes, não é passageiro com data certa para começar e acabar, ou seja, o professor pode perceber que houve mudanças, mas que elas continuaram a acontecer. Assim, o próprio Professor Entrevistado entende:

M: Você percebeu que mudou a sua prática? Você era (+) como era o P. professor antes do projeto de web rádio e o P. agora, depois desses dois anos, depois desse projeto de web rádio, como que é a sua prática pedagógica?

PE: Ah continua, ah mudou, assim (+) eu (+) /.../ Pra mim o projeto continua (+) Não continua aqui na escola, mas, a minha atitude como professor (+) as pessoas me VEEM como o professor da rádio, entendeu. No Dia do Locutor as pessoas me dão parabéns. Mudou a minha prática, o meu jeito de dar aula eh eu, eu comecei a prestar a atenção [Será que o aluno está entendendo o que eu estou falando?]. Então isso é dá rádio.

PE: É, no que, assim, mudou a minha sensibilidade, mudou, assim, e não é uma coisa que acabou o projeto acabou a sensibilidade, isso não, isso incorporou eh assim (+)/.../

Esta percepção do Professor Entrevistado é resultado da intenção, da integração que puderam levar à reflexão sobre a linguagem, tornando-se balizadoras para a mudança da prática pedagógica de maneira a melhorá-la. Entretanto, cabe destacar que estes descritores apresentados como dispositivos de análise, não esgotam outros diferentes elementos que podem levar à mudança da prática pedagógica, pois se compreende que

a Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2015, p. 24).

A AD aqui realizada possibilita perceber que o discurso pode ultrapassar noções de senso comum, pois os dados levantados foram discutidos, apontados, confirmados ou negados através de todas as etapas da pesquisa, culminando com a Análise do Discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido caracterizou-se como uma pesquisa empírica e exploratória de abordagem qualitativa. Tal metodologia foi adotada com a intenção de responder o questionamento: Como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças em sua prática pedagógica? Para construir a resposta para a questão norteadora, diferentes momentos de pesquisa foram construídos.

O trabalho iniciou realizando uma apresentação de ordem pessoal para contextualizar a pesquisa e relatar as motivações para tal estudo. Foi a motivação apresentada que levou a mestrandia a buscar pelo Mestrado Profissional em Educação, por acreditar que este percurso lhe daria o suporte necessário para, não apenas responder um questionamento, mas para constituir uma base fundamental para o aprimoramento como educadora e, da mesma forma balizar o início da sua formação como pesquisadora.

Para este processo de formação e pesquisa se fez necessário a composição de objetivos para nortear as necessidades do trabalho. Como objetivo principal do estudo foi proposto: analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica. Para chegar a este objetivo construiu-se inicialmente o referencial teórico, resultando na segunda seção desta dissertação. Buscou-se apresentar uma discussão teórica a respeito do uso das tecnologias da informação e comunicação para a educação de maneira a refletir sobre as possíveis influências no fazer do professor.

Percebeu-se que as diferentes tecnologias de comunicação e informação podem ampliar o entendimento de escola e de sala de aula, entretanto, é de grande importância que sejam proporcionadas ao professor condições para que ele entenda seu papel educacional e desenvolva a intenção de mudar sua prática de modo a aprimorá-la.

Neste momento, notou-se a gama de trabalhos, autores e artigos que apresentam e discutem o uso de tecnologias da informação e comunicação para a educação. Assim, percebeu-se a necessidade de conhecer dissertações e teses com temas semelhantes ao proposto para a pesquisa que se propunha a fazer. Este processo de conhecimento se fez extremamente relevante, pois permitiu contato direto com pesquisas concluídas. Também, foi possível perceber que, mesmo dentro de um número restrito de trabalhos existe variedade de propostas pesquisadas.

No levantamento desenvolvido, destacaram-se as semelhanças nos benefícios e, também, nas dificuldades encontradas pelos pesquisadores, características estas que foram percebidas em vários momentos ao longo do desenvolvimento deste trabalho, tais como: identificação de dificuldades financeiras para manter diferentes projetos educativos, restrições em relação à adaptação dos espaços físicos da escola para receber novas atividades e, também, as dificuldades de cunho humano para perceber a necessidade de mudar de maneira a aprimorar o trabalho do professor.

Cabe destacar que nenhum dos trabalhos encontrados abordava o uso do rádio e da web rádio como possibilidade para a mudança da prática pedagógica a partir da percepção dos professores que desenvolvem este tipo de atividade escolar. É neste ponto que esta pesquisa se diferenciou, pois ao questionar como um professor que se envolve na produção de uma web rádio escolar, em uma escola pública estadual, identifica possíveis mudanças sua prática pedagógica, a voz do educador pode ser ouvida. Mas, para chegar ao momento de dar voz a este professor, outras etapas de construção do referencial teórico foram necessárias.

Desenvolveu-se o objetivo de descrever o desenvolvimento do rádio e suas características para a educação. Para cumprir com este objetivo, iniciou-se com a explanação sobre como se desenvolveram as estratégias de comunicação humana ao longo dos anos. Entretanto, compreendeu-se a amplitude do tema comunicação humana, e que este trabalho não esgotaria esta discussão, assim, foi necessário abordar especificamente a criação do rádio e sua evolução para percebê-lo como um dos diferentes meios de comunicação com relevância histórica para diferentes processos educativos.

De maneira a melhor se aproximar do tema desta pesquisa, definiu-se o objetivo de apresentar a web rádio e suas possíveis contribuições para a prática educativa. Assim, foi possível iniciar a reflexão sobre as possíveis potencialidades desta tecnologia para mudança da prática pedagógica. Ao conhecer estas possibilidades foi possível definir elementos que deveriam ser observados ao longo do processo de coleta de dados *in loco*, pois eles poderiam se confirmar ou não.

Em se tratando de uma pesquisa, em uma escola da rede estadual de ensino, ainda, foi preciso desenvolver o objetivo de apontar políticas de incentivo para a existência e permanência de rádios escolares em escolas públicas estaduais do Paraná, para tanto se realizou um levantamento documental, através do conhecimento de Diretrizes e Parâmetros Curriculares, assim como a leitura de leis e instruções estaduais.

Ao cumprir com este objetivo foi possível perceber que os documentos estimulam o uso das diferentes tecnologias da informação e comunicação para aprendizagem. Mas, por

outro lado, também podem se constituir como mecanismos de controle através da cobrança de contínuos relatórios e limitações de ações por meio de seu efeito de organização. Assim, elas acabam produzindo uma imagem de regulamentadora do ensino.

Cumprido os primeiros objetivos, seguiu-se para o desenvolvimento da segunda seção que visava apresentar os procedimentos metodológicos, delimitando e justificando a abordagem metodológica, os momentos de pesquisa e instrumentos para coletas dos dados e informações. Os dados foram apresentados, organizados e sistematizados.

Neste momento, foi possível fazer a composição do objetivo de conhecer uma web rádio escolar, bem como sua dinâmica, composição, propostas, anseios e dificuldades, para a mudança das práticas pedagógicas. Desenvolveu-se o relato de conhecimento da web rádio escolar, resultado das observações apreendidas no processo de observação e conhecimento documental.

Conhecendo a Rádio foi possível perceber que as atividades da web rádio escolar apresentava diferentes possibilidades na melhoria do processo educativo, seja através da melhora da comunicação entre alunos e professores, bem como da construção de ações conjuntas entre os diferentes agentes educativos.

Ao longo de todo o processo de observação foi possível acompanhar diferentes fases da web rádio, que no seu segundo ano de existência ampliava os temas de debate e o público, pois com o uso da web já não estava mais restrita à escola. Porém, mesmo diante das variadas possibilidades para o ensino, as atividades da Rádio foram encerradas no mês de dezembro de 2016. Os motivos e consequências deste fechamento não se apresentam nesta dissertação deixando em aberto a possibilidade de apresentar esta discussão em futuras pesquisas.

Seguindo o processo de construção de resposta para o questionamento norteador dessa pesquisa se desenvolveu o objetivo de coletar dados com o professor que utilizou a web rádio escolar como prática pedagógica. Neste momento, os dados obtidos através de uma entrevista semiestrutura desenvolvida com o Professor Entrevistado, denominado sujeito da pesquisa, foram somados aos demais instrumentos de pesquisa.

Findada a construção do referencial teórico e coletados os dados, iniciou-se o desenvolvimento do objetivo geral de analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica.

Para a análise dos dados se fez a opção de utilizar a Análise de Discurso (AD). Nesta perspectiva definiram-se os dispositivos analíticos através do apontamento de quatro

descritores para facilitar a Análise do Discurso, sendo eles: intencionalidade; integração; linguagem e mudança da prática pedagógica.

Com esta etapa de análise percebeu-se que o descritor intencionalidade se destaca, pois desperta a compreensão de que a mudança só começará a acontecer a partir do reconhecimento da necessidade de mudar. Portanto, quando o Professor Entrevistado apresentou diferentes formas de intencionalidade, acabou por ajuizar sobre quais os caminhos ele poderia tomar para chegar a um fazer diferenciado.

É a partir deste reconhecimento que o professor poderá buscar construir redes de colaboração. O processo colaborativo foi apresentado através do descritor integração, pois compreendeu-se que qualquer mudança para ocorrer precisa de uma ação conjunta, pois um professor que buscar a mudança não conseguirá fazê-la sozinho. O ato de educar é feito a partir da participação dos diferentes agentes educativos: professores, alunos, funcionários, gestores, pais e comunidade.

Quando o sujeito explora que alguns dos agentes educativos demonstravam interesse pela ação da Rádio ao mesmo tempo em que outros acabavam por não se apropriar da ideia, destaca-se que todos são de grande relevância para o processo educativo. Quando alguns destes agentes falham ou se silenciam a balança desequilibra.

Ao desenvolver-se a percepção da necessidade da mudança, o professor poderá ainda iniciar um processo de questionamento constante, reavaliando o seu fazer. É neste sentido que foi explorado o descritor linguagem, pois quando o professor começou a se ouvir e a se ver durante o trabalho na web rádio, começou, também, a reavaliar suas atitudes e postura, construindo uma nova forma de linguagem pedagógica, unindo as necessidades dos alunos em sala de aula com a dinâmica de uma linguagem radiofônica.

Em sequência se passou para o descritor mudança da prática pedagógica. Este descritor desenvolveu-se após os três anteriores, para que assim se compreendesse que a mudança só é possível através de um processo. Qualquer mudança para que seja significativa deve ser resultado de constantes reflexões somadas a ações.

Conclui-se que participar da produção de web rádio escolar pode levar o professor a identificar mudanças em sua prática pedagógica, mas que estas mudanças só acontecem se forem somadas ao processo de amadurecimento deste profissional.

É preciso destacar que para que a mudança aconteça não se conclui com uma receita, delimitando o perfil ideal de professor e passo a passo para o seu fazer, pois o que aqui se apresentou como processo de mudança foi produzido por um professor através de sentidos

que lhe são únicos e singulares para aquele contexto específico, para as condições determinadas.

Percebe-se um caminho para um professor possível, ou seja, um professor que tem a intenção de fazer melhor, que busca a integrar diferentes agentes educativos, que avalia e reformula sua linguagem e por consequência sua postura, sua corporeidade em sala de aula.

Percebe-se, ainda, um avanço teórico promovido pelo processo de pesquisa, leituras que permitiram a pesquisadora levantar novos sentidos para o ensino. Além de ampliar a compreensão sobre os mais diferentes fatores que envolvem o ser professor.

As condições pesquisadas permitem inferir que este trabalho não esgota as possibilidades de pesquisa sobre o tema e se quer sobre os diferentes dados que aqui foram coletados.

Com os dados coletados nesta pesquisa, ainda cabem reflexões a partir de diferentes conceitos e referências teóricos aqui não abordados, tais como: interatividade, mediação, meios de comunicação pós-massivos, entre outros.

Além da já mencionada possibilidade de investigar possíveis causas do encerramento das atividades da web rádio escolar estudada, também, ainda é possível pensar em estudos que permitam contato direto com os estudantes participantes de uma atividade radiofônica e suas percepções sobre esta ação.

Ao longo desta pesquisa se percebeu que muitos professores apresentam o interesse de desenvolver o uso da web rádio, assim como, de outras diferentes tecnologias da informação e comunicação nas instituições, mas não o fazem por falta de recursos e formação, esta, também é uma possível proposta de futuras pesquisas, talvez, nos moldes de pesquisa ação.

Ainda, esta pesquisa despertou o interesse em conhecer outras rádios escolares que podem existir em diferentes realidades, superando distintos desafios e proporcionando a professores e estudantes os mais variados meios de aprimoramento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: BRASIL. Secretaria de Educação a Distância. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005a. p. 38 a 45. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2015.

_____. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: BRASIL. Secretaria de Educação a Distância. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Problematizando o conceito de “meio” de comunicação**. e-Com, Revista científica de Comunicação social do centro universitário de Belo Horizonte (UNIBH). v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/view/486/275>>. Acesso em: 24 nov 2016.

ASSUMPÇÃO, Zeneida. **Radioescola e educomunicação**: o papel delas na escola. CELACOM 2009, Universidade Metodista, 2009. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Zeneida_Radioescola.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2015.

_____. **A rádio na escola**: uma prática educativa eficaz. 2001. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aradioescola-N2-2001.pdf>>. Acesso em: 28 nov 2015.

_____. **Radioescola**: (uma proposta para o ensino de primeiro grau). São Paulo: Annablume, 1999.

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; GASTALDELLO, Maria Eugênia T.; CAMELO, Marina A. **Rádio escolar**: ferramenta de interação sociodiscursiva na escola. Rev. bras. linguist. apl. vol.8 no.1 Belo Horizonte 2008. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/78.pdf>>. Acesso em: 02 dez 2015.

BANCO DE TESES CAPES. <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>>. Acesso em: 20 dez 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **Crianças e mídias no Brasil**: cenários de mudanças. Campinas, SP: Papirus, 2010.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

_____. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 287-301, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a07v29n2.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2015.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação**: conceitos, história e perspectivas. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. página 1081-1102. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2015.

BRASIL. Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997. **Portal da Legislação**. Presidência da República, DF, 16 de jul. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9472.htm>. Acesso em: 22 abr 2016.

BRASIL. Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. **Portal da Legislação**, DF, 28 de fev. 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De10236.htm>. Acesso em: 22 abr 2016.

BRASIL. Lei n.º 9.612, de 19 de fev. 1998. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária. **Diário Oficial**, Brasília: 20 fev. 1998. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm>. Acesso em: 22 abr 2016.

BRASIL. Decreto n.º 2.615, 3 de jun. de 1998. Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária. **Ministério das Comunicações**. DF, 3 de jun. 1998. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/>>. Acesso em: 22 abr 2016.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um (re)pensar. Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

BRUTTI, Sonilda Martins. **Rádio escolar**: ampliando o universo cultural dos estudantes. TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, 2012, 80f. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação – UFRGS, Porto alegre, 2012.

CABELLO, Camila Faustinoni. **Cultura audiovisual e formação de educadores**: possibilidades e limites em práticas educacionais. 2011. 71f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2869>. Acesso em: 25 de dez de 2015.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell Camas; BRITO, Glaucia da Silva. Metodologias ativas: uma discussão acerca das possibilidades práticas na educação continuada de professores do ensino superior. **Revista Diálogo Educacional**. No prelo. 2017.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. **Revista e-Curriculum**: origens e evolução de um periódico científico eletrônico na área de Educação e Currículo construído na colaboração pedagógica. Doutorado em Educação: Currículo, PUC-SP, 2008, 243. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6976>. Acesso em: 04 jan 2016.

CAMAS, Nuria Pons Vilardell. Revisão Teórica da Ação Pedagógica Virtual. Revista **EducaOnline**. Volume 6 - No 1 - Janeiro/Abril de 2012. Disponível em: <[http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path\[\]=287](http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&op=view&path[]=287)>. Acesso em: 19 nov 2015.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

_____. Meios de comunicação e práticas escolares. **Comunicação & Educação**. São Paulo, 17, jan/abr 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36894>>. Acesso em: 01 dez 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

COLÉGIO ESTADUAL AMYNTAS DE BARROS – EF/EM. **Rádio Web Amyntas**: a implementação de uma abordagem educativa. Coordenador: Prof. Ms. Paulo Renato Araújo Dias. Pinhais: 2015.

COSTA, Fernando Albuquerque. Desenvolvimento curricular e TIC: Do déficit tecnológico ao déficit metodológico. In: Albano Estrela e Júlia Ferreira (Eds.). Revisitar **os Estudos Curriculares – Onde estamos e para onde vamos?**. 2012. Lisboa: Secção Portuguesa da AFIRSE.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2000.

FIGUEIREDO, Jakes Charles Andrade. **Projeto rádio recreio no dia a dia de uma escola municipal**. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8191-projeto-radio-recreio-no-dia-a-dia-de-uma-escola-municipal-universidade-catolica-dom-bosco-campo-grande-ms-2011.pdf>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2015.

GARCIA, Letícia Afonso Rosa; BINI, Renan Paulo. **A educomunicação como instrumento de construção de leitores críticos de mídia**. vol 7. nº 1 – 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8233>>. Acesso em: 01 mar 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIOVANNINI, Barbara. **Evolução na Comunicação**: Do Sílax ao Silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LANGARO, Ruth Azambuja. **O uso de emissora de rádio como uma tecnologia de informação comunicação para a implementação do ensino**. 2012. 82f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1313/1/PG_PPGECT_M_Langaro%20Ruth%20Azambuja_2012.pdf>. Acesso em: 23 de dezembro de 2015.

LEMONS, A. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**. v. 1. n. 1. outubro, 2007. p. 121 a 137. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 19 mar 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2015.

MANCUSO, Vinícius de Moura. **O uso do rádio no processo de ensino-aprendizagem**. TCC. UFRGS – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Porto Alegre: 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103004/000922163.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 abr 2015.

MANDAJI, Mônica; RIBEIRO, Renata Aquino; SILVA, Renata Kelly. “Webrádio abed” – convergência de mídias e Processos colaborativos na criação de uma Rede de informações junto aos sujeitos do Processo de ensino e aprendizagem em EAD. **16º Congresso Internacional de EAD – ABED**, Foz do Iguaçu, set. 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010190908.pdf>>. Acesso em 22 out 2015.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. 2006. Disponível em: <http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista>. Acesso em: 19 mar 2017.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 11-65.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **Rádio na educação escolar**: escuta, silêncio e imaginação. Santa Cruz do Sul. 2012. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul, 2012. Disponível em: <<http://btd.unisc.br/Dissertacoes/CarlosdeOliveira.pdf>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2015.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. O Radiojornalismo no Brasil: fragmentos da história. **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 66-85, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>>. Acesso em: 16 fev de 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Pontes Editores, Campinas, SP: 2015.

PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. Caderno de expectativas de aprendizagem. **Departamento de Educação Básica**. 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno_expectativas.pdf>. Acesso em: 16 fev 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes para o uso de tecnologias educacionais. Superintendência da Educação. **Diretoria de Tecnologias Educacionais**. Curitiba: SEED – Pr., 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/diretrizes_uso_tecnologia.pdf>. Acesso em: 16 fev 2016.

PARANÁ. Resolução nº. 1.690 - 27 de Abril de 2011. Casa Civil. **Sistema Estadual de Legislação**, 27 de abr. 2011 Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=69240&indice=1&totalRegistros=1>>. Acesso em: 22 abr 2016.

PARANÁ. Instrução n. 007/2012- Seed/Sued. Secretaria de Estado da Educação. **Superintendência da Educação**, 02 de mar. 2012. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucao072012.pdf>>. Acesso em: 22 abr 2016.

PELLIZZON, Rosely de Fátima de. Pesquisa na área da saúde. Base de dados DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). **Acta Cirúrgica Brasileira**. Vol 19, nº. 2. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/acb/v19n2/v19n2a13.pdf>>. Acesso em: 22 jun 2017.

PFROM NETO, Samuel. **Tecnologia da educação e comunicação de massa**. São Paulo, Pioneira: 1976.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PIOVEZANI, Carlos. Falar em público na política contemporânea: eloquência pop e popular brasileira na idade da mídia. In: COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 290 a 337.

REVOREDO, T. **Descritores**, 2017. Disponível em: <<https://prezi.com/wzcrmw4fo/portal-de-periodicos-da-capes-uptodate-e-outras/>>. Acesso em: 15 ago 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, set./dez. 2006, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50.

Disponível em: <

<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=237&dd99=view&dd98=pbf>>. Acesso em: 31 de março de 2016.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos.

REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 10-15, dezembro/fevereiro 2002-2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33800>>. Acesso em 29 dez 2015.

SANCHO, Juana Maria. De Tecnologias da Informação e Comunicação a Recursos Educativos. In: SANCHO, Juana Maria (org.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

_____. A tecnologia: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: SANCHO, Juana M. (org.). **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 23-49.

SGANZERLLA, Sérgio. **Rádios Web e educação**: comunicação protagonista na formação do cidadão. 2011. 193f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15061/1/S%C3%A9rgio%20Sganzerlla%20_%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23 de dez de 2015.

SILVA, Jayson Magno da. **O som da integração das tecnologias digitais de informação e comunicação ao currículo**: a rádio na internet - voz, poder & aprendizagem. 2011. 211f.

Dissertação (Mestrado em educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12540>. Acesso em: 23 de dez de 2015.

SILVA, M. Internet na escola e inclusão. In: **Integração das Tecnologias na Educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p. 63 a 69. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2015.

SOARES, José Francisco. **Descritor (de competência ou habilidade)**. Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Faculdade de Educação-FAE. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/descritor-de-competencia-ou-habilidade>> Acesso em: 09 jun de 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. In: Comunicação & Educação, ano 7, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <

www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36934/39656>. Acesso em: 28 dez 2015.

_____. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato (Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Cultura), Brasília: Senado Federal. Ano 1, no 2, jan./mar. 1999. Disponível em: <

<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>>. Acesso em: 02 mai 2016.

STEIN, Suleima Tello. **Educomunicação**: uma proposta para o Ensino de Ciências. 2011. 117f. Dissertação (mestrado) – Escola Normal Superior, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <<http://www.pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/34-14.PDF>>. Acesso em 23 de dez de 2015.

TABOADA, Arlete Aparecida. **Rádioweb**: outra rádio, diferentes processos de produção, roteirização e edição. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14050>. Acesso em: 23 de dez de 2015.

UFPR. **Cartilha Educomunicação**. Projeto Nossa Mídia. Mário Messagi Jr. (Coord.). Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2011/04/cartilha-educomunicacao.pdf>>. Acesso em: 27 dez 2015.

UNICEF. **Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!** Sistematização da Experiência em Educomunicação. VOLPI, Mário; PALAZZO, Ludmila (org.). Brasília, agosto de 2010. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf>. Acesso em 24 nov 2015.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS DOS INFOGRÁFICOS

INFOGRÁFICO 1: Rádio brasileiro e Educação na década de 1920:

Edgar Roquette-Pinto nos estúdios da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.fm94.rj.gov.br/index.php/controladorhistorico>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Edgar Roquette-Pinto atuou como médico, antropólogo, radialista e educador. Disponível em: <<http://www.fm94.rj.gov.br/index.php/controladorhistorico>>. Acesso em: 18 abr 2016.

INFOGRÁFICO 2: Rádio brasileiro e Educação na década de 1930:

Presidente Getúlio Vargas discursando. Disponível em: <<http://fenai.org.br/2012/09/22/avoz-do-brasil-opinio-o-estado-de-s-paulo/>>. Acesso em: 18 abr 2016.

INFOGRÁFICO 3: Rádio brasileiro e Educação nas décadas de 1940 e 50:

Instituto Rádio Monitor (1939). Disponível em: <<http://eadtic.webnode.com.br/apresenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Instituto Universal Brasileiro (1941). Disponível em: <<http://eadtic.webnode.com.br/apresenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Capa do Livro "Educação Fundamental pelo Rádio" (1955). Disponível em: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/eja-antes-da-decada-de-60-capa-do-livro-educacao-fundamental-pelo-radio-1955>>. Acesso em: 18 abr 2016.

INFOGRÁFICO 4: Rádio brasileiro e Educação nas décadas 1960 e 70:

Relatório Anual do MEB de 1962. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/cedic/meb/o-meb.html>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Apostila do Projeto Minerva. Disponível em: <<http://projeto-minerva.blogspot.com.br/2012/03/em-busca-de-fasciculos.html>>. Acesso em: 18 abr 2016.

INFOGRÁFICO 5: Rádio brasileiro e Educação nas décadas 1980 e 90:

Estúdio da Ipanema FM (Rio Grande do Sul), nos anos 1980. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/search/label/Anos%201980?updated-max=2003-01-03T08:00:00-02:00&max-results=20&start=13&by-date=false>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Logotipo da Rádíoweb Utfpr. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/search/label/Anos%201980?updated-max=2003-01-03T08:00:00-02:00&max-results=20&start=13&by-date=false>>. Acesso em: 18 abr 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - INFOGRÁFICO 1 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NA DÉCADA DE 1920



FONTE: A autora (2016)²⁶

²⁶ Os Infográficos apresentados foram elaborados baseados em: Camas (2008); Citelli (2004); Fausto (2014); Ferrareto (2000); Neuberger (2012); Ortriwano (2003) e Prado (2012).

APÊNDICE 2 – INFOGRÁFICO 2 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NA DÉCADA DE 1930



APÊNDICE 3 – INFOGRÁFICO 3 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1940 E 50

1940

Após a regulamentação da publicidade, os programas de rádio começam a ter uma programação diversificada e maior caráter comercial.



Instituto Rádio Monitor (1939)

Fonte Imagem: <<http://eadtic.webnode.com.br/apresenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 18 abr 2016.

Ações de educação à distância fazendo uso do rádio começam a se fortalecer.



Instituto Universal Brasileiro (1941)

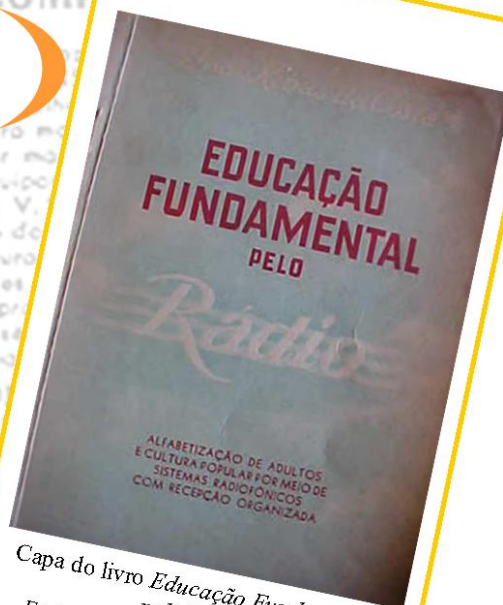
Fonte Imagem: <<http://eadtic.webnode.com.br/apresenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 18 abr 2016.

1950

Com a chegada da TV os programas de rádio perdem muitos anúncios e artistas, com isso passa a fazer uso de materiais gravados e troca as novelas por serviços.

Em 1956 é lançado o livro *Educação Fundamental pelo Rádio – Alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos com recepção organizada*, escrito por Ribas da Costa.

Em 1958 foi criado o projeto SI-RENA — Sistema Rádio-Educativo Nacional.



Capa do livro *Educação Fundamental pelo Rádio*

Fonte Imagem: <<https://acervo.fe.ufg.br/index.php/eja-antes-da-decada-de-60-capa-do-livro-educacao-fundamental-pelo-radio-1955>>. Acesso em: 18 abr 2016.

APÊNDICE 4 – INFOGRÁFICO 4 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS 1960 E 70

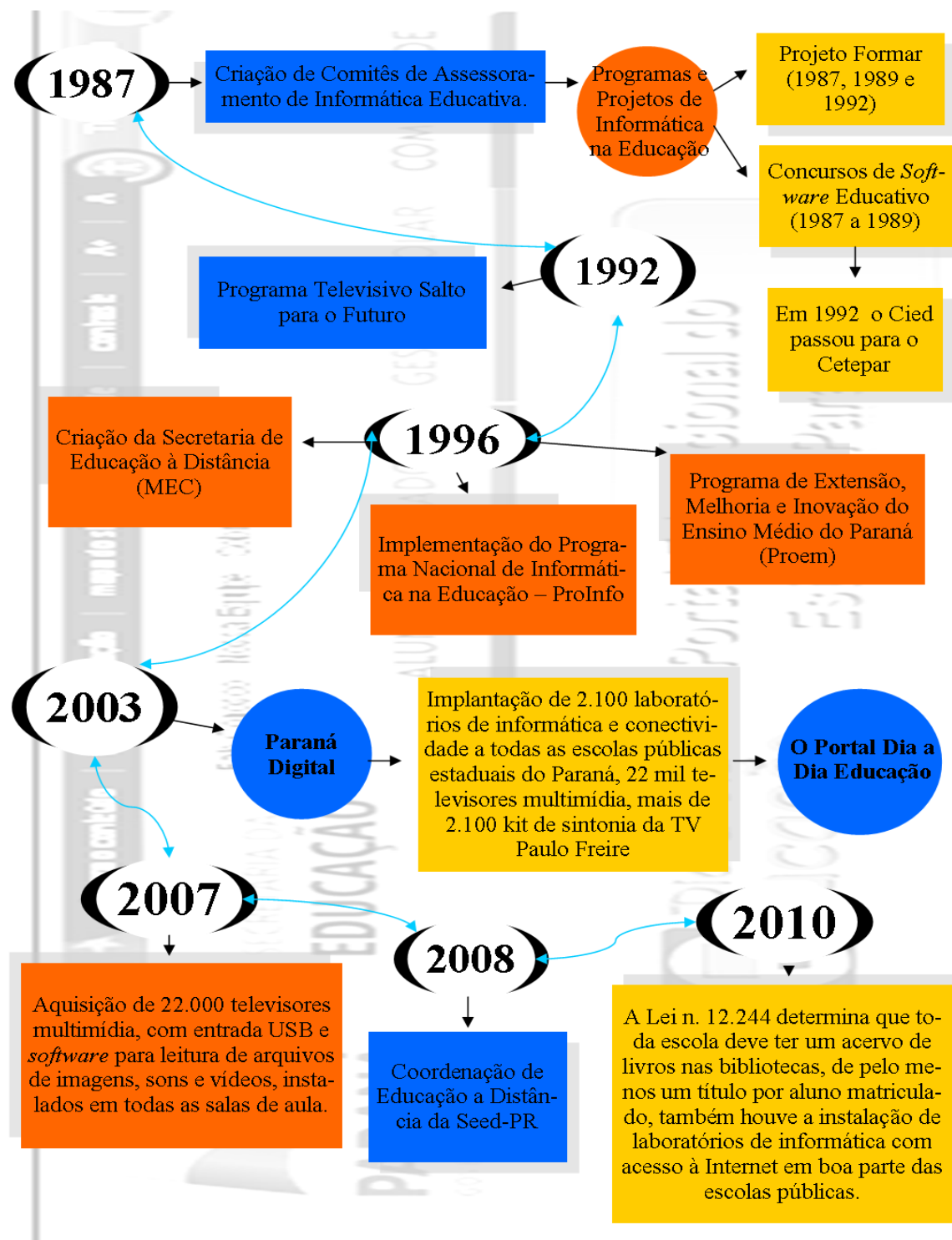


Fonte: A autora (2016).

APÊNDICE 5 – INFOGRÁFICO 5 - RÁDIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO NAS DÉCADAS 1980 E 90



APÊNDICE 6 – INFOGRÁFICO 6 – HISTÓRICO DE AÇÕES QUE VISAM AGRUPAR AS DIFERENTES TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO PARANÁ



Fonte: A autora (2016).

APÊNDICE 7 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SUJEITO DA PESQUISA**ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSOR COORDENADOR DA WEB RÁDIO****DADOS DOS PROFISSIONAIS**

1. Qual o seu cargo/função ocupada na escola que se desenvolveu na Rádio?
2. Há quanto tempo você leciona?
3. Qual a sua formação acadêmica?
4. Você já fez algum curso de formação continuada para desenvolver o projeto web rádio ou para o uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC) em geral?
5. Em caso afirmativo, o curso que fez contribuiu para você desenvolver e/ou acompanhar as atividades da web rádio, relacionando com a ação pedagógica, como?

SOBRE A WEB RÁDIO

6. Como surgiu a ideia de implementar um rádio escolar?
7. De onde vieram os equipamentos e recursos financeiros?
8. Qual o diferencial de transformar o rádio em uma web rádio?
9. Quais as diferenças entre o rádio convencional e o rádio educativo mencionadas no projeto de implementação?
10. Qual era o papel dos alunos para a execução da web rádio?
11. Existia um grupo fixo de alunos que participam do projeto? Era realizada alguma seleção entre os alunos para participar do projeto?
12. Como era decidida a grade de programação da web rádio e qual o papel dos alunos nesta decisão?
13. Qual era a programação da web rádio?
14. Como se dava o envolvimento da comunidade escolar e quais as estratégias utilizadas para promover este envolvimento?
15. Como se dava o envolvimento de outros professores na rádio?
16. Existia uma parceria e envolvimento entre a Rádio e demais escolas públicas da região?
17. Quais foram as principais dificuldades encontradas para a implementação e continuidade da rádio?
18. Quais foram as possibilidades, os limites e as influências da web rádio na sua ação pedagógica?

APÊNDICE 8 – TERMO DE CONSENTIMENTO DE ENTREVISTA DO SUJEITO DA PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Fui convidado (a) participar dessa pesquisa: Uso da web rádio escolar como possibilidade para mudança da prática pedagógica a partir do discurso do professor. Com o objetivo de analisar o discurso do professor envolvido na produção e uso de uma web rádio escolar, em uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba, no tocante a possíveis mudanças na prática pedagógica. A pesquisa tem a justificativa de atender a necessidade de entender o fazer pedagógico do professor que participa das atividades de desenvolvimento da web rádio. Estou ciente de que estou concordando em participar voluntariamente desta pesquisa e que minha privacidade será respeitada, ou seja, todos os meus dados serão mantidos em sigilo.

Fui informado que participarei de uma entrevista sobre minha visão acerca da minha vivência no desenvolvimento da web rádio. Também responderei questões abertas destinadas a análise para o entendimento do uso significado pelos professores participantes da web rádio.

Os procedimentos da pesquisa já contêm os cuidados necessários para que eu não me exponha a nenhum risco. Possibilitaram-me amplo e detalhado esclarecimento sobre todo e qualquer ato que diga respeito à coleta dos dados.

A qualquer momento posso retirar meu consentimento e me recusar a participar do estudo sem qualquer dano ou prejuízo. Li este termo e, portanto, fui orientado quanto ao teor da pesquisa acima mencionada e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, sabendo que não receberei ou pagarei nenhum valor econômico por minha participação, pois as despesas serão arcadas pelos pesquisadores.

Assinatura do participante: _____

RG _____

Assinatura dos pesquisadores:

Camila Tatiane de Souza

Profa. Dra. Nuria Pons Vilarde Il Camas
Pinhais, ____ de _____ de 2017.

1ª via sujeito de pesquisa/ 2ª via pesquisador.

APÊNDICE 9 – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DO SUJEITO DA PESQUISA

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

ENTREVISTADO: Professor coordenador da web rádio

DATA DA ENTREVISTA: 9 de março de 2017

HORÁRIO: 8h as 9h30min da manhã

LOCAL: Colégio Estadual em que se desenvolveu a web rádio

Observações necessárias:

Ao chegar ao Colégio me dirigi à sala dos professores conforme combinado com o professor a ser entrevistado. Desta sala nos dirigimos à chamada “Sala Multiuso” para termos um local tranquilo no qual pudéssemos realizar a entrevista. No caminho encontramos alunos que participaram da web rádio, neste momento já começamos a conversar sobre como estes alunos se portavam diante das atividades e os conflitos com outros professores que não compreendiam as tarefas a serem realizadas pelos alunos. Nesse momento já iniciei a gravar a fala, pois se tratava de informações relevantes que já estavam sendo trocadas sem qualquer pergunta inicial, segue a transcrição a partir desse início de gravação:

Mestranda: Mas (+) o que eu vejo, *assim* (+) os alunos que se propõem a participar desse tipo de projeto, são os alunos que de alguma forma já são inquietos. Eles já querem alguma coisa. Então eles participam, eles VEEM A OPORTUNIDADE de fazer algo diferente eles fazem mesmo’’. E, eles não vão voltar ao estágio antigo é essa a ideia da evolução, *né?* Você vai e não regride mais, é essa a questão (+) e eu acho que a questão dos professores, mesmo (+)(+) a hora que a pessoa vê que dá trabalho, *né?*

Professor Entrevistado: É tem isso, mas, mas, *assim* (+) o que, o que eu percebi, é essa questão do trabalho’, é essa questão dos alunos’ que começam a deixar de ser aluno na sala de aula [[Literalmente, na origem da palavra aluno]] (+) mas é (+)(+) o incomodo das questões que você traz para dentro da escola, por exemplo, tem, tem questões que você às vezes não consegue discutir isso em sala de aula /

[pausa para arrumar o gravador]...

M: Pode continuar.

PE: *Assim*, (+) por exemplo, você me perguntava, *assim*, da, da (+) da dificuldade da rádio, *assim*, na escola (+)(+) é bonito, ehh todo mundo achou legal’’. É uma coisa nova, de fato é

novos''. Rádio é uma coisa VELHA, mas dentro DESSE espaço, ela é uma coisa NOVA, né? Ihh ela tem um glamour *assim*, sabe (+) em que você pode sair da invisibiLIDADE, que muitas vezes o espaço da escola, ela tem essa facilidade, né, de colocar alguns autores na invisibilidade'' (+) o que você tinha falado e esses alunos que estão na invisibilidade eles se identificam melhor com o projeto e participam do projeto. E aí esse aluno que é problema, né. De repente'' ele tá lá na frente'. A voz dele passa a ser uma voz que, que perpassa'' o espaço da escola e como é web é o mundo, né. Então |como aquele cara que não faz nada comigo tá lá na frente|, *sabe*. |Como que aquele cara que não faz nada| eee |Você', você tem que dar exemplo por que tá na rádio|, eee começa ((risos)) sabe (+)(+) começa, aaa (+) o corpo de professores começa a fazer pressão pra aquele aluno eheh (+), então (+) e as vezes (+) tem palavras de incentivo pro aluno e tem palavras, *assim*, que dizer, |Cuidado, se você não se comportar e se você não fizer eu vou te reprovar|, *sabe*. E isso acontecia na minha frente, isso os próprios alunos /

M: E aquela expressão |os alunos do "Fulano" /

PE: É'' isso, eee aí começa [[é uma expressão repetitiva, também, né?]] isso (+) *aí* (+) começa justamente, aaeheh |os alunos da rádio|, né? Depois que os alunos (+) isso partiu deles (+) o Recreio Interativo, eh isso partiu dos alunos eh (+) e, *aí* eles tem to::da uma logística, que a gente não tem um estúdio pronto, né? [[Sim]] Tem que montar e desmontar. Então'' você tem que sair um pouquinho antes da sala, nego::ciar antes com o professor pra montar e de::pois (+) se ele não vir antes pra montar, se tem que (+) enfim (+)(+) *aí*, o cara começa a chegar atrasado'' (+) mas aí tem uma coisa interessante', porque quando os alunos estão com o Recreio Interativo, o professor que está eh na sala dos professores (+) ele torce pra que o recreio se estenda, tá, ele QUER que o recreio se estenda. E, depois que o recreio se estende ele vai' pra sala, eh aqueles alunos que propiciaram'' que o recreio se estendesse, eles acabam (+) punindo os alunos. Então, eles não têm, essa (+) essa visão, sabe? ((pausa para beber chimarrão)) Mas, assim, eh (+) mas o que eu percebi mais, assim, foram' as temáticas /

M: A rejeição relacionada às temáticas?

PE: As temáticas (+) /

M: Mas, os professores participavam', por exemplo, eh eles participavam na definição dos temas? Como que era a definição dos temas da rádio?

PE: Ah Não, assim (+) no começo eu abria, |Olha tenho um programa segunda-feira, vocês têm ou vocês sugerem alguma temática?|. Nas reuniões que tinha aqui na, na reunião de início de ano, eu apresentava a rádio. |Tem um programa pra vocês sugerirem os temas|. Então, eu tava sempre procurando fazer isso', aberto, isso'' dire::to, assim, sabe, chegava nos

professores e falava eh, assim (+) quase ninguém (+) |Eu vou ver| (+) aí, eu comecei a nortear os temas. Mas, os temas sempre foram correspondentes ah [[Da sua disciplina]] Não, não (+) ah questão da escola, né. Muita coisa da minha disciplina quase não tem, né, nas temáticas, poucas coisas (+) eram coisas que envolviam a escola, pra PENSAR a escola. Então, essas temáticas, que muitas vezes a gente não discute dentro da sala de aula, porque às vezes a disciplina eh não propicia, enfim (+) então a gente faz isso na rádio, faZIA isso na rádio, e dava certo! O que, que' me chamou a atenção'', a rádio começou a ganhar visIBILIDADE não internamente, ela ganhou visibilidade exter::NAMENTE, sabe (+) externo (+) eh, e uma outra coisa que, que eu acho que foi importante fo::ram os cartazes /

M: Os banners de divulgação da rádio?

PE: Os cartazes do tema do programa daquele dia eh, assim, muitas'' pessoas, talvez, não tenham escutado o programa naquele horário, naquele dia (+) mas, o cartaz anunciava um tema, entendeu, e, ele julgava o tema como sendo importante e, enfim, e a rádio começou a ter uma visibilidade [[Externa]] por conta dos cartazes. E, ela se afirmou externamente, tá, (+) então eh eu, a gente começou a ser convidado pra, pra apresentar nas escolas, na federal, eh no Café filosófico. Que outras escolas viam a gente. Transmitiu nos cafés, então, isso, externamente ela começou a ter essa visibilidade (+) eh /

M: É a questão também dela ser uma web rádio, né? (+) Por ela (a rádio) estar na web, ela não tem um local fixo e você utilizava das mídias sociais também pra fazer essa divulgação ((concorda gesticulando)). Isso aí, o acesso é maior, né, também as informações, né, e muitos vídeos você deixava depois no Youtube, também, disponível, né? Você percebia que tinha esse acesso, assim, as visualizações dos vídeos no Youtube, não só no programa ao vivo, depois do programa as pessoas procuravam /

PE: Procuravam eh (+) eu, eu (+) dá pra verificar isso lá, os acessos, não são aque::les ace::ssos, assim, mas tem uma procura, né? As pessoas escutavam. Eu percebi isso quando eu tinha um encontro onde tinha professores reunidos, sempre tinha professores |ah você é da rádio?|, |ah eu ouvi seu programa X|. Então, não era uma coisa massiva, o que era uma coisa que eu sempre tive (+) quando deu aquela guinada na escola educativa, não, na RÁDIO educativa eu sempre tive essa preocupação de não ser algo massificador, sabe. Porque algo massificador já tem, né? Porque quando a rádio começou. Voltando ao começo. Quando a rádio começou o R. ((nome do professor que iniciou a rádio)). Foi uma pessoa assim muito importante!

M: R. professor de filosofia, né?

PE: Não! De história.

M: História? É o E. o de filosofia? ((afirmativo gesticulando))

PE: O R., ele, ele (+) inclusive a gente brigou' [[Ele saiu da escola, né?]] Ele saiu! Primeiro ele assumiu a Direção, daí e::le (+) deu problemas'', enfim (+) acabou que a gente brigou, mas no começo ele foi fundamental pra (+) tanto que quando a rádio começou ela tinha (+) era uma rádio comercial [[Sim]] e ela PRECISOU ser comercial no começo pra ter uma visIBILIDADE, isso aí, isso aí é inegável! Eh o Roberto tinha uma, uma filial na casa dele' e eu tinha uma filial lá' em casa /

M: Nesse momento que você chama de comercial, não tava dentro da escola?

PE: Não! Não tava /

M: Não tava dentro da escola, mas já era Rádio A.?

PE: Já era Rádio A. Ela nasceu como Rádio A.

M: Até nesse período o slogan era "O céu é o limite", né? ((afirmativo gesticulando)) Porque esse, esse slogan? Você lembra isso? ((afirmativo gesticulando))

PE: Esse slogan quem trouxe aquele formato de imagem em asa ((fazendo referência a imagem de divulgação da rádio)), foi o R. Foi o R. quem criou. Foi o R. que mandou fazer os adesivos. Eu tenho esses adesivos em casa (+) "O céu é o limite" justamente por isso, porque era uma rádio (+) era uma rádio comercial''. Tocava música de vários estilos. O R. é roqueiro, ele tinha um projeto de banda aqui na escola e quando tinha o Festival de banda a gente transmitia os festivais, então eh (+) ele tinha uma programa que era Quinta na História eh e ele transmitia. Fazia isso da casa dele. Eh ele levava bandas pra casa dele pra fazer o programa. Então, ele fazia uma, uma temática sobre história, né /

M: É no Quinta na História ele contava, ele começava de algum acontecimento histórico que começou na quinta feira, eu me lembro disso no programa /

PE: Isso! Eh e aí ele sempre levava uma banda, uma banda pra tocar, os caras tocavam violão, enfim (+) então, isso (+) te::ve uma gra::nde visibilidade (+) naquele circuito dos alunos que tinham banda e tal, isso deu um *bummm*, né (+) "O céu é o limite" justamente por isso porque ele eh a gente (+) ele pensava e a gente pensava na época que a gente tinha que divulgar a rádio, TEM QUE DIVULGAR, né? Então, esse nome ajudou muito. E a gente participou de greve. A gente entrevistava nas greves, nas ocupações que tiveram na ALEP ((refere-se ao período de greve dos professores estaduais em que ocuparam a Assembleia Legislativa do Paraná, no ano de 2015)). A gente tava lá, a gente entrevistou (+)(+)

M: Nessa época não era um projeto ainda, né? Aqueles projetos de contraturno de escola era uma coisa de vocês dois?

PE: Isso.

M: Por exemplo, um projeto estabelecido, por normas do estado?

PE: Começou assim, por conta mesmo (+)

M: Era iniciativa de vocês dois. E os equipamentos que vocês usavam nessa época?

PE: Nessa época a gente tinha uma mesa que é da escola [[A mesa de rádio é da escola?]] Da escola, aí eu (+) a M. que era a diretora, foi fundamental. Que, ela que conseguiu eh fazer com que eu viesse pra cá ((fazendo referência ao Colégio)), eu estou aqui por causa dela’.

M: Quando você veio, você já veio com a intenção de montar a rádio? [[Já]] quando você pediu transferência pra cá?

PE: Não. Eu fiz aquele, aquele (+) remoção, né?

M: Remoção. ((processo de transferência de Professores de uma escola para outra)).

PE: Era época que eu tava voando, né? ((no período citado o Professor tinha vaga fixada no município de Pinhais, mas não pertencia ao quadro de um Colégio em específico)). Pra fixar, e aí a M. falou (+) lá ((no Colégio)) tem uma estrutura. E, ela me trouxe aqui. E, eu vim uma tarde aqui e, eu olhei que tinha as caixinhas ((de som)) em cada sala ((de aula)). E, tem uma mesa ((mesa de som)), então eu falei |Perfeito|, aí eu consegui, aí eu vim pra cá. Só que não tinha esse projeto remunerado do estado, né, eh abre um parênteses essa remuneração é infinitamente, assim (+) assim, ínfima, ínfima (+) assim, não vale pra nada [[Não supre as despesas que você tem com a rádio?]] Não, não.

M: Quanto mais ou menos você tira do seu bolso, pra manter, tira::va do seu bolso pra manter a rádio, você lembra, mais ou menos?

PE: O Mirlx é um programa internacional, que você tem que ter um programa internacional e precisa de um cartão internacional pra poder pagar [[Cartão de crédito?]] É! Cartão de crédito. Ele custava (+) eu pagava em média, um::s du::zentos a trezentos ((reais)) por mês [[Por mês?]] Por mês. E, aí, depois eu fiz um plano, que aí era de vinte e quatro horas, depois eu fiz um plano de pagar 3 horas [[Só o tempo de transmissão dos programas]] É, aí eu, que, que aconteceu, quando eu fiz o plano, a gente assina a primeira vez o Mirxl ele se equivocaram e me cobraram, me cobraram mais uma fatura, e eu recorri, que, ouve um equívoco e *tal* por conta disso eles liberaram a rádio 24 horas por um a::no inteiro sem cobrar, por isso que a gente [[Você conseguiu estender o tempo?]] É o tempo, entendeu. Depois quando venceu, eu voltei ao plano de 3 horas, assim, o Mirxl era pago, o Spotify é pago, vinte de cinco reais por mês. É, depois eu comprei uma mesa de som melhor, por que a mesa que a gente tinha aqui ela oscilava muito, então ela deixava na mão durante o programa. Comprei uma mesa, a mesa custou quase dois mil reais. Comprei todo o kit de microfone, fio eh (+) enfim, eu gastei nesse

tempo, a gente chegou a gastar uns sete a oito mil reais [[Com equipamentos?]] Com equipamento.

M: Fora as despesas de veículos, de ir de um lugar para o outro, isso aí a gente nem tem como calcular?

PE: Não, não. E tempo, né, pra preparar os programas eh internet minha (+) então, eu tinha (+) quando eu vinha pro programa na segunda-feira, já vinha (+) já trabalha isso durante toda a semana, eh segunda, terça, quarta, pra deixar o programa redondinho na segunda /

M: É, isso até, nesses programas exigia de você não só o planejamento, como o tempo que você tinha que estudar o tema anteriormente, né? Pra você chegar até o programa [[Tudo isso]] Pra isso a hora atividade não dá conta? ((gesticula negativamente)) Você tinha que se virar dentro da sua rotina diária. O que isso influenciou, por exemplo, esse tempo que você levava preparando o programa, isso influenciava diretamente no seu trabalho em sala de aula?

PE: Ah isso potencializava [[Potencializava suas aulas?]] As minhas aulas eram ou::tras, até hoje, né, por conta do programa (+) ajudou um monte a pensar, né, e trazer questões que as vezes não eram contempladas no livro e eu trazia por conta da rádio /

M: É, você é professor de Filosofia (+) e filosofia, as vezes, é tão (+) as vezes os professores não conseguem fazer uma relação do tema com a atualidade e o programa da rádio sempre tratava da atualidade, né, quando você falava de questões de racismo (+) teve um programa que vocês falaram sobre grafite. E, às vezes a gente não faz essa relação em sala de aula com o nosso conteúdo e o teu tempo de estudo proporcionava você fazer isso? [[Sim]] Fazer essa relação? /

PE: E, aí, a gente, a gente, fazia contato com estas pessoas ou as pessoas indicavam (+) então, essa'', pergunta que você me perguntou (+) das temáticas, as pessoas de fo::ra que sugeriam as temáticas [[Conforme o que elas poderiam auxiliar?]] É, não, não! [[Por exemplo?]] Não, internamente (+) lembra que você me perguntou [[Sim]] Sobre os professores (+) [[Se os professores auxiliavam?]] É, é como a rádio nasceu de fora pra dentro, não ao contrário. Então as pessoas de FORA sugeriam temas. As pessoas que eram envolvidas em movimentos sociais, os sindicatos, né, é que sugeriam os temas. Então, ela foi se fortalecendo nesse sentido, eh (+) quando o Estado fez a primeira tentativa de cortar (+) como é que surgiu os cortes da rádio, não foi do nada (+) os cortes não foram diretamente, os cortes da rádio e os questionamentos da rádio surgiram internamente (+) então, foi um pai entre aspas que denunciou, né, sempre um pai que denunciou /

M: Então, por exemplo, assim, eh tinha (+) você transmitia um tema, tinha um programa sobre um tema, no dia seguinte um pai entrava em contato com a Secretaria de Educação te denunciando [[Pela ouvidoria.]] Sobre aquele tema, na ouvidoria?

PE: Já ia direto'' pra ouvidoria. Na primeira denúncia ocorreu quando estávamos em greve e a gente eh fez a rádio como informe e daí nós convidamos a APP sindicato e os Professores, então a gente fez um programa que ia um monte /

M: Mas isso foi em um momento em que a rádio já era educativa, né, porque teve aquele primeiro momento era você e o R. em casa?

PE: Sim.

M: Depois que vocês trouxeram ela pra dentro da escola que vocês começaram ah a trabalhar estes temas e estes temas de alguma forma incomodaram algumas pessoas, ela ((a web rádio)) já era educativa?

PE: Já'', já'' a presença do H. aqui dentro já foi um problema!

M: Você fala do H. presidente do sindicato ((dos professores))?

PE: É, ele compareceu na rádio. Ele foi em um programa lá em casa falar sobre terceirização. Ele fez um programa aqui falando sobre os informativos da greve e teve um outro programa que ele esteve aqui, mas o que, o que, que eu aprendi com isso (+) teve uma denúncia a gente respondeu eh enfim, não deu nada (+) mas, o que, que eu aprendi com isso, quando eu queria que o H. participasse ou alguém do movimento social eu este::ndia o convite para todas as instâncias, para a Secretaria de Educação, para o presidente da Assembleia Legislativa eh para o H., para os sindicatos. Assim eu fazia, entregava, protocolo. Tenho todos guardados, NÃO TÁ AQUI NA ESCOLA, tá na minha casa. Todos'' guardados, não qui::s deixar aqui (+) aí eh, quando eu abri o programa que fazia o convite a todos e vinha só o H. eu fazia assim, eu lia o ofício e dizia estou aqui com os documentos assinados, foram realizados os convites e abria o programa [[Algum dia você recebeu resposta desses convites?]] hum (+) Recebi resposta ((pausa para tomar chimarrão)) [[Só das pessoas que realmente]] Isso [[Sempre estavam presentes]] Teve um dia, teve uma época que a superintendente, a F. [[Sim]] ela confirmou a presença, ligou pra escola e confirmou. Faltando ci::nco minutos para começar ela recebeu um telefonema dizendo que ela não podia vir. Aí eu peguei e disse que eu gostaria que você formalizasse como eu fiz o pedido formal, |você tem que formalizar|, ela disse |não, não precisa| (+) assim (+) eu ia pessoalmente entregar os convites, já conversei com ela pessoalmente eh por parte do Estado, eles nunca, NUNCA, assim (+)(+) nunca'', nunca vieram, nem levaram a coisa que é, o que foi aquilo, né? (+)

M: Então, a presença dos movimentos sociais, sempre foi forte, né, sempre foi viva ((gesticula afirmativamente)), mas e a participação de outras escolas? Porque você não atua só em uma escola, como que outras escolas estavam presentes dentro da programação?

PE: ((gesticula afirmativamente)) A gente fez um Recreio Interativo no L. ((nome de um Colégio)), numa tarde, a gente levou o equipamento, levamos os alunos, os alunos fizeram o Recreio lá, foi um maior rebu, foi legal! Depois quando a gente tava com o R., a gente fez aqui no Cebbeja eh (+) eh, mas, primeiro vou falar do Cebbeja [[Ok.]] quando a gente tava com o R. naquele processo de divulgação, teve uma professora, que era pedagoga, que me conhecia e conhecia o R., e nos convidou para fazer uma cobertura da Semana Cultural que era sobre a questão afro e a ditadura militar, que a professora de história fez um mosaico lá (+) e eles plantaram a camélia ((muda de árvore)), por que como eu já tinha (+) eu já trabalhava a rádio lá no O. ((nome de outro Colégio)), e lá no O. a gente plantou uma camélia, essa professora eh viu a camélia e quis plantar lá no Cebbeja. Tanto que no Cebbeja tem uma camélia plantada. O Cebbeja aqui na [[Maria Antonieta]] Maria Antonieta [[no Caic]] no Caic, então, a gente foi a noite e transmitimos, assim, aquele muito precário, caindo o sinal, a internet (+) sim, que a gente tava, tudo a gente tava fazendo pra aprender eh teve um momento que eles plantaram a camélia e a gente foi e aí a gente explicou o que era e tal, depois a gente retornou no salão, tinha muita gente e aí a gente convidava as pessoas, a diretora, a pedagoga, as pessoas envolvidas naquele projeto pra fazer a entrevista. Tinha tapete. Tinha sofá. Foi bem'' legal! Cebbeja (+) depois a gente foi pro K., pro O., e depois eh acho que foi só (+) é, acho que foi só essas escolas. Porque o que acontece, tinha o A., tinha o P.F., tinha o T. ((outros Colégios do município)), que solicitava a gente. Só que a gente não tinha perna, condições de ir, não tinha condições, que, para ir na escola, você tem que ir com um dia antes (+) pra montar tudo [[Sim]] tem que ver se tem internet, pra fazer funcionar, a internet é do Estado, então, o Estado (+) essa internet do Estado, ela te bloqueia, então assim, era uma labuta /

M: Ela bloqueia o que? Ela limita o teu acesso?

PE: Limita, limita (+) aí depois a gente aprendeu como fazer, mas, mas assim, não dava [[Por exemplo]] Tinha cabo, [[Por exemplo, tem sites que você não entra, por exemplo, é isso ou limita?]] Não é (+) [[ou é ou limita de velocidade?]] eh de velocidade, oscila demais, então que, que acontece a gente tem que comprar cabo, de dez a quinze metros de cabo pra ligar lá'' no computador, pra puxar lá'' pra'' cima pra ligar no nosso, pra poder (+) mas mesmo assim, ela caia muito, então (+) o Estado, assim, diz que professor tem que trabalhar as novas tecnologias na sala de aula, mas estas tecnologias que o estado te fornece pra trabalhar são

muito ruins, são pré-históricas'', eh elas deixam a desejar. Você não tem uma internet de qualidade pra suportar /

M: E o Colégio A., que é o colégio em que você desenvolveu o projeto é um colégio que, que, tá, está como se fosse modelo no uso de internet, de *tablets*. Tanto que é um dos primeiros colégios que começou com a chamada digital e mesmo assim você tinha essa dificuldade de material?

PE: Sim.

M: E, você falou, ali no momento (+), da questão da, da massividade'', que você não queira que os programas se tornassem massivos. Como você enxerga essa diferença, então, é do programa massivo, o que era essa massividade e qual era o diferencial dos programas que você tinha que ter pra não se tornar massivo?

PE: Ah tá! É, assim, a questão da massificação é, porque, a gente tocava rock, tocava música internacional. Era uma rádio comercial, comercial'' e eu também tinha um programa que tocava de tudo, né, uma SALADA DE FRUTA, enfim! Tá, só que começou a ficar, assim, tá, aquilo começou a me incomodar, sabe! Quando a gente veio pra escola e fez o projeto começou a me incomodar. Porque a gente se estendeu no Estado, mas a gente não pode ser isso, né? Assim, e os alunos? Aí a gente tá fortalecendo, a gente tá trazendo para o espaço de dentro da escola eh tipo de música que é questionável, né? Tem músicas americanas, europeias que TEM uma crítica, tá? Mas, a gente tá trabalhando (+) aí a gente tem que traduzir a letra e tal, enfim, aí foi uma das brigas com o R. Por que o R. (+) a gente não pode mais suportar mais isso, né, tem que ser uma rádio educativa. Tem que ter temáticas'', músicas com outro perfil. Por exemplo tocar músicas nacionais, regionais e ele achava que não! Porque aí a gente vai perder a audiência, tá! Mais a audiência que a gente tem quando a gente faz um programa com determinadas temáticas essa massividade não te acompanha''. Então, não é de massa'', entendeu, eh (+) aí, assim, foi com muito custo que eu dei uma guinada, eu reinaugurei a rádio (+) a gente reinaugurou a rádio.

M: Esse período que você falou de rádio comercial é o que no projeto de implementação você chama de rádio convencional? [[Isso! Convencional.]] Convencional, aí, ela se torna educativa a partir do momento em que vocês colocam dentro da escola e você tem essa preocupação de conteúdos?

PE: É. Até do tipo de música. Agora mesmo a gente montou a outra a Rádio Camélia ((web rádio que o professor entrevistado montou na própria casa após o término da web rádio dentro do colégio)), tem músicas nacionais e regionais e continuam com o mesmo perfil, que dá resultado, assim, no início ninguém escuta, se liga lá, não tem'' ninguém e isso já é

esperado. Você não tem ninguém. Quando a gente começou a fazer a rádio educativa não entrava ninguém'' e ninguém'' escutava. Daí cadê aquela massa? Cadê aquele povo todo?

M: Você não acha que existia às vezes uma expectativa das pessoas de que um programa educativo não seria uma repetição da sala de aula? ((gesticula afirmativamente)) Por exemplo, como você se preocupa com essa diferença? (+)(+) Porque eu lembro de um programa que eu assisti e até comentei com você, que a professora falava no microfone como se ela tivesse em sala de aula. Ela começava a frase e esperava que os alunos terminassem. Ela'' tava falando e ela parava de falar e esperava que os alunos da plateia ficassem em silêncio e na rádio ouvindo [[Ah tá]] a gente não entendia muito bem |O que tá acontecendo?! |Por que ela parou de falar|?

PE: É uma BOA, uma boa observação, que depois eu percebi isso com os meus alunos do projeto' (+) isso é bem interessante! Porque como é linguagem, né, a gente tem dentro da sala de aula de acordo com a sua disciplina uma linguagem. Chama-se linguagem escolar. Quando você traz a rádio, você tem que se adaptar com um outro perfil de linguagem (+) linguagem socioeducativa (+) então, o que é isso? Então, quando eu tô lendo um texto que vai pra rádio, eu tenho que ler o texto de forma que o meu ouvinte possa entender. Que é um texto que eu estou dialogando com o ouvinte. Então, que acontece, a linguagem escolar, ela não coagula com a linguagem radiofônica, ela é diferente, então, o que acontece com o professor, o professor entra'' na sala de aula e ele tem'' um ouvinte, os alunos, são os ouvintes, e ele vai falando, vai falando e aí, o que acontece, o professor, aquela linguagem, aquela linguagem corrida, a leitura do texto, a leitura corrida não serve'' para o espaço da rádio, então, o que, que acontece, o professor, muitos professores colegas, assim, para, para os colegas (+) comecem a participar eu fui convidado. Se você tinha um mestrado te chamava, assim, |Olha você não quer falar sobre a tua pesquisa na rádio?|. E aí os professores começaram a participar, então, quando um professor que estava em sala de aula ia para a rádio, ele levava aquele perfil para dentro da rádio e quando, como é isso que você observa'', quando que aconteceu isso? Quando o professor ia, aí foi uma das terceiras fases, que nós começamos a chamar os alunos para participar do programa ao vivo. Então, lá na frente a gente arrumava cadeiras e tal. E os alunos sentavam e chamava o professor e o convidado e falava e aí era um modelo escolar, tá, então era um professor que você conhece'', é TEU professor que está falando na rádio e aí você vai ter o comportamento da sala de aula. Os alunos vão ter o comportamento de sala de aula e o professor, por sua vez, vai ter o comportamento'', percebe? Então, eh a gente tava dentro de um outro sistema de comunicação. O que as relações, elas diferenciavam, né, é outro perfil. Então, você tem o aluno que ESTÁ ali, MAS

você tem um universo de pessoas que você não sabe quem, que também'' estão escutando, tá, eh e aí, assim (+) quando eu conversava (+) e aí o professor depois escutava na (+) no Youtube, e ele pedia pra tirar [[Como assim?]] Ele, ele pedia pra tirar. Porque ele percebia [[Ele, ele ficava, como se constrangido''?]] Eh constrangido''. Por que aquela fala, porque pra ele, por que, assim, uma FALA de sala de aula é uma coisa, uma FALA dentro de uma TV de uma rádio é outra. Você tem uma outra postura, né, você veste'' máscaras, é outra imagem, então, quando ela se via, ela pedia pra tirar ou enfim, as /

M: Mas, esse pedido pra tirar, por exemplo, eh despertava no professor um questionamento sobre a prática dele?

PE: SIM, ele pensava na prática dele [[Ele percebia?]] Percebia.

M: Por que em sala de aula ninguém'' tá gravando a gente, e a gente as vezes não se vê! /

PE: Essa professora mesmo'' ((fazendo referência a professora participante do programa anteriormente citado)). Ela me procurou e falou assim |Olha! Eu mudei o meu jeito de dar aula!| /

M: Só de PARTICIPAR do programa?

PE: E de se VÊ, [[De se vê fazendo?]] De se vê''. É, por que, quando você fala assim, não, a gente já tá tão'', ISSO aqui já tá tão introjetado na gente, ESSE estilo, ESSE jeito de professor, que você anda rua a pessoa sabe |Aquele é professor!|. Isso te deixa marcado, tá, então'', esse jeito de professor, o de falar, sabe, eh (+) então, EU APRENDI A FALAR. Eu tive que aprender a falar, falar PAU-SA-DA-MEN-TE, ACENTUAR algumas palavras. Quando você acha que aquela palavra é importante pro TEU ouvinte, então, tudo'' isso eu fui aprendendo eh (+) tem, tem aquele livrinho (+) agora eu esqueci o nome (+) aquele livro que (+) [[sobre rádio escolar?]] Isso, rádio escolar, ele foi muito importante eh (+) [[do professor Baltar.]] ((gesticula afirmativamente)). Essa linguagem radiofônica é diferente, então, esse jeito', essa linguagem radiofônica, eu levei pra dentro de sala de aula, para as minhas aulas, as minhas aulas (+) eu falo positiva dessa da rádio /

M: E você percebe que os alunos [[Eles percebem!]] compreendem? [[Compreendem.]] de forma diferente?

PE: É outra relação.

M: Uma coisa (+) essa linguagem que você chama de linguagem radiofônica (+) você percebeu que permite os alunos maior participação? ((gesticula afirmativamente)) (+) Porque você falou da postura do professor, o professor com uma postura típica de professor, os alunos com a postura de aluno, às vezes o aluno (+) ele não questionava, ele não fazia perguntas justamente por ter a imagem daquele professor na frente dele [[Sim]] Você percebe

que essa coisa que você falou |Eu aprendi a falar| também mudou a forma que os alunos se põem na sua frente, como que eles se relacionam com você?

PE: Porque, eu, eu faço que os alunos tivessem sendo preparados para participar de um programa de rádio.

M: Como é esse, esse preparo?

PE: Sempre na leitura. Lá, lendo um texto, ele vai lalalala CORRENDO, |Não. Calma, calma, calma| (+) aí eu, eu trato os alunos como se fossem ouvintes. |Vocês estão entendendo o que ele está falando?|. Então a leitura. Eu tenho'' que entender'' o texto. Então, aquele, aquela fala de quando a gente liga o rádio que você entende o locutor, bem, que você entende o entrevistado e o locutor (+) eu, eu fico imaginando |Será que o aluno tá entendendo?|, aquela pergunta que eu me fazia, |Se você fala muito rápido será que o cara lá em casa tá entendendo?|. Então, fala PAUSADAMENTE, eu sempre' orientava, fala PAUSADAMENTE, sabe eh não tenha pressa. Se você for ler um texto, leia com calma, sabe, então, o que, que acontece, isso, os alunos, esse' modelo, essa' linguagem da rádio por dentro dessa aula ou alunos estão com a preocupação de entender e quando alguém lê (+) eu peço muito pra ler em sala de aula (+) o pessoal |Não tô entendendo!|, aí a pessoa vai percebendo [[Então você]] se ouvindo /

M: Você percebeu que o projeto de rádio escolar modifica o processo de comunicação entre professor e aluno, não só do professor que tá na coordenação, um professor que participou de um programa já conseguiu perceber essa necessidade de mudança ((gesticula afirmativamente)). E, o teu público ouvinte, você em alguns programas, você colocava plateia, mas tinha as pessoas ouvindo como que era a participação dessas pessoas que estavam ouvindo?

PE: As online, [As online, é!] a gente tinha pelo Mirxl, que tem uma plataforma que propicia você escrever, tinha o Whatsap e tinha o Facebook. Então, sempre a gente abria mensagem, tanto que tinha uma, uma, uma da equipe que ficava só' cuidando dessa parte de recebimento. Mas, sempre, dependendo do tema, se o tema era polêmico, sempre tinha participação, as pessoas participavam tanto presencial. O presencial a gente meio induzia, né, fazia pergunta, né, mas depois [[Induzia como? Você pedia pra preparar a pergunta antecipadamente]] É, mas, depois eh depois, isso foi nos primeiros, depois quando a M. participou, a professora de história, participou aqui falando sobre sexualidade. NOSSA! Aí não teve, né, aí os alunos participaram mesmo /

M: Eu lembro que foi esse programa que, que os alunos estavam participando bastante e tocou o sinal para uma turma ir para o intervalo, foi uma coisa assim (+) no meio do programa os alunos tiveram que sair pra ir pro intervalo, esse tipo de interrupção acontecia sempre?

PE: SEMPRE! Porque são modelos, né, por exemplo, assim, porque você quer o novo dentro da escola, mas você não abre espaço pra dinâmica do novo, então, você quer o novo dentro da escola, mas com as REGRAS que a escola tem (+) as regras pré-históricas, então há conflitos, vai acontecer conflitos, assim, assim, eh hoje a minha experiência'' me aponta isso. Aponta, apontou, eu percebia isso, mas, agora distanciado eu percebo mais, esse modelo não, esse modelo de escola não suporta o novo, ele faz de tudo é assim, pra, pra que o novo se adapte ao velho [[Ao que já existe]] ao que já tá aí, eh no início, assim, é que tem o sinal, tem o horário de entrar, sabe, então /

M: Como que isso influenciava no desenvolvimento da rádio?

PE: Ah muito, muito assim (+) te quebrava as pernas, né, porque eu fazia um programa de uma hora lá na frente, em frente à secretaria [[Na entrada da escola.]] Na entrada, aí entrava pai, às vezes tinha reclamação da secretaria, assim, reclamação, assim /

M: A rádio não conseguiu um local reservado pra ela, como um estúdio?

PE: ((gesticula negativamente)) Porque era a M. (2.0) ((pausa porque o sinal de troca de aulas toca)) ((risos)) É essa a estrutura da Escola ((risos)) a M. ((risos)) (+) me convidou, ela já tinha uma outra ideia pra colocar a rádio em outro espaço, depois a M. saiu da direção, entrou a C. aí a gente manteve a rádio, depois (+) e foi eh a atual direção (+) a atual direção, ela não entende, assim, a atual diretora, ela não entende o que, que foi aquilo (+) o que, que assim, a gente colocou o nome da escola, hoje, hoje as pessoas me olham como o professor do A. ((refere-se ao nome do Colégio)).

M: Você percebeu isso P., por que eu vi em algumas situações em que o pessoal falava, o nome da rádio era Rádio A., mas o pessoal falava |a rádio do P., você percebeu que desconstruiu isso, ela deixou de ser tua e virou da escola?

PE: Isso! Quando, isso, eu, eu sempre batia |Não, o projeto é da escola!|. É a escola que tem que incorporar, é dela! Sabe, então, eu sempre fazia convite. Eu sempre chamava |A rádio é da escola|. Em reunião eu sempre falava tem que se apropriar disso |É de vocês!|.

M: E, essa dificuldade de se apropriar desse objeto tá relacionado a essa estrutura tradicional da escola, você enxerga isso?

PE: A questão tradicional e a questão RACISTA [[Racista]]. Por eu ser negro! Eh se lembra dos atores invisíveis que tem nos alunos, eu acho (+) depois eu percebi isso, algumas dificuldade FOI por eu ser negro [[Você percebe isso!]] Sim, com o R. não, o era branco e tinha transito, não tinha problema, agora quando você traz, temas, temas (+) quando você tem uma visibilidade, você passa a ter uma visibilidade (+) teve uma TV, a RPC que teve aqui [[Sim]] isso deu uma visibilidade'' pra rádio ESTRONDOSA eh aí, o que, que acontece

(+)(+) se sabe que o negro tem um lugar, né, então, assim, |Oh tá querendo aparecer!|, |Oh te vi na televisão!| eh, né, se sabe que essas sutilezas, né, [[Aquelas frases que ninguém identifica como racial] ((gesticula afirmativamente)) isso, mas, assim, você tá aparecendo demais, se vê aí, assim (+) tinha eleição pra diretor (+) as pessoas começaram a ficar com medo que eu (+) [[Foi por isso que teve, você acha' que foi por isso que teve uma denúncia logo depois do programa sobre o movimento da Marcha das Crespas]] ((risos)) Ah sim! [[Lembra que você foi e gravou a Marcha das Crespas]] eh eu gravei e entrevistei uma semana antes as meninas e depois elas falaram que tinha uma marcha. E, aí eu fui pra marcha e depois fiz um programa com as falas e a marcha. Tanto que se você olhar no Youtube tá lá elas falando e com as imagens. Depois foi uma só diretamente lá dá, enfim, é isso é racismo'', preconceito'', isso eu percebi, o incômodo das pessoas é por que você tinha uma pessoa, podia ser eu, podia ser um outro, né, outro negro'', você tem uma pessoa que começa a ter destaque que essa pessoa no papel dela na sociedade não é de destaque, né, a sua finalidade na sociedade que tem essas características tem que desempenhar outra função /

M: Você percebia isso, essa diferença racial eh até nos alunos que participavam do projeto?

PE: Muito (+) os que participavam diretamente?

M: Diretamente.

PE: Não, não [Nos do projeto?] Não, nos do projeto não. Uma coisa que eu percebi, né, fortalecendo essa minha (+) INTUIÇÃO (+) é o seguinte, todos os alunos da equipe eram os brancos [[Todos?]] Não tinha um negro ((fala pausadamente e batendo as mãos na mesa)).

M: Os alunos surdos participavam?

PE: Participavam [[Os alunos participavam]] participavam, mas, assim eh que acontece (+) se eu pego uma aluna negra, um aluno negro ele sai da invisibilidade, tá, pra você ver como que essa escola é (+) ela ééé fo::da /

M: E, nós estamos em uma escola em que a porcentagem de alunos negros não é pequena.

PE: NÃO, então, você vê, não foi por falta de convite, tinha gente, meninas negras com uma VOZ (+) cara eu dizia p...' (+) eu convidava a pessoa tinha vergonha, a não (+) porque, ele tem um papel e você introJETOU isso, que o |Meu papel é ficar nos cantos, no fundo|. Eles não falavam, não participavam, então, isso pra mim reforça que a minha participação, frente a rádio por ter ESSA pigmentação, isso INDIRETAMENTE influenciou e demais'' na rádio, sabe, porque as pessoas não, se sabe as pessoas não, não lidam bem com isso [[E, elas não percebem que elas estão se comportando]] Não, não [[ou você acha que é consciente]] O cara que é racista é consciente, né, ele é f... Ele É consciente (+)(+)

M: É, uma outra coisa, assim, você traz a questão do racismo, tem as questões de hierarquias também? A escola, o projeto dentro da escola ele conseguia aproximar os funcionários?

PE: Ahhh conseguia ((gesticula afirmativamente))

M: Os funcionários, as zeladoras, o pessoal da cozinha?

PE: Eu nunca'' tive problema, quando tinha convidado sempre tinha café, as meninas participavam e mandavam alô, então elas escutavam [[Elas se sentiam recebendo alguém para algo que era delas?]] Sim, então professores e funcionários, funcionários prINCIPALMENTE da higienização e da cozinha, da copa eles que tinham MAIS aproximação, diferente dos outros, da secretaria e professores.

M: Porque a gente, a gente que tá dentro da escola, a gente enxerga essa separação, né, o professor trabalha há vinte anos na escola e não sabe o nome da FUNCIONária que faz o café pra ele todos os dias (+) e na rádio você conseguia perceber que elas entendiam o projeto? Elas como participantes do projeto?

PE: Isso, porque, assim, aqui é um fuzuê'', na quinta, na terça, na quarta (+) não sei que dia que eu vim aqui (+) essa escola era um fuzuê'', aqui tinha vida, tinha aluno, tinha alegria, os alunos no dia que tinha Recreio Interativo era festa, era festa'' [[Essa festa pra alguns se chama bagunça.] É, porque quebra a rigidez dessa escola, porque pra você ter um bom aluno você tem que enquadrá-lo. Tem que ser rígido. Não pode falar e na hora do recreio os alunos extravasavam e participavam (+) e aí era legal, porque tinha os alunos que participavam. Os alunos que vinham para a biblioteca pra ler. Então, você tinha, formava redutos (+) que é interessante você ver no recreio, tinha os alunos que ouviam música e tinha os alunos que ficavam ouvindo a música, mesmo se não gostavam, mas não queriam tá lá se mostrando e nunca, de novo, NUNCA tinha os alunos negros estavam lá na frente [[E refugiados e imigrantes?]] SEMPRE nos cantos, mesmo se você gostasse das músicas você não tava lá pulando e dançando. Então, digamos que eu fosse fazer um, um, escrever sobre a rádio, sobre esse'' perfil, isso daria um bom'' trabalho, porque o que é rádio e TV, visibilidade, e esses atores são invisíveis e têm que se manter invisível ou se possível sumir, da escola, entendeu. Chega a um ponto, que isso é TÃO forte, que eu percebi isso na rádio, que você vai sendo expurgado e você é expurgado da escola por incompetência SUA, entendeu, jogam pra você'' a responsabilidade (+) Porque, assim, você faz as leituras, você identifica o racismo, o cara racista, o olhar racista, a fala racista, porque você tá o tempo to-do a-cor-da-do para essas questões.

M: Hoje o projeto, da rádio, deixou de existir dentro da escola, você sente que as pessoas responsabilizam você pelo fim?

PE: Não [[Não]] Ficou bem claro que [[Ficou bem claro que]] Quando teve a tentativa (+) eu tomava umas cachaças pra pensar e fazia o seguinte |Vou colocar no Facebook!|, e colocava (+) a primeira que eu fiz coloquei a logo da rádio com uma faixa preta escrita Luto e não falei a-bso-lu-ta-men-te nada, *bummm*”, deu um *bummm*”.

M: De pessoas querendo saber o que estava acontecendo?

PE: ((gesticula afirmativamente)) Sempre de fora pra dentro, sempre de fora pra dentro.

M: Aí gerava reação interna? Depois que a cobrança de fora vinha gerava a reação interna?

PE: Eles perguntavam |O que, que houve?| mas, eu não respondia ficavam em silêncio. |Que, que houve?| |Que houve?| daí ligavam pra cá ((ligavam para o Colégio)) a penúltima a repercussão foi TÃO GRANDE [[A penúltima foi sobre a merenda escolar?]] Foi! Sobre a merenda escolar ((refere-se a um programa da rádio que estudantes secundaristas denunciaram fraudes na merenda escolar)), foi TÃO GRANDE, tava começando as ocupações no interior, que eu entrevistei o pessoal da UPES ((refere-se à União Nacional dos Estudantes Secundaristas)). Foi tão grande, que o Coronel responsável aqui de Pinhais me chamou pra uma reunião e o chefe do núcleo ((refere-se a chefia no núcleo regional de educação)), por que eles achavam [[Coronel, policial?]] É policial, que é responsável aqui doo batalhão daaa [[da patrulha escolar?]] Sim [[Á tá]] pra uma reunião. Foi a G. ((diretora do colégio)), foi eu e a pessoa responsável ((?)). Foi uma reunião tensa”, sabe, o que chamou (+) por que sempre chega distorcido, né, |Que tinha uma rádio em Pinhais que tava fazendo mobilização pra ocupação das escolas|, eu disse |Não tô sabendo de nada disso, eu desconheço, o que tem é que teve um programa que tá disponível e não tenho nada pra esconder, é só acessar tá lá, veja que não tem nada|. E, os meninos quando falaram, falaram, assim, muito bem e explicaram o que estava acontecendo, não teve nenhum” apelo, nenhum, que não é do meu perfil, eu NÃO FAÇO isso, aí o que, que acontece, foi conversou comigo, o chefe do núcleo falou que ia tentar conversar com a secretária ((refere-se a Secretária de Educação do Estado)), que assim, até então, ah (+) isso é um detalhe (+) a rádio NUNCA foi vista pelo Estado como rádio (+) porque era um programa do professor S. de artes, artes visuais [[o projeto estava no macrocampo artes visuais?]] Artes visuais, a gente começou (+) o R., depois que ele foi vice diretor, ele conseguiu atrelar isso ao projeto do S. O S. saiu para o PDE ((refere-se à licença para cursar o PDE)) e |Vamos colocar o projeto aqui!| encaixar ele aqui, tá, mas, assim, para o Estado (+) eh foi aí que o Estado começou a punir a rádio, porque o argumento era |Não o projeto aprovado é artes visuais, não é rádio!| aí quando você começou a se sentir incomodado você vem pela lei, né, pela lei não era rádio (+) que é outra’ estrutura que funciona dentro da escola, é legalidade, então |Mas esse projeto não é rádio, você não podia, nós que estamos

concedendo, na verdade é artes visuais| e aí veja só, eu já tinha uma carga, eu ia dizer f..., mas não vou falar essa palavra ((risos)) eu já tinha uma carga vio-len-ta [[Carga de?] de trabalho, sobre a rádio, aí como o Estado me pediu, que podia até trabalhar a rádio, mas eu tinha que trabalhar rádio e artes visuais, aí é que surgiu a ideia de filmar os programas [[Que até então os programas eram áudio]] Era áudio. Só não tinha essa preocupação, aí quando o Estado me forçou, aí eu digo |Não, vou filmar então! É áudio, vou filmar então e vou disponibilizar no Youtube|. Se é o áudio. Faz os cartazes, não tinha que ser artes visuais, os cartazes por que aí deu um *bummm*'' nos cartazes (+) eu sem-pre fazia, daí eu comecei a valorizar mais os cartazes. Mas os cartazes (+) peguei os cartazes dos alunos, eles pensavam comigo, da equipe, né, aí você imagina eu tive um espaço VIOLENTO, porque daí eu trago pra dentro do espaço escolar uma outra linguagem, que é a linguagem visual ((risos)) que já é uma outra /

M: Que a web rádio, ela soma todas essas linguagens, ela traz o áudio da rádio tradicional, mas, ela também traz a imagem, porque você não só ouve o programa você assiste ao programa.

PE: É, por exemplo, eu tô em casa, digamos (+) rádio (+) posso tomar água, posso tomar cerveja, posso tomar minha pinga e ninGUÉM tá vendo (+) essa outra linguagem é VISUAL, então, eu tenho que ter o que? Copo, chimarrão (+) não posso tá bebendo.

M: Você se preocupa até com o seu estúdio?

PE: TUDO, TUDO (+) é OUTRA linguagem, nós estamos falando de uma outra linguagem (+) então, quando isso veio pra escola os alunos tinham um outro comportamento, que estavam sendo filmados (+) entendeu, se você olhar, ouvir os programas, tem ruído no começo com áudio (+) quando você tem o programa visual, quando você tá lá filmando é oUTRO comportamento. E o professor convidado tinha oUTRO comportamento. E aí você tinha o quê? Quando era só áudio você tinha participação. Aí seus colegas diziam |Ah eu vou participar!|, mas quando começou a filmar (+) tinha outra sabe (+), então, você veja, você tem duas linguagens, eu trabalhei com duas linguagens dentro da escola (+) veja! É tudo muito sutil, né, ninguém percebe isso (+) isso é uma sutileza, mas (+) essa linguagem, que é o novo, né, pra dentro da escola eh suscita incômodo, né, que IMAGINE! É vi-su-al, a pessoa tem que se preparar, que todo mundo vai ver. Eu tive dois programas que tive que tirar do ar e não coloquei mais [[Dois programas, por quê? reclamações?]] Reclamação visual da própria pessoa. Não se via bem [[Ah a própria pessoa não se viu bem!]] Ahã (+) |Ah eu tava assim|, |Eu gaguejei|. Quando isso era só áudio, ela não ligava, por que ela também não escutava. Mas quando é visual (+) ela avisa pro seu pai, pra sua mãe, pro marido, pros filhos. |Ah eu vô tá lá no programa da rádio, lá no Youtube|, entendeu, mas, assim, eh tanto visual, como o outro, as

peessoas que participaram são outras pessoas. Mas assim, eh (+) tanto visual, como o outro, as pessoas que participaram são outras pessoas, são outras pessoas dando aula, ELAS me falaram.

M: Eh que a partir do momento em que ele se vê, ele começa a questionar uma prática que antes era naturalizada ((gesticula afirmativamente)). Eh você especificamente, P., eh foram dois anos de projeto. Você percebeu que mudou a sua prática? Você era (+) como era o P. professor antes do projeto de web rádio e o P. agora, depois desses dois anos, depois desse projeto de web rádio, como que é a sua prática pedagógica?

PE: Ah continua, ah mudou, assim (+) eu (+) pra mim a rádio não acabou. Acabou AQUI na escola, pra mim acabou aqui na escola. Mas, eu continuo com a Rádio Camélia. Que bom que (+) a rádio (+) que no início a gente ia colocar Rádio Camélia (+) Que bom que a gente não colocou. A gente ia queimar o nome, né. Então o professor T. foi fundamental e criou a arte (+) a gente ia fazer uma outra logo mas aí ele disse [Não a arte já está reconhecida, só muda o nome, né, deixa o microfone]. Foi uma sugestão que a gente recolheu e ficou acertado (+) Pra mim o projeto continua (+) Não continua aqui na escola, mas, a minha atitude como professor (+) as pessoas me VEEM como o professor da rádio, entendeu. No Dia do Locutor as pessoas me dão parabéns. Mudou a minha prática, o meu jeito de dar aula eh eu, eu comecei a prestar a atenção [Será que o aluno está entendendo o que eu estou falando?]. Então isso é dá rádio.

M: E a influência das tecnologias nisso. Você se obrigou a usar as redes sociais, que eu sei, que eu te conheço e você não gosta, não usava, não gostava de usar. Computadores, celulares, você passou a ser mais conectado com essas tecnologias, o que isso influenciou pra você?

PE: Ah os grupos de WhatsApp eh tem grupo dos alunos que eu coloco vídeos. Tem alguns programas que eu peço para os alunos ouvirem, concernente a disciplina eh então, assim, mudou a minha sensibilidade, de perceber o outro mudou, né (+) eh quando eu tô dando aula e o aluno surdo, assim, por que o problema do interprete NÃO é brin-ca-dei-ra, porque, o interprete fica me ouvindo eh imagina, ele tem que tá me ouvindo, passando pro aluno e se o aluno faz uma pergunta, ele tem que esquecer o que eu tô falando e ficar ali (+) aí já passou as informações [[Que habilidade incrível a do interprete, né]] aí o que, que eu tenho (+) me fez perceber, que quando tem alunos surdos na sala (+) outro ritmo (+) eu sempre pergunto [Eu posso avançar?]. Só avanço se der (+) e TUDO foi graças à rádio.

M: Os alunos que vêm de outros países que estão ainda aprendendo o português influenciam? [[Demais]] Então, trabalhar na rádio influenciou como lidar dar com eles?

PE: É, no que, assim, mudou a minha sensibilidade, mudou, assim, e não é uma coisa que acabou o projeto acabou a sensibilidade, isso não, isso incorporou eh assim (+) se você me

perguntar (+) se eu topava abrir o projeto de novo, eu NÃO TOPO MAIS [Dentro da escola não te interessa mais?] Não, [[um projeto como esse]] É, assim, eh isso supor mudanças na escola, e a escola não está disposta a mudar.

M: Mudança, assim, P. que mudança que você vê que é necessária: dos alunos, dos professores e dos gestores das escolas?

PE: Gestores. A M. é uma gestora que abriu a escola. Ela abriu pro novo, então ela divulgava, ela apoiava, ela divulgava a rádio, eh seee o gestor, só ele não, mas ele FAZ a diferença. Se o cara comprar a ideia de qualquer outro projeto: de fanfarra, de banda, de qualquer outra coisa, se o cara puxar vaii (+) faz diferença (+) mas, agora se ele não puxar (+) a chance de morrer é grande assim (+) eh (+) mas, mesmo, assim, o diretor comprar a briga, ele comprou a minha briga porque ele que responde na frente dos outros, porque os outros, eles não querem, eles ((refere-se aos professores)) querem manter essa matriz ((refere-se a estrutura da escola)).

M: E, nesses dois anos da rádio, mudou a gestão ((refere-se a direção do Colégio)) bem no meio do caminho [[Bem no meio]] ((gesticula afirmativamente)). Você acha que isso interferiu?

PE: Ah DEMAIS (+) demais (+) gestor, ele é fun-da-men-tal, ele foi fundamental para o fim da rádio ((refere-se a interrupção e cancelamento do projeto de web rádio)), porque você não compra briga, entendeu. Fechou, tem denúncia e você que tem que responder. Eu que respondia as denúncias, ia pra casa e respondia e eu (+) eh a Diretora só assinava e ficava como se fosse da escola, entendeu, assim, (+)(+) lá em Santa Felicidade ((refere-se ao bairro do município de Curitiba)) tem um convite pra montar uma rádio [[Santa felicidade]] Eu falei, assim, |Oh professor eu vou com o maior prazer, mas eu te digo, pensa BEM antes de fazer, pensa bem, você quer isso mesmo pra sua escola?| /

M: Então você se tornou até eh referência pra outros professores que querem montar uma rádio dentro da escola, eles querem que você ajude ((gesticula afirmativamente)). Porque é às vezes a gente fala, assim, de uso de tecnologias na escola, às vezes as pessoas, dizem que os professores não querem, você enxerga que o professor quer, mas ele precisa de ajuda?

PE: É, é [[Como você percebe isso?]] Se eu montar uma rádio HOJE (+) se eu fosse montar uma rádio hoje eu ia fazer totalmente'' diferente [[O que você mudaria?]] eu primeiro fazia uma conversa com os professores de português /

M: De português, por causa da linguagem?

PE: Da linguagem, porque você tem que preparar o aluno pra outro tipo de linguagem [[Não só a falada como a própria redação]] Própria redação, própria leitura é outra, é outro tipo, é outra leitura (+) preparar os alunos pra ouvir [[Ouvir]] Porque que a gente tá no mundo visual,

né [[Sim]] a gente vê, você não escreve, abrevia tudo, é rádio é outra linguagem e você tem que ouvir, você tem que parar pra ouvir, você pode até fazer outra atividade ouvindo música (+) música internacional não influencia, já dizia o professor P., né, não influencia porque eh não vai te atrapalhar, na concentração, mas eh aí começa ler com o professor e trabalhava com os professores de português, depois com os colegas fazíamos trê::s sema::nas (+) só professor (+) com site, como é que funciona, sabe, toda a dinâmica de rádio, com professor de física, fazer o microfone, fazer os alunos ver como é que funciona, assim, dentro da escola (+) eh assim, pra depois montar a rádio aí depois eu digo |Vocês estão dispostos?|, |Isso aqui é rádio eh traz estas possibilidades, as novas possibilidades, a escola está disposta a enfrentar, aí vocês me contam e daí me procuram!| (+) Não, não dá pra fazer e largar (+) e teve um locutor que a gente trouxe que falou pra fazer (+) pra se espalhar pelo Estado e eu disse que não dá (+) que não funciona assim/

M: Que não funciona chegar o Estado e falar pra escola |Todas as escolas hoje vão montar rádio!| [[Que nem o grêmio]] Como é o grêmio! ((refere-se a criação de grêmios estudantis))

PE: Lembra do grêmio (+) tem um professor responsável, responsável no núcleo que MONTA grêmio, isso não existe (+) isso tá fa-da-do ao fracasso. Grêmio parte dos alunos (+) isso tem que partir da comunidade, entendeu, tem que partir da comunidade.

M: Então, você acha, assim, você falou pra mim que a rádio começou de fora pra dentro, você vê que esse foi um erro?

PE: Então, pra divulgação, foi, foi acertado (+) e quando tentaram ACABAR a rádio tive fortalecimento EXTERNO. Mas, assim, pra você fazer uma rádio que a escola está disposta a romper com essa matriz rígida, assim, eh tem que ser de dentro pra fora, mas o que isso vai trazer mudança pra escola/

M: Por que a escola diz pra você o que, que ela precisa!

PE: Isso! Entendeu, isso é novo, é novo. Eu não disse, QUE TEM QUE TER muro, tá. Tem muro, ter isso é simbólico dentro da escola. Você não quer a presença do novo dentro da escola, que, que é que vem pra escola, são os que estão de fora. Então, essa nomenclatura de dentro e fora isso é MUITO simbólico. E, essa é que ultrapassa os muros da escola. A rádio ultrapassa e isso é simbólico! Isso aqui (+) as pessoas estão dizendo coisas da escola, então quem são esses (+) quem são esses alunos? São de fora. Quem são os marginais? O aluno, que entra aqui dentro é'' marginal. Então quando bate o sinal e ele vai para rua ele é um marginal e qual que é o papel da escola? É, é trazer esse marginal, que é' minha co-mu-ni-da-de, para dentro desse espaço e eu vou FORMATÁ-LO. Então, tem muita coisa pra se pensar pra,

assim, de projetos, entendeu, eh essa coisa, assim, que você quer fazer uma rádio TEM que estar disposto à mudança e isso tem que se trabalhar internamente.

M: Essa mudança (+) ela é influenciada pela formação inicial? Influenciou você? A sua formação inicial? [[Como assim?]] A tua prática de montar o projeto da rádio você é formado em filosofia, mas você fez um mestrado, por exemplo, em tecnologias, eh você acha que influencia ter uma formação específica?

PE: Sim, sim eu fiz (+) eu fiz minha especialização em cinema (+) eu fiquei (+) eu fiz um ano de prática de cinema, de teoria, de filmagens. Então, porque, assim, quando eu entrei no estado em 2006 (+) eu sempre gostei por trabalhar com mídias, assim, eu fui aprendendo (+) MAS, quem que me colocou vírus foi o J.V.((refere-se à um professor que desenvolveu uma pesquisa de mestrado com turmas do professor entrevistado)). O J.V. fez o mestrado lá no O. E, ele fez um documentário que a gente ajudou. Então o J. teve uma câmera, uma filmadora e depois foi embora e eu trouxe isso pra dentro da minha disciplina de filosofia (+) foi o uso das tecnologias, então quem foi o responsável foi o J., mas não tinha, não sabia [[Você precisou como se fosse de um mentor?]] é, então ele veio, trouxe e despertou o interesse (+).

M: E, como que no projeto da rádio, você tinha um número fixo de alunos participando diretamente? Como eles chegavam até você?

PE: Ah o Estado diz que tem que ter uma turma [[Uma turma?]] É, uma sala. É você tem que escolher uma turma, tem que ser todos e cadastrar todos na rádio/

M: Por exemplo, assim, você é professor (+) você tem todo o ensino médio, você tem que escolher uma turma do seu ensino médio, pra participar?

PE: Pra cadastrar no projeto (+) se pensa, né, isso já te trás [[Então, não era o aluno que vinha até você e falava professor quero participar?]] Tinha isso [[Tinha isso]] tinha isso, mas, o aluno que participava era o aluno da turma do projeto.

M: Então, tinha a turma pra cumprir burocracia e tinha os alunos que participavam por desejo de participar?

PE: Sim, aqueles que gostavam, que se identificavam [[eh isso era mais ou menos quantos? Varia muito?]] ahh e::ra cinco, de::pois que eh que os alunos participavam, tinham fila pra entrar (+) tinha que fazer entrevista [[Você fazia entrevista]] Sim ((risos)) porque isso era espontâneo'', aí, então, o que acontece (+) veja na matriz no novo, o que acontece, tem o responsável do núcleo a rádio, isso não funciona (+) não é? É o Estado, veja é tudo é quantidade, é chamada, sabe. Então, você NÃO TÁ disposto pra novo/

M: Na rádio você tinha que fazer relatório particular de aluno e individual de aluno?

PE: É, prestar conta, relatórios dos programas, sabe, eu fazia o relatório e não tinha feedback/

M: Você enviava o relatório pra secretaria e não volta nada pra você?

PE: Nada (+) tá errado (+) será que não teriam sugestões, será que não teriam? Sabe.

M: Mas na secretaria de educação nos macrocampos, lá tem as pessoas responsáveis, por cada macrocampo. Você nunca teve um retorno da pessoa responsável [[a pessoa]] do seu macrocampo?

PE: Sim, a pessoa me cobrava o relatório ((risos)) /

M: Cobrava o relatório. Mas, quando você mandava o relatório não tinha retorno?

PE: Nada! Convidava |Venha aqui. Vem participar!| nunca veio participar [[Nunca participou]] os responsáveis nunca vieram aqui (+) nunca colocaram O PÉ aqui na escola. Eu vi (+) um programa sobre educação que veio o chefe do núcleo pra falar sobre o IDH baixo [[ah o IDH]]. Eu fiz um programa sobre, sabe (+) ih veio aqui (+) e ninguém. Convidei a Secretaria de Educação, a secretaria mandou o chefe (+) alguma coisa assim, assim (+) enfim (+) ele pra mim é assim (+) eh um cavalo de troia. Você pode até entrar como uma subversão, né, uma subversão, mas (+)(+) ah'' quando eu tirei a rádio daqui, teve professor, dentro da escola (+) uma das denúncias não foi um pai (+) foi um PROFESSOR, colega meu que denunciou. Isso a gente já sabe! Mas, assim, quando eh (+) saiu a rádio (+) no grupo da escola ((refere-se a um grupo de WhatsApp)) |Ah foi melhor mesmo, o P. tem que fazer isso fora da escola!| [[Na sua casa sem interferi na rotina]] Sim, sim, sem interferir na rotina!

M: Mas, esse professor que tem esse posicionamento é o professor que tinha problema /

PE: É o professor que não tem coragem de falar /

M: Sim, mas (+) esse professor que tem esse posicionamento, é o professor que tinha, tem, tinha rejeição com a web rádio em específico ou é o professor que se posiciona contra QUALQUER mudança dentro da escola?

PE: Qualquer ti-po de mudança. O cara é' reacionário. O cara é' coxinha. É um pobre fu-di-do. Batedor de panela ((risos)) é batedor de panela (+) e que, que não quer mudança [[Reclama da qualidade da educação]] Sim! Reclama do governo [[Mas não quer mudar]] Mudar é pros outros, né. Desde que essa mudança não me atinja, né.

M: E era essa pessoa (+) era essas pessoas, com essas características que, que (+) de alguma forma menosprezava os trabalho dos alunos? De alguma forma atrapalhavam os alunos. Porque reagir batendo de frente com o professor é uma coisa, agora eu, eu usar pra ?? com os alunos é outra?

PE: Pensa bem [[Isso me preocupa]] os alunos tem um tinham um tra-ba-lho eh (+) violento pra preparar os programas da rádio [[Que, que eles faziam preparando o programa? Qual era a função deles?]] Eles tinham o tema (+) o tema, separavam músicas, faziam entrevistas (+)

tinha uma preparação aqui, não era qualquer'' coisa'', eles tinham o programa a tarde, eles preparavam /

M: Então, o de filosofia, o de segunda-feira você que se dedicava mais tempo?

PE: É.

M: E, o da hora do recreio, o geração 15, era mais eles?

PE: Sim, eles [[Eles escolhiam o tema, eles que tocavam]] tanto que eles tinham um programa a tarde (+), só que não deu certo, que, que (+) tem outro, tem mui-ta coi-sa, tem muita coisa.

M: Vamos falando /

PE: Só que eu tenho aula agora (+) tem muita coisa que, assim (+) já vem à pressão dos pais, entendeu, o aluno se identifica, mas aí já começa ah priorizar mais a rádio. Mas, a rádio tá ajudando ele na escola. Qué vê uma coisa (+) quase to-dos os a-lu-nos da rádio foram pra conselho de classe, isso é sintomático/

M: Foram aprovados por conselho de classe?

PE: Não! Foram reprovados [[Reprovados]] Quase todos! Isso aí É significativo. Isso é um alvo (+) você não tá (+) você não quer (+) você não con-se-gue atingir o professor. O que eu fiz? Eu joguei pro ventilador. Então, as pessoas tinham receio'' de me enfrentar, que me enfrentando, eu jogava pra rua, então (+) não se manifesta. Eu pedia assinatura |Então você quer que fechar, então assina um documento pra mim que você quer que fecha!| Mas ela ((refere-se a direção do Colégio)) nunca assinou, né. Então, como é que ela atacava? Quando vinha pais ou quando vinha (+) eh (+) cabo, cabo de extensão, os alunos iam lá e não tinha. Sumia! Caixa de som sumia, vivia sumindo, aí que, que eu fiz? Comprei tudo. Meu carro tá cheio de microfone /

M: Você carrega de um lado pra outro?

PE: De um lado pra outro |Ahh não tem?!| vô lá no meu carro e pego e tá aqui (+) e aí sabe o que acontecia, eles faziam boicote. Pra não ter (+) e chegava lá tá aqui o fio, tá aqui o cabo.

M: P. você acha que os professores (+) participar desse tipo de atividade (+) tem a questão de estudar mais, questionar a sua prática, mas tem uma questão familiar. Você trabalha MUITO mais do que a sua carga horária de trabalho. Como que funciona isso? O apoio da sua família é importante nesse aspecto?

PE: Ah sim.

M: Porque você falou da questão financeira, querendo ou não mexeu com o planejamento financeiro da sua casa?

PE: Eh se (+) se (+) a L. ((esposa do professor)) sempre falava assim |Se você gosta!| (+) Ela, ela é pesquisadora. Ela eh fotógrafa |Pro meu trabalho ter um bom equipamento é fundamental, então, se gosta disso? Você tem que ter um bom equipamento!|. Então, ela sempre apoiou, né, eh teve paciência, porque ((risos)) com a rádio (+) ainda mais nessa outra, nessa última fase agora que eu estou montando a rádio que precisa de testes e testes e testes (+) Ela sempre apoia. Tanto que lá em casa a gente chegou a montar um espaço para Rádio Camélia (+) eh, assim (+) mudou a minha vida, mudou [[Particular e profissional?]] Profissional, mudou eh, assim, eh mudou e acrescentou, né? Eu não vejo mais a sala de aula como um bico. É assim acrescentou. É, assim, não é (+) assim (+) agora você tá |Você pode ganhar dinheiro com rádio?| Não, não é essa minha ideia, né, mas, assim, acrescentou muito na minha vida profissional. Como professor, eu sou um professor de filosofia e história mais contaminado pela (+) pela (+) por essa linguagem, né, eh eu brinco, eu entoo, eu uso aquela minha coisinha (+) eu faço, mudo, coloco eco, dô mais ênfase na voz [[Você usa microfone pra dar aula, né?]] Sim, isso dá eh outra coisa, é outra coisa. É como se o aluno tivesse, assim, mas aí |Você cansa?| Cansa, que vc tá dando (+) não é espetáculo, não é fazer isso que o Estado quer, que você pule, que você dance (+) Não é isso. Assim eh a voz, eh a entonação [[Tua postura]] Eh linguagem, né.

M: E muda? Por que você tem de sexto ano até terceiro ano do ensino médio, ensino fundamental e ensino médio. Você percebeu que (+) você é um professor com o ensino fundamental e outro com o ensino médio ou não?

PE: Ah sim eh ach::o que tem que ser divertido. A rádio diverte, né, e os alunos, tanto que a tarde eu fiquei no sexto ano aqui (+) eles vão fazer um programa [[Você tá com sexto ano]] Sexto ano (+) um programa de rádio ou TV (+) eles estão decidindo ainda. Mas eu trouxe eles pra cá ((refere-se a Sala Multiuso)) Pen::sa o que foi o recreio! Eu cus::tei pra chegar até a sala e eles me perguntando |Se podia? Como é que faz? Vai ter microfone? Tem que pegar filmadora?| Dá um'' (+) mexe com eles /

M: P. você fala muito do recreio, que é o horário de intervalo dos alunos. Você é um professor que passa pouco tempo na sala dos professores e mais tempo no meio dos alunos? [[Sempre]] E, você acha que passando essa hora do intervalo com os alunos na hora do intervalo influencia a sua prática?

PE: ((gesticula afirmativamente)) Ah DEMAIS! Porque (+) porque, assim, é um momento de relaxamento, eu sempre gosto (+) lá no O. eu fazia isso (+) sempre isso (+) antes de começar as aulas, na entrada, eu ficava no pátio vendo como que os alunos se relacionavam, e uma coisa que sem-pre me chamou a ATENÇÃO (+) e esse já é um outro trabalho legal que dá pra

se fazer, que é o seguinte, você (+) nesse momento de entrada, é o momento que você tem pra ser livre dentro da escola, entendeu, observe isso! Quando os alunos estão na entrada eles vão para os seus espaços, um espaço pra ficar sentado no corredor, pra jogar bolinha, pra jogar saquinho, jogar pingue-pongue (+) o outro vai pra quadra jogar e o outro vai (+) e você não percebe UMA BRIGA (+) eu nunca presenciei uma briga nas entradas, NUNCA, uma briga. E você tem briga quando? Quando bate o sinal. Quando bate o sinal você começa a ter os problemas, né, porque o aluno tem que ser for-ma-ta-do, né, bem aquela música do Pink Floyd, né, tem que ser formatado e ao ser formatado tem o que se adaptar a formatação e tem os que re-jei-tam, né |Essa forma é muito apertada pra mim!| E, aí ele reage, né, é reação (+) não é aluno indisciplinado (+) eh você tá reagindo. Nós professores, a gente reage quando o Estado quer nos formatar, quando quer apertar a forma, entendeu, então os alunos estão reagindo (+) porque que, então, quando tem esse momento eles não (+) eles não (+) não tem briga. E, quando bate o sinal (+) e veja a postura do aluno que entra pra escola, é alegre, quando bate o sinal dá pra perceber, olha a carinha dele (+) que você vê? Então, ISSO AQUI TEM QUE SER MUDADO, isso aqui, sabe, é uma VIOLÊNCIA.

M: Você acha que a violência escolar é influenciada pela estrutura da escola?

PE: Ah sim, as pessoas estão reagindo, as pessoas não estão sendo indisciplinadas, elas estão reagindo (+) tão reagindo (+)(+).

M: E, você tem a intenção de tornar essa sua experiência com a web rádio numa pesquisa pro seu doutorado?

PE: Sim. Já estou estudando. Já, tô lendo pra refletir isso, sabe, tem muito (+) muitos detalhes que ajudam a olhar a escola, sabe, é o olhar da filosofia, né. Você tem que descortinar isso, né, é essas identidades, esses conflitos, essas identidades, né. Tô lendo o livro do Raul Bitencour que ele fala da identidade, interculturalidade dentro da escola, dentro do mundo, né, essa interculturalidade dentro do espaço da escola, sabe, é presente na sala de aula. EU participei de panelinha, VOCÊ participou, isso é [[Que era o grupo de identificação]] É a identificação. Então, existe. É isso, o mundo é isso. O que a escola faz? A escola estraga. Veja os alunos de sexto ano (+) acompanha os alunos de sexto e como eles chegam no terceiro ano (+) a escola fez o seu papel, acabou com aquele ÍMPETO com aquela coisa (+) aquela se-de, aquele per-gun-tar, correr, querer saber (+) chega já no sétimo, no oitavo ano, eles já tão (+) que você pede, o que, o que que você (+) qual é o som que você mais ouve do professor nas disciplinas de sexto ano?

M: shiiii

PE: Shiiii (+) isso é (+) então, TUDO ISSO eu agradeço à rádio, a rádio me fez ficar atento com esses sinais.

M: Despertou a tua observação? Muito maior?

PE: ((gesticula afirmativamente)) Porque pra ouvir a rádio, para ter um som bom, de qualidade (+) tenho que escutar. Eu tenho que ser sensível (+) |Isso tá dando falha humm isso não tá certo| eh |Essa música tá aqui| eu (+) NOSSA (+) o que eu tenho já procurei por site, por que isso aguçou a minha audição, né, e meu olhar (+) eu fiquei chato, eu acho ((risos)) NÃO! EU FIQUEI CHATO. Mas sempre assim, o aluno tem o grupo que conversa, sempre tento interagir com o grupo, né (+) mas (+) voltando a pergunta lá do recreio (+) sentar com os alunos na hora do recreio eh primeiro que você deixa de ser o inimigo, né? O Estado diz que você tem que ser o inimigo. Tem que ser um capataz''. Para que o Estado'' tenha suce::sso pra sua formatação, né, eh eu me coloca na frente dos alunos eh |Olha! Tô aqui para te dar para que você aprenda as possibilidades, que você tenha ascensão na sociedade.| eh |Você vai ter que trabalhar.|, |Vai ter sua família, você vai ter que fazer uma escolha.| né (+) mas, assim, |Eu tô aqui quero te ajudar, te dar as ferramentas pra que você possa disputar.| (+) você tem uma escola pública e uma escola particular (+) as ferramentas que são dadas para esses alunos são totalmente diferentes (+) então, o cara que estuda na escola particular, ele tem um bom tênis, ele tem uma boa estrutura, tem uma boa alimentação, estrutura familiar e da escola (+) e aí depois no vestibular, no Enem (+) você da escola pública que tem um tênis estragado, que você tem que almoçar eh na escola (+) o que você come é lanche o da escola, e você tem que ir para o trabalho eh você vai disputar uma corrida com ESSE cara (+) Se eu descobrir qual é o MEU papel como professor, é dar ferramentas para esse cara, então eu não posso ser (+) ele não pode me ver como inimigo (+) ele tem que me ver, não como um amigo, mas alguém que |Conta comigo que eu vou te dar as ferramentas pra você fazer um combate.| É uma GUERRA, é uma guerra, por que assim é desumano. O que esse sistema faz com esses alunos, com esses alunos PO-BRES e NE-GROS, então, nem se fala, nem se fala. E veja (+) Tem uma outra coisa (+) visual (+) é o capuz, né [[Eles se escondem, né]] QUE, QUE É ISSO! Pede pra ir lá na frente (+) eles tem vergonha de falar/

M: Isso começa, na verdade, a partir de uma certa fase, porque quando é criança pequena/

PE: Não, sétimo (+) começa no sétimo ano. Eles começam a usar o capuz, pode tá um sol rachando ele tá com capuz. Escondidos, né.

M: Aí vem a diferença, né, do professor que sem-pre está na sala e o professor de educação física, por exemplo, porque eles AMAM tanto o professor, por que eles gostam de estar fora da sala, né?

PE: SIM, e a gente também gosta, né ((risos)) [[A gente também gosta!]] Faz reunião de manhã pra ver se você fica um dia inteiro sentada (+) quanta gente vai para o celular?

M: Mas, na verdade se você observar o próprio comportamento da formação continuada dos professores (+) acho que o professor é o público mais difícil pra gente conseguir fazer uma formação, né?


PE: Porque a gente JÁ SE CONVENCEU que isso aqui é torturante, né. Porque se eu não gosto (+) quando fazem com o professor (+) a formação você acha chato, imagina o que a gente não faz com os alunos? (+) Os alunos tem o direito de reclamar! Eles têm o direito'' de reclamar'', por que é chato mesmo. É CHATO.

M: Então, P., a minha pesquisa do mestrado (+) a gente traz justamente essas questões que você abordou (+) de que a minha questão é justamente perceber como que o projeto de web rádio influencia na mudança do professor ((bate o sinal para troca de aula e termina o tempo que o professor tem disponível para a entrevista)) na prática do professor e você traz subsídios para uma análise não só da rádio que existiu como para próximos professores que podem começar a questionar o trabalho mesmo (+) essa questão da observação que você falou. Tenho certeza que tem pessoas que você conversa que elas nunca se deram conta disso e não por maldade, mas por que elas estão encaixadas dentro daquele sistema. Então, eu agradeço pela sua entrevista eu peço para você assinar para mim o termo de consentimento.

PE: Claro.

ANEXOS

**ANEXO 1 – FORMATO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ATIVIDADE
COMPLEMENTAR CURRICULAR EM CONTRATURNO**


PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
ANEXO 01
FORMATO DE PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ATIVIDADE COMPLEMENTAR
CURRICULAR EM CONTRATURNO

NRE:
MUNICÍPIO:
ESCOLA:

MACROCAMPO	
TURNO	
CONTEÚDO	
OBJETIVO	
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	
AValiação	
RESULTADOS ESPERADOS	PARA O ALUNO
	PARA A ESCOLA
	PARA A COMUNIDADE
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
PARECER DO NRE	

13



PARANÁ

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO**

ANEXO 02

**PROPOSIÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES CURRICULARES
PERMANENTES:**

A oferta e configuração dessas Atividades deverão acontecer a partir das seguintes condições:

- Para a oferta de 05(cinco) Atividades, 02 (duas) deverão ser do Macrocampo considerado obrigatório, 01 (uma) dos prioritários, 01 dos eletivos e 01(uma) a escolher dos Macrocampos prioritários ou eletivos.

MACROCAMPOS	
OBRIGATÓRIOS	
Aprofundamento da Aprendizagem	Língua Portuguesa
	Matemática
PRIORITÁRIOS	
Experimentação e Iniciação Científica	
Direitos Humanos	
Meio Ambiente	
Promoção da Saúde	
ELETIVOS	
Cultura e Arte	
Mundo do Trabalho e Geração de Rendas	
Tecnologias da Informação, da Comunicação e uso de Mídias	
Esporte e Lazer	



PARANÁ

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO**

ANEXO 03

**ORGANIZAÇÃO DE PROPOSTA DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES CURRICULARES
EM CONTRATURNO PERMANENTE:**

NRE:

MUNICÍPIO:

ESCOLA:

MACROCAMPOS:

ATIVIDADES:

TURNO:

**DISTRIBUIÇÃO DAS
ATIVIDADES ao longo
da semana e horários:**

Segunda- feira:	Terça-feira:	Quarta-feira:	Quinta-feira:	Sexta-feira:

Nº DE ALUNOS

ATENDIDOS:

PARECER DO

NRE:

ANEXO 2 – RESUMO EXPLICATIVO DAS NORMAS COMPILADAS E DOS EXEMPLOS APRESENTADOS POR MARCUSCHI APUD MANZINI (2006, p. 8-10)

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
1. Falas simultâneas	[[Usam-se colchetes para dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	... B: mas eu não tive num remorso né' A: [mas o que foi que houve'' J: [meu irmão também fez uma dessas' B: depois ele voltou e tudo bem,
2. Sobreposição de vozes	[Dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno.	... E: o desequilíbrio ecológico pode a qualquer momento: acabar com a civilização [natural J: [mas não pode ser/ o mundo tá se preocupando com isso E./ (+) o mundo ta evitando/.../
3. Sobreposições localizadas	[]	Ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno. Usa-se um colchete abrindo e outro fechando.	... M: A. é o segu [inte' eu queria era:: A: [im M: eh: dizer que ficou pronta [a cópia A: [ah sim] M: ela fez essa noite (+)/.../
4. Pausas e silêncios	(+) ou (2.5)	Para pausas pequenas sugere-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundo, cronometradas, indica-se o tempo .	Ver exemplos no item 5.
5. Dúvidas ou sobreposições	()	Quando não se entender parte da fala, marca-se o local com parênteses e usa-se a expressão <i>inaudível</i> ou escreve-se o que se supõe ter ouvido.	... A: /.../ por exemplo (+) a gente tava falando em desajuste, (+) EU particularmenete acho tudo na vida relativo, (1.8) TUDO TUDO TUDO (++) tem um que sã::o (+)/ tem pessoas problemáticas porque tiveram muito amor (é o caso) (incompreensível) (+) outras porque/.../
6. Truncamentos bruscos	/	Quando o falante corta a unidade pôde-se maçar o fato com uma barra. Esse sinal pode ser utilizado quando alguém é bruscamente cortado pelo interlocutor.	... L: vai tê que investi né'' C: é/ (+) agora tem uma possibilidade boa que é quando ela sentiu que ia morá lá (+) e:le o dono/ ((rápido)) ela teve conversan comi/ agora ele já disse o seguinte (+) ...
7. Ênfase ou acento forte	MAIÚSCULA	Sílaba ou palavras pronunciada com ênfase ou acento mais forte que o habitual.	Ver exemplos

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
8. Alongamento de vogal	::	Dependendo da duração os dois pontos podem ser repetidos.	... A: co::mo” (+) e:::u
9. Comentários do analista	(())	Usa-se essa marcação no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere.	((ri)), ((baixa o tom de voz)), ((tossindo)), ((fala nervosamente)), ((apresenta-se para falar)), ((gesticula pedindo a palavra))
10. Silabação	-----	Quando uma palavra é pronunciada sílaba por sílaba, usam-se hífens indicando a ocorrência.	
11. Sinais de entonação	” ’ ,	<i>Aspas duplas</i> para subida rápida. <i>Aspas simples</i> para subida leve (algo como um vírgula ou ponto e vírgula). <i>Aspas simples abaixo da linha</i> para descida leve ou simples.	Ver itens 1, 6 e 8.
12. Repetições	Própria letra	Reduplicação de letra ou sílaba.	e e e ele; ca ca cada um.
13. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção		Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros.	eh, ah, oh. ih:::, mhm, ahã, dentre outros
14. Indicação de transição parcial ou de eliminação	... ou /.../	O uso de reticências <i>no início e no final</i> de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. <i>Reticências entre duas barras</i> indicam um corte na produção de alguém.	Ver item 5.